O ENTERRO DOS OSSOS

Um suspense de

RENATA MAGGESSI



Copyright © By Editora Coerência 2018

O ENTERRO DOS OSSOS © RENATA MAGGESSI
1ª Edição — Editora Coerência — Brasil
Todos os direitos reservados pela Editora Coerência

Produção Editorial
Diretora Editorial: Lilian Vaccaro
Revisão: Morgana Brunner
Capa: Décio Gomes
Diagramação: Fabiana Mattos Burilli

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)

Maggessi, Renata
O enterro dos ossos
1. Ed. — São Paulo — Editora Coerência 2018
ISBN: 978-85-5327-113-9
1. Literatura Brasileira 2. Ficção Policial I. Suspense

CDD. 869.3

Editora Coerência
Rua Pinhancó, 12A
Parque São Rafael — SP — Cep. 08320-350
Site:
www.editoracoerencia.com.br
E-mail:
lilian@editoracoerencia.com.br
Tel.: (11)2011-3113

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de Janeiro de 2009.

O ENTERRO DOS OSSOS

RENATA MAGGESSI



Para todos aqueles que sabem que
a verdadeira beleza vem de dentro.

Enterro dos ossos: comezaina no dia posterior a uma festa, banquete etc., aproveitando o que sobrou destes.
(HOUAISS, 2009, p. 770)

"Adoramos a perfeição, porque não a podemos ter;
repugná-la-íamos, se a tivéssemos.
O perfeito é desumano, porque o humano é imperfeito."

Fernando Pessoa

Prólogo

Janeiro, 1981

Eliseu estava especialmente feliz naquela manhã de verão. Seu pai, um engenheiro de renome da cidade de São Paulo que raramente tinha tempo para a família, alugara uma casa no Recreio dos Bandeirantes, bairro da Zona Oeste do Rio de Janeiro, onde tirariam quinze dias de férias. O imóvel, que ficava a poucas quadras da praia, tinha um quintal enorme e um jardim maravilhoso. Ainda não eram sete horas da manhã, mas o menino, no alto dos seus oito anos, queria explorar o lugar. Chegaram na noite anterior e ele não teve tempo de ver nada. Olhou para o lado e viu que Luísa, sua irmã de sete anos, começava a despertar. Levantou-se da cama e foi até ela.

— Lu, acorde! Vamos procurar tesouros!

Luísa abriu os olhos, deu um sorriso para o irmão, espreguiçou-se, levantou-se esfregando os olhos e arrumando o cabelo, e o seguiu. No quintal, Hulk, o cão da raça *Dachshund*, ao ouvir passos, começou a abanar a cauda, feliz por ter com quem brincar naquela casa tão grande, diferente do apartamento onde moravam que, apesar de espaçoso, não havia terra para cavar e esconder seus pequenos brinquedos.

Os irmãos verificaram o quarto dos pais e, constatando que ainda dormiam, abriram a porta da frente com cuidado e foram explorar o jardim, sempre com Hulk em seu encalço.

— Vamos, garoto! Vamos procurar tesouro! — disse Eliseu, animado, para seu amigo de quatro patas. Este, entendendo o comando, começou a pular no jardim e a farejar, como se estivesse realmente procurando algo.

Enquanto isso, Eliseu e Luísa corriam entre as flores e os arbustos, felizes por não estarem numa selva de pedras.

De repente, o cão começou a latir e os irmãos juntaram-se a ele. Ele havia

revirado uma parte do jardim e puxava algo brilhante. Ao ver aquilo, os olhos do menino reluziram. Realmente havia encontrado um tesouro! Os irmãos ajudaram a cavar mais um pouco até que conseguiram livrar a corrente e seu pingente do cárcere. Foram até a cozinha e limparam os resquícios de terra. O pingente trazia impressas, na frente, as letras I. P. e, no verso, as palavras *together forever*[1]. Aquilo fascinou os pequenos. É claro que tinham descoberto um tesouro e não poderiam parar de procurar, não depois de terem encontrado aquilo.

— De onde veio este, deve ter muito mais! — falou Eliseu, parodiando os filmes de piratas que tanto gostava. Ele e a irmã, sempre seguidos por Hulk, voltaram correndo para o jardim, mas quando iam recomeçar a exploração, sua mãe os chamou para tomarem café.

— Papai, mamãe, essa casa é da hora! Até encontramos um tesouro!

— Do que você está falando, Eli? — perguntou Sérgio, alegrando-se em ver a felicidade no semblante do filho.

— Veja! — Dizendo isso, o menino entregou ao pai a correntinha.

— Onde você encontrou isso?

— Na verdade, quem encontrou foi o Hulk. Mas tenho certeza de que encontraremos mais!

— Certo, certo, mas isso deve pertencer a alguém, talvez à pessoa que alugou a casa antes de nós ou até mesmo aos donos. Precisamos devolvê-lo.

— Papai! Esse é o nosso tesouro! Nós o encontramos! Achado não é roubado! — protestou Eliseu.

— Vamos fazer o seguinte: vocês guardam esse tesouro e, antes de irmos embora, perguntaremos ao dono se isso lhe pertence. Caso ele negue, vocês poderão ficar com ele. Combinado?

— Combinadíssimo! — disseram Eliseu e Luísa ao mesmo tempo.

— E que tal nos arrumarmos para ir à praia? O sol está lindo! — sugeriu a mãe.

Esquecendo a exploração como por milagre, Eliseu e Luísa correram ao quarto para pegar suas roupas de banho.

— Não, Hulk, você não vai. — explicou o menino. Não é permitido cachorro na praia. — O cão deu um gemido de resignação e foi deitar-se na

frente da casa. Vendo a tristeza nos olhos do seu amigo, Eliseu foi até ele.

— Hulk, você precisa ficar aqui e tomar conta do nosso tesouro! Quando voltarmos, continuaremos a nossa exploração! — Como se tivesse entendido cada palavra, o cãozinho abanou a cauda e fez uma carinha de cão de guarda.

Por mais que estivessem se divertindo, foi com tristeza que Eliseu e Luísa receberam a notícia de que não voltariam tão cedo para casa, pois almoçariam em um restaurante de frutos do mar ali por perto. Já passava das três da tarde quando a família finalmente voltou à casa de veraneio. Apesar dos protestos, Luísa e Eliseu tomaram banho antes de voltar a explorar o jardim.

O cachorrinho já estava impaciente esperando as crianças. Até aquele momento, ele ficara apenas observando o jardim. Foi com muita alegria que ouviu Eliseu gritando: "vai cavar, garoto!". Hulk não perdeu tempo. Foi até o local onde havia descoberto o cordão e voltou a remexer a terra. Alguns minutos depois, retornou satisfeito de sua escavação, com algo sujo entre os dentes. Eliseu antecipou-se, retirou o achado da boca do cãozinho e fez uma festinha na cabeça dele, que voltou a abanar a cauda, sabendo que havia feito algo bom. O menino correu para dentro da casa, onde a mãe lia um livro e o pai assistia a uma partida de futebol na TV.

— Papai, papai! Veja o que o Hulk encontrou!

Ao ver o que o menino tinha nas mãos, Sérgio emudeceu. Não querendo apavorar o filho ou tirar conclusões precipitadas, pediu para ver o objeto.

— Vejamos o que tem aqui. — Sérgio deu uma soprada para que a terra saísse de cima e ele pudesse fazer uma avaliação mais completa. Vendo toda aquela encenação, Laura deixou de lado o livro e ficou observando o marido.

— Querida, venha até aqui. Preciso dos seus conhecimentos de anatomia. — Laura, que era bióloga, foi ao encontro do marido. — Diga-me se isso é realmente o que estou pensando.

— Ou eu não entendo nada de anatomia ou isso é uma clavícula. E digo mais: pelo tamanho, ainda arrisco dizer que seja de uma mulher ou, no máximo, de um adolescente.

— Foi o que pensei. Acho melhor ligarmos para a polícia. E vocês, crianças, fiquem longe do jardim. Espero que isso não seja o fim das nossas férias.

Eliseu foi o que ficou mais chateado com aquilo. Se não tivesse corrido para mostrar ao pai o que Hulk achara, ainda poderia estar brincando de explorador. Foi com tristeza que se sentou na frente da TV para assistir ao que era, até momentos atrás, seu desenho animado preferido.

---

[1] Juntos para sempre.

Capítulo 1

Setembro, 2009

Benjamin abriu a porta do apartamento naquela tarde de sábado e ficou muito feliz. Finalmente, depois de dois anos, sua mãe terminara o doutorado de economia em Londres e eles puderam voltar para seu apartamento no Recreio dos Bandeirantes. Há uma semana ele combinava, através do *Facebook*, um luau com amigos que deixara no Brasil. Seria sua festa de boas-vindas.

Ben foi até a varanda e viu que o sol começava a cair e dar lugar a uma linda noite de lua cheia. Olhou para o relógio, que marcava seis horas da tarde. Ele prometera a sua mãe que não sairia de casa antes de desfazer as malas, por isso, foi direto ao seu antigo quarto e, depois de arrumar as roupas no armário, guardou a mala em cima deste.

O apartamento estava limpo e perfumado. Sua tia Carla, casada com o irmão de sua mãe, havia se comprometido a não deixar o apartamento às moscas. Depois de tudo arrumado, foi até a cozinha para beber um copo de leite, e só então notou o bilhete da tia em cima da mesa: "sejam bem-vindos, meus queridos! Estou muito feliz que estejam de volta! Liguem para mim assim que estiverem acomodados. Amo vocês! Carla".

De volta ao quarto, ligou o *notebook* e entrou na rede social. Luana, com quem manteve um namoro virtual por todo o tempo em que estivera na Europa, ainda estava *off-line*, mas seu primo, Caio, que apresentara os dois, estava *on-line*. Há semanas que Benjamin só pensava no luau e em conhecer a namorada pessoalmente. Combinou com o primo de, às nove horas da noite, encontrarem-se na frente do Posto 10. Apesar de ainda estar zonzo devido ao fuso horário, o jovem não queria perder tempo. Tomou um banho e foi até o quarto da mãe e do padrasto, que desarrumavam as malas animadamente. Enzo

Magrizzi era um *chef* de cozinha italiano que mantinha dois restaurantes em Londres com um sócio. Na iminência da volta de Luísa ao Brasil, ele decidiu acompanhar a namorada e o enteado por um tempo, deixando o sócio à frente de tudo. Ben aproximou-se da mãe e, dando-lhe um beijo na testa, disse para onde estava indo.

— Filho, tome cuidado.

— Fica tranquila, mãe, eu vou com o Caio. Vamos fazer um luau e, finalmente, vou conhecer a Luana — disse o rapaz, com brilho nos olhos.

— Está bem, meu filho, mas mesmo assim, tome cuidado.

Ben deu mais um beijo na mãe, recebeu um abraço de Enzo e desceu os quatro andares do edifício pela escada, pulando os degraus de dois em dois. Estava morrendo de vontade de rever a sua praia, os seus amigos e dar um beijo na boca de Luana.

Por mais que as garotas londrinas fossem bonitas, ele as considerava frias e sem sal, não conseguia se imaginar casado com nenhuma delas. Riu de seu próprio pensamento. Que rapaz de dezessete anos pensa em se casar? Ele foi andando calmamente do Posto 9 ao 10, deixando-se dominar por seus pensamentos. Estava tão distraído que quase trombou com o primo.

— Ei, cara, não está me vendo aqui?! — brincou Caio. Os dois deram-se um abraço apertado e começaram as apresentações. — Esta é Cecília, minha namorada, e essa...

— Não precisa nem de apresentações — disse Benjamin abraçando Luana, que retribuiu o gesto. Aproveitando a deixa, o rapaz deu um selinho na menina. Em seguida, ele passou as mãos pelos longos cabelos dela e beijou-lhe o pescoço. Ela sentiu um arrepio e o abraçou com mais força. Depois, deram-se as mãos e foram conduzidos por Caio e Cecília ao centro da festa.

O casal de adolescentes ficou um pouco com os amigos, mas logo Benjamin puxou Luana pela mão. Queria muito ficar sozinho com ela, conversar um pouco e dar uns bons amassos. Sentaram-se na beira do mar, deixando as ondas molharem seus pés. Enquanto isso, Ben ia explorando o corpo da namorada.

Ele estendeu a canga da moça na areia e, com cuidado, deitou-a sobre o pano com desenhos tribais e a beijou. No início, um beijo tímido, que foi logo

esquentando pelo calor da adolescência. Ele sabia que ainda era muito cedo para tentar avançar qualquer sinal, por isso, suas mãos limitavam-se a acariciar o rosto, as pernas, os cabelos e a barriga de Luana.

De longe, Caio observava o casal. Logo que saiu de casa, recebera um telefonema da tia, pedindo para que cuidasse do primo. Por ser um ano mais velho que Benjamin, sentia-se responsável por ele, principalmente depois do apelo de Luísa.

— Vamos dar uma caminhada? — chamou Luana.

Benjamin nem precisou escutar o pedido de novo. Levantou-se de um salto e ajudou a namorada não só a levantar-se, mas como pôr a canga em volta da cintura. Com um gesto, ele explicou ao primo que iria caminhar na beira da praia. Este, com certo receio, disse que iria também. Tudo isso por meio de mímicas e caretas. Ele pegou a mão de Cecília e os dois casais foram conversando animadamente, cada qual abraçado a seu par. Andaram cerca de duzentos metros quando Ben avistou algo mais adiante.

— O que é aquilo ali na frente?

— Não faço ideia — respondeu o primo. — Vamos lá ver.

Aproximaram-se mais e viram uma mulher estendida na areia. Provavelmente estava morta, mas nenhum dos quatro quis se aproximar muito para constatar aquilo. Observaram, apenas, que seu corpo, totalmente nu, estava cheio de escoriações e havia algas em locais precisos, como se alguém a tivesse colocado ali propositadamente. Estavam numa área da praia bastante deserta, onde havia poucos prédios ao redor.

Caio foi o primeiro a falar.

— Vou ligar para o meu pai.

Eliseu Pessoa, pai de Caio, era tenente-coronel do Exército. O telefone tocou algumas vezes e acabou caindo na caixa postal. O adolescente preferiu não tentar novamente.

— Meu pai não está atendendo. Acho que devemos ligar para a polícia.

Dessa vez, discou 190. Esperou pacientemente, até que ouviu um clique do outro lado da linha.

— Delegacia de Polícia. Em que posso ajudar?

— Boa noite, meu nome é Caio Pessoa e estou na praia com uns amigos. Estávamos caminhando e encontramos uma moça caída. Acho que pode estar morta.

— Preciso que você me passe a localização precisa.

O rapaz deu as coordenadas de onde estavam, baseando-se nos números dos prédios do outro lado da rua.

— Estou enviando uma viatura — falou a voz do outro lado da linha. — Por favor, fiquem onde estão e não mexam em nada nem se aproximem do corpo.

— Certo. Acha que vão demorar?

— Já localizei uma viatura que está nas redondezas. Acredito que chegará aí em, no máximo, dez minutos.

— Obrigado. Estamos aguardando.

Os quatro amigos esperaram, conforme as orientações da atendente. Nesse meio-tempo, Eliseu retornou a ligação e Caio explicou o que havia acontecido. Assim que desligou o celular, os quatro logo viram dois policiais aproximando-se.

Depois de se apresentarem, foram ver o suposto corpo. Era uma moça de cerca de vinte e cinco anos, muito machucada. Parecia ter sofrido bastante e, conforme os jovens imaginaram, ela estava morta. Os policiais, depois de chamarem a perícia, voltaram-se para os jovens, anotaram seus nomes e telefones e disseram que deveriam seguir para a delegacia para um depoimento.

Nesse momento, Eliseu chegou e impediu a ida dos jovens, dizendo que os quatro se apresentariam na manhã seguinte. Tanto os policiais quanto os adolescentes concordaram e, como estavam dispensados, tentaram voltar à festa, mas foram impedidos pelo tenente-coronel. Aquela noite seria longa, porque nenhum deles conseguia tirar aquela cena da cabeça.

Capítulo 2

Era uma noite comum na delegacia. O detetive Hugo Jacomelli preparava-se para voltar para casa, quando seu celular vibrou no bolso da calça.

— Jacomelli — atendeu.

— Jac, uma mulher foi encontrada na praia agora há pouco por um grupo de jovens. Pode estar morta. Preciso que você e o Cristóvão investiguem. Dois PMs, que estavam nas redondezas, estão guardando o local. Vão para lá agora mesmo — ordenou o delegado.

Hugo olhou para seu relógio e constatou que passava das nove da noite. Pensou em sua mulher. Pegou o celular e telefonou para casa.

— Alô?!

— Diana, sua mãe está? — A garota, de dezessete anos, era filha do primeiro casamento de Olga. Seu pai casara-se novamente quando a menina tinha três anos, e raramente o via. Depois que a mãe e Hugo casaram-se, a menina ficou muito feliz. O padrasto a tratava com todo carinho de pai.

Após um ano juntos, o casal resolveu tentar ter um filho, mas ela não conseguira engravidar novamente. Após várias tentativas em vão, decidiram procurar um especialista em inseminação artificial. Foi aí que descobriram que Olga não engravidava devido a um câncer no ovário e o médico aconselhou-a a fazer uma histerectomia. Durante a cirurgia, o especialista constatou que o câncer espalhara-se por diversos órgãos.

Depois de chorar bastante no colo do marido e da filha, resolveu que não se entregaria. Sabia que estava com seus dias contados, mas não esperaria o fim deitada em uma cama.

Com a constatação da doença, Hugo quis pedir afastamento do trabalho, mas Olga não deixou. Pediu que ele continuasse e que não queria ser vista como uma inválida. Apesar de se sentir culpado, resolveu fazer a vontade da mulher.

Acabou, aos poucos, percebendo que foi a coisa certa. Olga e Diana aproximaram-se mais, passavam as tardes nos *shoppings* e em cabeleireiros, e ela ainda ajudava a filha a estudar para o ENEM e o vestibular já que, devido à doença da mãe, resolveu cursar medicina. Queria aprender tudo sobre essa doença e, quem sabe, ser a pioneira na cura do câncer.

— Hoje mamãe não está se sentindo bem. A quimioterapia foi bastante agressiva. É a terceira vez que ela vomita. Você já está vindo?

— Eu recebi um chamado e devo demorar. Você cuida dela para mim?

— Pode deixar. A tia Ilana e o tio Cristóvão estão vindo para cá. — Ilana, a irmã mais nova de Olga, era casada com o parceiro de Hugo.

— Ótimo, apesar de que sua tia deverá ir sozinha. O Cris atenderá esse chamado comigo. Estarei em casa assim que puder. Um beijo.

— Até mais.

Após desligarem, Hugo ficou olhando para o vazio. Cristóvão pôs a mão no ombro do parceiro e amigo, tirando-o do torpor e ambos seguiram para a viatura.



Era quase meia-noite quando Hugo e Cristóvão chegaram à casa de Jacomelli.

— Como passou o dia? — perguntou Hugo, dando um selinho em Olga e um beijo no rosto de Ilana.

— Daquele jeito — respondeu a esposa, cujas olheiras acusavam o péssimo dia.

— Sinto muito. E Diana? Onde está?

— Saiu com umas amigas — respondeu Ilana, poupando as forças da irmã, que não gostava da ideia de sua filha estar na rua até tarde, mas Hugo sempre ia a favor da enteada, fazendo-a se lembrar de que também já fora adolescente.

Por mais que não concordasse, Olga sabia que não poderia prendê-la para sempre, afinal, em breve a filha seria uma jovem universitária e, em poucos anos, uma médica. Já estava mais do que na hora de deixá-la alçar seu voo.

Após cumprimentarem as duas, os parceiros foram para o escritório, deixando-as no quarto.

Depois que fechou a porta do cômodo, Hugo segurou a cabeça com as mãos e duas lágrimas furtivas teimaram em rolar pelo rosto.

Vendo a dor do parceiro, Cristóvão apertou o ombro dele, dando-lhe força. Em seguida, pegou o *notebook* e espetou o *pen drive*.

— Cara, se quiser deixar para amanhã...

— Não. Vamos em frente.

Cristóvão clicou no ícone e mais de cinquenta fotos apareceram na pasta. Com o computador apoiado na escrivaninha, os dois começaram a estudar cada uma das fotografias.

Quando chegaram à foto de número 26, Hugo pediu que parasse e assumiu o comando do *mouse*. Cris conhecia o amigo muito bem para saber que havia algo ali e, juntos, analisaram calmamente a imagem. Depois, voltou para a foto 25 e retornou à 26. Abriu as duas ao mesmo tempo. A fotografia 25 trazia o lado direito do rosto da vítima, enquanto a 26 mostrava o lado esquerdo.

Voltou, então, às fotos 7 e 8, que foram meticulosamente analisadas e, depois, deixadas abertas.

— Vê alguma coisa aí? — perguntou Hugo.

— Em qual das fotos?

— Nas quatro.

— As únicas semelhanças que vejo são as fotos 7 e 8, que trazem as pernas da vítima, e as fotos 25 e 26, que trazem o rosto — respondeu Cristóvão.

— Olhe bem.

— Só vejo que o tornozelo esquerdo está cortado na foto 8 e que a bochecha direita está cortada na foto 25. O que mais tem para ver?

— Meu amigo, é claro como água. Para mim, esse cara tem problema com simetria. Veja.

Jacomelli apontou para a foto 7, na qual o tornozelo da vítima tinha uma tatuagem tribal que o contornava completamente. Em seguida, indicou a foto 26, onde a vítima apresentava uma pinta na bochecha. Depois, mostrou,

respectivamente, as fotos 8 e 25. Foi então que as coisas clarearam para Cristóvão.

— Mas que bosta de detetive eu sou que não vi isso antes?

Hugo, então, deixou que o parceiro analisasse as fotos. Quando ele se afastou da tela, Jacomelli voltou a falar:

— Veja: o assassino tentou copiar a tatuagem do tornozelo direito no esquerdo. Observe as linhas. Perceba como elas são parecidas. O mesmo aconteceu com a bochecha. Ela tinha uma pinta na bochecha esquerda. O meliante "criou" uma pinta na bochecha direita — ao dizer a palavra "criou", Hugo elevou os dedos, fazendo o sinal de aspas. — É óbvio que esse cara tem problema com simetria. Talvez sofra de TOC ou algo assim.

— Não somos médicos e não podemos afirmar isso, mas poderemos conversar com o Clóvis. Talvez, após a autópsia, ele tenha encontrado outros pontos de simetria.

— Amanhã falaremos com ele. Também conversaremos com os meninos que encontraram o corpo. Quem sabe não conseguimos mais informações? O único problema é que um dos garotos é filho de um tenente-coronel do Exército. Tudo bem que somos da Polícia Civil, mas muitos desses militares são um pé no saco. Só espero que a gente não tenha dor de cabeça com esse. Mas acho que é melhor dormir. Discutiremos mais amanhã, ok?

— Sem problemas. Vou chamar a Ilana. Você e a Olga precisam descansar.

Os quatro se despediram e Hugo deitou-se ao lado da mulher. Os efeitos da quimioterapia já haviam passado, mas ela estava visivelmente indisposta. Ele deu-lhe um beijo de boa noite e virou-se para o lado. Não conseguia parar de pensar no que conversara com Cristóvão. O grande medo que sentia era de estar na frente de um novo *serial killer*.

Capítulo 3

Na manhã seguinte, Hugo levantou-se, sentindo o corpo dolorido, talvez pela noite maldormida. tomou banho e café. Olga, apesar de já estar acordada, preferiu ficar mais um pouco na cama. Diana levantou-se e foi se deitar com a mãe. Após se despedir das duas, seguiu para o trabalho. Em menos de vinte minutos estacionava o carro na frente da delegacia. Assim que se sentou a sua mesa, ligou para o legista.

— Bom dia, Clóvis, gostaria de ver o corpo hoje, será possível?

— Acho que terminarei a necropsia no fim da manhã. Se quiser, pode vir por volta do meio-dia.

— Que belo aperitivo você me dará antes do almoço — brincou. — Estaremos aí, sim. Até mais tarde.

Assim que Hugo pôs o fone no gancho, Cristóvão apareceu.

— Os garotos já estão aí com seus pais. Vamos falar com eles?

Justamente por um dos garotos ser filho do tenente-coronel Eliseu Pessoa e o outro ser sobrinho dele, o delegado reservou, para eles, a sala de reunião.

Ao entrarem na sala, os parceiros observaram cada um dos presentes. Sentados ao redor da mesa estavam os quatro jovens que encontraram a vítima: Eliseu Pessoa, sua mulher (a advogada criminalista Carla Assumpção Pessoa) e Luísa Pessoa (irmã do tenente-coronel).

Hugo estremeceu ao olhar para Luísa. Sentiu o passado vir à tona, fazendo com que ele regressasse alguns anos, quando tiveram um romance relâmpago. Ele estava vivendo uma crise no seu primeiro casamento e envolveu-se com ela. Desde então, nunca mais tinham se encontrado.

Jacomelli analisou todos os presentes na sala: um rapaz de cabelos louros e olhos castanhos que estava sentado ao lado do tenente-coronel. À sua direita, ele segurava a mão de uma moça de cabelos castanhos e olhos vivos. Ao lado dela, estava Carla.

Do outro lado da mesa estavam Luísa, um rapaz de cabelos castanhos e olhos verdes (do qual Hugo não conseguia tirar os olhos) e, ao lado dele, uma moça de cabelos escuros extremamente lisos. Sem deixar transparecer seu embaraço, o detetive fez as devidas apresentações.

Em seguida, passou a falar e pediu para que os jovens contassem o que havia acontecido, mas, como todos começaram a falar ao mesmo tempo, ele pediu silêncio.

— Por favor, um de cada vez. Eu sei que vocês estão agitados, mas precisamos tentar verificar se podem ajudar a encontrar quem fez isso.

Eliseu Pessoa tomou a palavra, virou-se para seu filho e, em seguida, para seu sobrinho.

— Meninos, vocês articulam bem as palavras. Falem exatamente o que aconteceu até encontrarem a moça, mas um de cada vez.

Caio foi o primeiro a falar.

— Estávamos num luau com uns amigos. De repente, o Benjamin — ao dizer isso, apontou para o primo — quis dar uma volta pela praia com a namorada. Como ele acabou de voltar de Londres, onde morou por dois anos, achei melhor acompanhá-lo. Se algo acontecesse a ele, minha mãe e minha tia me matariam!

Caio parou um momento para beber água e Benjamin concluiu o pensamento.

— Andamos cerca de duzentos metros quando vimos uma mulher deitada ou caída. Ao nos aproximarmos, achamos que poderia estar morta. Caio telefonou para o meu tio, mas como o celular caiu na caixa postal, resolveu ligar para o 190.

Hugo retomou a palavra.

— Certo. Algum de vocês já tinha visto a vítima?

Os quatro fizeram sinal negativo com a cabeça ao mesmo tempo.

Foi a vez de Eliseu Pessoa falar.

— Já sabem a identidade da moça?

— Ainda não. Ela está passando pela necropsia, mas, caso queira, assim que souber, informo ao senhor.

— Eu gostaria, sim, detetive. É só isso? Todos estão liberados?

— Sim, claro.

Hugo e Eliseu apertaram as mãos. Em seguida, o policial apertou a mão de Carla e, por último, de Luísa, que não o encarou.

Assim que eles saíram, Cristóvão indagou:

— O que houve? Você ficou branco... Suspeita de algum deles?

— Quem me dera que fosse isso... Quem me dera... — Deixando as palavras no ar, foi pegar um café. Ainda com o copo nas mãos, entrou na sala do delegado.

— Eu gostaria de falar com o senhor.

— Fale, Jac.

— Acho que encontramos uma pista, apesar de ainda ser muito cedo para isso, e gostaria de saber se o senhor já soube de algo assim.

— Sou todo ouvidos.

Hugo comentou com o delegado sobre a possível necessidade de simetria do assassino. Inclusive, mostrou as fotos que corroboravam com sua teoria.

— Entendo o que quer dizer. Eu não me lembro de nada do gênero, mas vou ver se consigo algo que possa ajudar na investigação.

— Obrigado, doutor.



Ele acordou cedo naquela manhã. Levantou-se, trocou o lençol (jamais dormia duas noites seguidas com o mesmo), sem deixar qualquer dobra ou vinco. Foi até a sala e ajeitou a cortina, que havia se mexido por causa do vento da madrugada. Após rearrumar os bibelôs nas prateleiras, foi tomar café.

Findado o desjejum, lavou a louça e sentou-se para ler o jornal. Ao término deste, dobrou-o meticulosamente. Tomou banho, enxugou-se e pegou o creme para passar nas tatuagens: o sinal de yin-yang enfeitava seus dois bíceps. Na panturrilha esquerda, ele tinha tatuada uma lua crescente e, na direita, uma lua minguante.

Olhou-se no espelho e sorriu. Era milimetricamente simétrico. Seu cabelo loiro combinava perfeitamente com seus olhos azuis, sua pele levemente bronzeada e seus músculos proeminentes. Ele adorava admirar-se no espelho.

Ficou de lado e tocou seu próprio pênis, que enrijeceu. Sentiu prazer e vontade de transar. Ainda nu, foi até a cozinha e interfonou para a vizinha de baixo, Jade, uma moça de vinte e dois anos com quem mantinha um sexo casual. A garota era bonita e simétrica e, justamente por isso, ele gostava. Ela atendeu no primeiro toque e aceitou subir ao apartamento dele. Ele esperou, observando pelo olho mágico. Assim que ela apareceu na porta, ele abriu e a puxou para dentro. Jade vestia uma minissaia e um top. Ele a colocou de quatro, rasgou sua calcinha e a penetrou. Ainda sem gozar, ele arrancou a roupa dela e pôs a boca em seus seios, o que a fez gemer de prazer. Ele a virou novamente de quatro e a penetrou por trás. Por mais que fosse dominador, ele era carinhoso. O sexo durou mais de uma hora. Depois que se sentiu satisfeito, ele abriu as pernas de Jade e, com a boca, a fez gozar mais uma vez. Ela estava prostrada.

— Agora — disse ele —, abra as pernas e faça poses bem safadas. Vou tirar umas fotos suas.

Esse era o ritual: depois de transarem bastante, ele pedia que ela fizesse poses obscenas e a fotografava. Ele mantinha um álbum com as fotos dela e, juntos, folheavam-no às vezes. Jade não sabia, mas ele tinha outra dezena de álbuns. Alguns, com fotos de mulheres simétricas com quem tinha encontros sexuais; outros, com fotos de suas vítimas.

Tanto as mulheres com quem mantinha algum tipo de relação quanto suas vítimas eram muito bonitas, mas o que diferenciava aquelas destas era que as vítimas tinham algo não simétrico. Poderia ser um olho levemente menor que o outro ou uma pinta em apenas um lado do corpo ou mesmo um ombro levemente mais caído do que o outro, "defeitos" que só ele conseguia ver. Por ser bastante meticuloso com mulheres socialmente bonitas, ele "consertava" seus defeitos. Depois que estavam "simetricamente perfeitas", ele as matava, pois sabia que aquela simetria não era natural e não duraria por muito tempo.

Capítulo 4

Oito anos depois

O despertador do celular tocou. Benjamin olhou as horas, acionou a função soneca e virou-se para o lado. Quando o alarme soou novamente, desligou, levantou-se e entrou debaixo do chuveiro. Somente uma ducha seria capaz de despertá-lo. Já menos sonolento, foi até a cozinha e viu que a mãe havia deixado a mesa posta. Ele ouviu a porta ser aberta e cumprimentou Cida, a diarista, que acabava de entrar. Naquela manhã, ele não teria muito o que fazer. Junto com Caio, era assistente no escritório de advocacia Pessoa & Muniz, propriedade de Carla e da sua sócia, Lúcia Muniz. As duas constituíram sociedade logo que se formaram e, hoje, tinham um grande escritório de Advocacia Penal que ocupava um andar inteiro do Centro Empresarial da Barra.

Logo que Caio e Benjamin pegaram os diplomas e passaram na prova da OAB, foram contratados para trabalharem como advogados assistentes. Alguns dos advogados que já trabalhavam lá não viram com bons olhos a entrada do filho e do sobrinho de uma das donas, mas logo seus receios foram deixados de lado, pois Carla não dava moleza para os dois. Muito pelo contrário: exigia mais deles do que de qualquer outro funcionário.

Já passava das nove horas quando Benjamin sentou-se à sua mesa, que ficava de frente para a do primo.

— Hoje não temos nada para fazer. A minha mãe ficará em audiência o dia inteiro e eu vou sair logo depois do almoço com a Cecília. Precisamos escolher os convites para o casamento. Sinceramente, eu acho tudo isso meio chato, mas ela faz questão que eu a ajude, então, fazer o quê?! — Caio deu uma risadinha.

Cecília e ele namoravam há dez anos. Há um ano ela terminara a especialização em fisioterapia neurofuncional e estava prestes a abrir uma

clínica fisioterápica com outros três amigos. Não havia mais por que adiar o casamento.

— E você, tem planos para hoje? — perguntou.

— Na verdade, não. Uns caras até me chamaram para uma balada, mas estou cansado. Preciso estudar. A pós-graduação *tá* osso. Acho que vou passar a noite escrevendo meu TCC.

— Caso mude de ideia, é só me ligar.

— Tranquilo, cara.

O celular de Benjamin vibrou em seu bolso. Ele pegou-o e leu a mensagem.

— Algum problema? — perguntou o primo.

— Não. Minha mãe. Ela viajará a trabalho por uma semana e depois passará algum tempo em Londres com o Enzo.

— Estou achando você meio distante, cara.

— Há algumas semanas ela veio com um papo sobre o meu pai, dizendo que ele entrou em contato e que queria me conhecer. Já pensou nisso? Um homem que eu nunca vi, de repente quer me encontrar. O que ele acha que vai acontecer? Que depois de vinte e quatro anos eu vou correr para os braços de um total desconhecido? Até os quinze, o que eu tive de mais próximo de um pai foi o seu pai. Depois, apareceu o Enzo, que é um cara legal, mas... Isso está mexendo comigo.

— Já conversou com a tia sobre isso?

— E tem como? Ela chega em casa altas horas e sai cedo. Quase nunca a encontro. Sei que ela tem mil responsabilidades com a empresa, mas... — Benjamin parou de falar e Caio entendeu que não deveria perguntar nada. Ele sabia, ou melhor, tentava imaginar o que o primo estava sentindo.

Às cinco horas da tarde Benjamin saiu do escritório e foi para o apartamento. Luísa esperava por ele na sala. Ao seu lado, duas malas enormes. Ela abraçou o filho e fez mil recomendações. Depois, deu-lhe um abraço apertado e brincou com seus cabelos, desalinhando-os, como fazia quando ele tinha cinco anos de idade.

— Voltarei em uma ou duas semanas. O congresso será em Londres e ficarei na casa do Enzo. Já falei com a Carla e, caso você precise de alguma

coisa, qualquer coisa, ligue para ela.

— Pode deixar, mãe. Será até bom ficar um pouco sozinho. Preciso terminar meu TCC.

— Não vai sair? E a Isabel? A Carla me falou que vocês estão tendo um *affair*.

Isabel era filha de Lúcia, sócia de Carla, e ela e Benjamin ficaram algumas vezes, mas nenhum dos dois havia falado em namoro.

— Não estamos namorando, mãe. Talvez eu ligue para ela.

Apesar de tentar se fazer de indiferente, Benjamin era um romântico por natureza, mas estava indo com calma daquela vez. O relacionamento com Luana durou três anos e ele saiu muito machucado. Talvez por isso há cinco anos não se relacionava sério com ninguém, mas ele sentia algo diferente em relação a Isabel, por isso, resolveu ir com calma para não se machucar nem assustar a garota.

— Ah, e pense na hipótese de ligar para o seu pai.

— Mãe, esse cara que você insiste em dizer que é meu pai, para mim, nada mais é do que um doador de sêmen. Nunca vi a cara do sujeito e, vinte e quatro anos depois, ele aparece do nada e diz que quer me conhecer?

— Ele o procurou antes, mas você nem quis ouvir. Eu falei com você quando houve aquele incidente na praia, lembra?

— E tem como eu esquecer?

— Certo, certo, conversaremos melhor sobre isso quando eu voltar. Ligarei todos os dias, ok?!

— Ok, mãe, não se preocupe. Ficarei bem.

Assim que Luísa saiu, Benjamin ligou para sua pizzaria preferida e pediu uma Toscana com borda de gergelim. Abriu a geladeira, pegou uma cerveja e sentou-se na frente do computador.

O TCC estava todo em sua cabeça e não foi difícil colocar as ideias no computador.

À meia-noite, sentindo-se cansado e com as costas doloridas, ligou a TV e deitou-se em sua cama para esperar o sono chegar.

Capítulo 5

Benjamin foi despertado pelo som do celular. Olhou para o aparelho ao lado da cama e viu que a luz do WhatsApp piscava. Imaginou que fosse sua mãe, avisando que chegara bem. Deitou-se de costas para o aparelho, mas não conseguiu pegar no sono. Abriu o *smartphone* e notou que havia duas mensagens não lidas. Uma era realmente de Luísa, mas a outra era de um número que ele não conhecia. Abriu a mensagem de sua mãe:

"Cheguei bem, querido. Cuide-se. Amo você."

Em seguida, abriu a outra:

"Ben, não sei mais a quem recorrer. Preciso de ajuda. Preciso da SUA ajuda. Estou apavorada. Não sei o que fazer. Acho que tem alguém me perseguindo. Estou com medo. Me ajuda! Luana."

Benjamin releu três vezes a mensagem. Depois de cinco anos sem se falar, Luana aparecia com aquela bomba. O coração dele passou a bater descompassadamente. Por que depois de tanto tempo ela o procuraria? E com uma mensagem assim? Seria uma brincadeira de mau gosto? Observou as horas: três e meia da madrugada. O apartamento estava muito silencioso, o que lhe causou arrepios. Ligou a televisão e deixou em um canal qualquer. Não estava com vontade de ver nada, apenas de quebrar o silêncio.

Tentou pegar no sono novamente, mas não parava de pensar na garota. O namoro fora intenso. Foram três anos de paixão. As lembranças vieram à sua cabeça.



— Vou viajar e fazer intercâmbio na Holanda — disse Luana.

— Eu vou esperar por você — respondeu Benjamin.

Ela sorriu e deu-lhe um beijo. Um beijo demorado e apaixonado. Estavam na praça de alimentação do shopping.

— E quando você vai?

— Domingo à noite.

— Mas já? E por que não me disse antes? Isso não é uma coisa que acontece de uma hora para outra. Precisa ser planejado.

— Eu não tinha certeza se iria ou não. Acabei decidindo hoje. A princípio serão quatro meses, mas pode ser prorrogado por mais dois.

— Eu vou esperá-la — repetiu ele.

Ela sorriu e o beijou novamente.

— Quero ficar sozinha com você, Ben.

— Vem. — Ele pegou delicadamente a mão da namorada e a conduziu ao carro. — Que tal avisar à sua mãe que você passará a noite fora? — Ele recebeu, em troca, um sorriso, mas não conseguia ver felicidade nos olhos dela.

Ele enviou uma mensagem para Luísa, que estava em mais uma viagem a trabalho, dizendo que Luana passaria a noite com ele. Ele viu a namorada apertar a tecla de discagem rápida e ligar para a mãe. Depois de um tempo, ouviu a moça falar de modo automático. Sabia que a mãe dela não havia atendido. O recado fora deixado na caixa postal. Alguns segundos depois, ele sentiu a vibração no bolso e pegou o celular. Luísa deixou uma mensagem dizendo para se cuidar e terminando com "I <3 U".

Depois de colocar o celular de volta no bolso, deu a partida no carro e foram para o apartamento de Benjamin. Após fazerem amor, ficaram abraçados e Luana começou a chorar.

— Eu não quero perder você — disse ela.

— E quem falou que isso vai acontecer? Quando eu digo que vou esperar por você, é sério. Você não acredita em mim?

— Não é isso. É claro que acredito, mas tenho medo. Ao mesmo tempo que eu quero ir, não quero. Você me entende?

Ele entendia. Passara dois anos em Londres por causa do doutorado da mãe. Mas foi uma experiência incrível e aquilo o amadureceu muito. Em vez de desfiar um rosário sobre como seria boa e única aquela experiência, ele limitou-se a assentir com a cabeça. Puxou ainda mais a namorada para si e a beijou.

— Você promete que nos falaremos todos os dias por Skype? — perguntou ela.

— É claro, quantas vezes você quiser. É só me mandar uma mensagem que estarei a postos na frente do computador.

Ela sorriu. Dessa vez, o sorriso parecia sincero. Ficaram assim, abraçados, até serem consumidos pelo sono. Na manhã seguinte, sábado, passaram o dia fazendo amor. Não sentiam fome ou sede, apenas uma vontade sobre-humana de ficarem juntos e matarem a saudade que estava por vir. Já era madrugada quando Benjamin deixou Luana na frente do prédio dela, prometendo encontrá-la no aeroporto às seis da tarde.

Depois da segunda chamada para o voo, Luana abraçou a mãe, que lhe desejou boa viagem sem transparecer muita emoção. Depois, Luana

abraçou Benjamin e ele se perdeu naquele abraço. Não queria deixá-la ir, mas sabia que qualquer apelo seria inútil. Beijou a namorada e olhou para ela pela última vez.

Benjamin e Luana falavam por WhatsApp todos os dias durante o primeiro mês, desde que Luana chegara a Amsterdã. Ela dizia não estar conseguindo conexão no Skype. No segundo mês, as mensagens foram rareando e, no terceiro, Benjamin recebeu a última mensagem de Luana: "Isso não está dando certo. Acho melhor a gente parar por aqui. Não sei quando e se volto. Quem sabe um dia? Beijo. Luana".

Aquelas palavras gelaram o coração de Benjamin. Ele curtiu uma fossa de algumas semanas e resolveu entrar de corpo e alma nos estudos.



Nesses cinco anos, ficou com algumas garotas, mas não conseguiu se envolver profundamente com nenhuma delas. E agora, depois de tanto tempo, justamente quando seu coração estava quase cicatrizado, recebia aquela mensagem. O que será que poderia ter acontecido com Luana?

Ele pegou o celular e ligou para o número indicado no WhatsApp, mas a ligação não foi completada. Resolveu, então, enviar uma mensagem e digitou: "Tudo bem com você? Onde você está? O que está acontecendo?"

Olhou as horas. Pensou em Isabel. Por mais que não estivessem namorando, sentia-se traindo a moça. Levantou-se, passou uma água no rosto, tomou café e foi dar uma espairecida na praia. Aquilo sempre o fazia sentir-se melhor.

Capítulo 6

Por mais que o mar estivesse gostoso, a imagem e a mensagem de Luana não saíam de sua cabeça. O que poderia ter acontecido? Voltou para a areia a tempo de ver o celular tocando e a foto de Isabel no visor.

— Oi, Bel.

— Estreou um filme no cinema, vamos hoje à noite?

Mesmo achando que ele não seria boa companhia, distrair-se seria o melhor, ainda mais com Isabel.

— Vamos, sim. Pego você às sete. Depois, poderemos jantar.

— Excelente ideia. Até a noite. Um beijo, Ben. Na boca.

Ele riu antes de responder.

— Outro.

Apesar do ótimo filme, Benjamin não conseguiu prestar atenção. Saíram dali e foram para o apartamento dele. A proximidade aumentou, assim como o calor da noite, e eles acabaram na cama. Um sexo casual e gostoso, cheio de beijos e carinhos, com muita troca e cumplicidade.

A pedido dele, Isabel passou a noite ali. Pela manhã, ela preparou o desjejum e levou a bandeja para a cama. Enquanto comiam, assistiam ao telejornal, até que uma notícia o fez olhar para a TV e prestar atenção ao que o repórter falava:

> "Foi encontrado, ontem pela manhã, o corpo de uma jovem no Parque da Catacumba, que fica em Ipanema. As autoridades não revelaram nenhum pormenor relativo à identidade nem ao caso."

— Eu vou.

— O quê? Vai aonde? — perguntou Isabel.

— Ao necrotério.

— E você é um idiota, se acha que o deixarão entrar.

— Talvez. Eu posso mostrar a minha carteira da OAB.

— Isso. E vai dizer o quê? Que está representando o cadáver?

— Talvez. Mas se não conseguir entrar, vou acompanhar o caso de perto. Você viu se falaram o nome da moça?

— Não prestei atenção. Vou tomar um banho, ok?

Mal Isabel saiu do quarto, Benjamin enviou um WhatsApp para Caio.

"Você viu que apareceu uma garota morta no Parque da Catacumba?"

"Não"

"Será que o tio não poderia intervir para sabermos o nome dela?"

"Sabermos? Eu estou envolto em convites de casamento e no fraque que a Cecília quer que eu use. Eu não quero saber de nada. E por falar nisso, já viu sua roupa?"

"Não, não vi. E se tiver algo a ver com aquele caso de anos atrás?"

"A polícia vai descobrir. Agora tenho que ir."

"Espera. Eu acho que deve ser a mesma pessoa."

"Lógico que não! A outra morreu há anos."

"A mesma pessoa que matou, não que morreu. Um *serial killer* ou algo assim."

"Acho que você deve parar de ler tantos livros policiais e começar a viver a vida real. Primo, você ainda vai acabar em um manicômio."

"Ok. Vou dar um crédito porque você deve estar louco com esse casamento."

Nesse momento, Benjamin parou de ouvir o barulho do chuveiro.

"Preciso ir agora, Caio. Até mais."



— E então, Clóvis? Qual o parecer?

— Você tem razão, Hugo. Há semelhanças com aquele caso. Porém, o que mais me espanta é a crueldade. Veja.

O legista mostrou a lateral da coxa esquerda da moça, que tinha uma cicatriz por toda sua extensão, provavelmente causada por um acidente. Após, mostrou a lateral da outra coxa, onde se podia ver um corte infeccionado e mal costurado.

— Assim como a outra vítima, ela também foi estuprada diversas vezes antes de morrer. E depois também.

— E esse corte, foi feito há muito tempo?

— Tem umas duas semanas. A morte não tem mais do que setenta e duas horas.

— Alguma identificação?

— Justamente isso que distancia daquele caso. Essa vítima está sem o tampo dos dedos, impossibilitando a identificação pelas digitais, e sem os dentes. O cara foi meticuloso.

— Talvez nem seja o mesmo criminoso, mas também pode estar querendo nos confundir. Preciso pensar com calma. Vou pesquisar as fichas de pessoas desaparecidas entre quatro e duas semanas. Pode ser que encontre algo. Nenhuma tatuagem, certo?

— Nenhuma.

Hugo saiu dali e foi direto para sua mesa, onde Cristóvão o esperava.

— E aí? — quis saber o parceiro.

— Pode ter tudo a ver com aquele caso. Ou nada. O que me estranha é por que tanto tempo depois. Ou será que algo nos passou despercebido?

— Já tem a identidade?

— Não. Deixe-me sentar aí.

Jacomelli ligou o computador e começou a digitar as informações para ver se encontrava alguma vítima. Diferentemente do que acontecera anos antes, quando a vítima estava intacta e logo seus parentes foram contatados, essa não tinha qualquer identificação. Ele colocou na busca os dados solicitados.

— Agora precisamos esperar. Vamos tomar um café? Até voltarmos, essa geringonça deve ter encontrado algo.

Os dois demoraram cerca de dez minutos. Na volta, o banco de dados havia encontrado duas mulheres desaparecidas com a descrição digitada, mas apenas uma delas se parecia com a moça que vira sobre a mesa de metal.

Após imprimir as fotos e os dados, foi confirmar com o legista se era a mesma garota. Não poderia cometer erros. Precisava telefonar para a família certa. Com a constatação da identidade, Cristóvão foi o encarregado de entrar em contato com a família de Vera Guimarães.

Benjamin estava escrevendo seu TCC quando o noticiário da TV chamou sua atenção.

> "Identificado o corpo da jovem que foi encontrada no Parque da Catacumba. A família já foi contatada, mas nem a polícia nem os familiares informaram de quem se tratava. O Parque, que é muito utilizado para caminhada e passeio de famílias, permanece fechado até segunda ordem."

O celular do rapaz vibrou sobre a mesa, anunciando uma nova mensagem.

"Estou com saudade"

XX

Luana"

Aquelas palavras desconcertaram Benjamin, ao mesmo tempo que sentiu seu coração disparar. Sem medir as consequências, respondeu imediatamente:

"Você está no Rio?"

"Ss"

"Podemos nos ver agora?"

"Nn"

"Por quê?"

Passados dez minutos, Ben enviou nova mensagem.

"Luana, kd vc?"

As mensagens terminaram ali. Nem ela respondeu, nem ele perguntou mais nada, porém, não conseguiu se concentrar a noite toda, que foi passada praticamente em claro.

Capítulo 7

Benjamin despertou com o toque do celular e, sem pensar, atendeu.

— Luana?

— E por que a Luana ligaria para você? — Só quando ouviu a voz de Isabel do outro lado da linha que percebeu a grande burrada que tinha feito.

— Desculpa, Bel. Eu acabei de acordar. Ontem à noite recebi uma mensagem dela e…

— Ah, Benjamin, a gente tinha tudo para dar certo…

— Tem, Isabel, no presente. Não precisa ficar com ciúmes. Estou preocupado com ela.

— Sabe, Ben, eu gosto de você. Gosto mesmo, mas não dá para ficar numa relação a três. Vivemos em um país monogâmico e não vou conseguir sair com um cara que fica pensando em outra garota.

— Desculpa, Isabel, mas de repente ela está correndo perigo, sei lá. Você pode ter um pouco de compaixão.

— Assim como você, que tem paixão, sem o com?

— O quê?

— Deixa *pra* lá.

— Ok. E você ligou para…

— Saber se queria ir à praia.

— Queria, não. Quero! Vamos aproveitar esse domingo de sol. Vou passar uma água no rosto. Eu vou até aí.

— Melhor não. A não ser que você venha sozinho e não traga nenhuma outra garota no pensamento.

— Farei isso. Juro. Em meia hora chego aí.

Benjamin levantou-se da cama, lavou o rosto, escovou os dentes e saiu em jejum. Comeria qualquer coisa na praia.

Quando chegou ao edifício de Isabel, ela já o esperava na portaria. Os dois foram andando lado a lado. Benjamin roçava a mão na dela, que se fazia de

durona. Assim que chegaram ao posto 10, cansado daquele joguinho, o rapaz a abraçou e deu-lhe um beijo, que foi prontamente correspondido, e, de mãos dadas, foram para a areia, onde Caio e Cecília já os esperavam.

Enquanto as meninas tomavam sol, os primos foram dar um mergulho, momento propício para Benjamin contar a Caio sobre a mensagem de Luana.

— Estranho, cara! E por que ela o procuraria depois de tanto tempo?

— E eu sei lá? O problema é que agora não consigo tirá-la da cabeça, o que está arruinando a minha relação com a Bel. Eu *tô* encrencado.

— Acho que você pode tentar falar com ela mais tarde, bem longe dos olhos e dos ouvidos da Isabel.

Os dois saíram do mar e foram conversando e rindo para perto das namoradas.



Hospital Miguel Arcanjo

— Dra. Diana, deu entrada no pronto-socorro uma garota muito machucada. Estão procurando alguma identificação e, até o momento, só encontraram um telefone, que parece estar sem bateria.

— Já o colocaram para carregar?

— Sim, é claro.

— Ok. Qual o estado dela?

— Mal. Está desacordada.

— Certo. Estou indo vê-la.

Depois de fazer um exame na garota, Diana instruiu:

— Quero que intubem a moça. Ela está com dificuldade respiratória e, apesar de não ter nenhuma hemorragia, está com muitas escoriações. Pode ser vítima de maus-tratos domésticos, mas não podemos ter certeza sem fazer os exames específicos, o que será melhor após ela acordar. E o telefone? Algum sinal?

— Ainda não.

— Se em uma hora o celular se mantiver desse jeito, quero que levem a uma assistência. Já que ela está sem qualquer documento, ele talvez seja a única

maneira de a identificarmos…

— Temos também as digitais…

— ...De forma rápida. Júnia, você sabe como essas coisas demoram? Isto não é um episódio de *CSI* ou *Grey's Anatomy*.



— O que houve? — perguntou Augusto Palhares, cirurgião plástico do Hospital Miguel Arcanjo e namorado de Diana.

Ela olhou para aqueles olhos azuis hipnotizantes, que a enfeitiçavam, explicou o que estava ocorrendo e por que se sentia tão abatida.

— Estou tranquilo hoje, quer que dê uma olhada?

— Quero sim. Muito obrigada.

Augusto jogou um beijo para ela e foi para a ala onde estava a paciente.

— Dra. Diana, o telefone acendeu, mas, infelizmente, não temos a senha.

— E ninguém sabe desbloquear a droga de um celular? Leve para algum lugar. Precisamos de informações da garota.

— Dra. Diana, acha que devemos avisar a polícia? — perguntou a enfermeira de plantão.

— Alguém sabe quem trouxe a garota?

— Não, ninguém sabe. Ela apareceu desmaiada aqui na frente do hospital.

— Nessas horas, não há alma que veja alguma coisa. O que acha, Guto?

— Ela está mal, mas viva. Pode ser que se recupere.

Assim que o técnico saiu, Diana tocou em um ponto que há muito tempo martelava em sua cabeça.

— Mudando de assunto: quando você vai me apresentar o seu irmão?

— Como sabe dele?

— Ouvi dizer que é a sua cara.

— Acho que nunca. Ele e eu não nos vemos há anos. Apesar de gêmeos, nunca nos demos bem.

— Uma pena isso. Sempre sonhei em ter uma irmã gêmea só para podermos trocar de identidade às vezes.

— Eu nunca conseguiria ser o Alberto.



Após a praia, Benjamin voltou para casa, mas Luana não saía de sua cabeça. Tomou um banho para ver se a morena saía do pensamento, mas foi em vão. Assim que entrou no quarto, enviou nova mensagem para ela.

"Luana, estou preocupado com você. Por que não responde às minhas mensagens? Beijo. Ben."

Quando estava se vestindo, ouviu o som característico do WhatsApp e pegou o telefone. A mensagem de Isabel foi como um balde de água fria, mas ele precisava esquecer Luana, afinal, se ela quisesse algo com ele, responderia às mensagens.

"Vamos ver um filme?" — Ben perguntou.

"Sim!"

"Pego você às 20h."

"Ok"

Capítulo 8

Às oito da noite Isabel entrou no carro de Benjamin e, a princípio, estranhou o caminho seguido por ele, mas logo que avistou o prédio em que ele morava, relaxou. A noite que ele planejou certamente seria melhor do que a imaginada por ela (que englobava uma sessão de cinema e um chope em algum barzinho).

Antes de entrar na garagem, ele perguntou:

— Tudo bem ficarmos aqui? Não está passando nada bom no cinema. A gente pode assistir a uns filmes na Netflix ou…

— *Tá* ótimo *pra* mim. — Isabel abriu um lindo sorriso e Ben estacionou o carro.

A noite foi regada a vinho, pizza, filmes (que não foram vistos) e música. Terminaram a noite juntos e, pela primeira vez em alguns dias, Benjamin dormiu sem se lembrar de Luana.

A claridade começou a invadir o quarto quando Ben despertou. Isabel ainda dormia e ele preferiu deixá-la descansar mais um pouco. Quando estava no banheiro, ouviu barulho vindo da sala e, acreditando que Bel tinha acordado, foi para aquele cômodo totalmente nu.

— O que é isso, menino? — Cida levou um susto e virou-se de costas. — Benjamin, vá se vestir, menino!

O rapaz virou-se de costas e saiu rindo, fingindo pôr as mãos no bolso, como a vinheta de uma antiga telenovela. Enquanto isso, Cida recuperava o tom branco da pele.

Após vestir uma samba-canção e uma camiseta e avisar Isabel que não estavam sozinhos, voltou para a sala.

— Desculpa, Cidoca. Não esperava ver você aqui tão cedo — disse ele, dando um beijo estalado no rosto da diarista.

— A sua tia pediu que eu viesse para dar um jeito no apartamento porque a sua mãe chega hoje à noite.

— E ela não me avisou nada. Por quê? Depois do congresso ela ia ficar uma semana na Itália com o Enzo… O que será que aconteceu?

— Ah, isso você veja com a sua mãe. Eu estou aqui só para deixar o apartamento apresentável para ela. Quando você vai crescer, hein, menino?!

Benjamin saiu rindo da sala e foi para o quarto chamar Isabel, ou chegariam atrasados ao escritório.



Já eram sete da noite quando o rapaz voltou para casa. Conversando com Carla, ficou sabendo que houve um desentendimento entre Luísa e Enzo e ela achou melhor encurtar a viagem. Pelos cálculos, a mãe chegaria em torno das dez horas da noite.

Como a casa estava um brinco de tão limpa, achou melhor não fazer invencionices na cozinha e pediu um *delivery* de comida japonesa. Sua mãe adorava a culinária oriental e, se estivesse chateada, ficaria um pouco alegre ao ver o jantar.

Eram quase onze da noite quando o rapaz ouviu a chave ser introduzida na fechadura e a porta ser aberta por uma Luísa com cara de acabada. Ele se levantou do sofá e foi ajudá-la com as malas.

— Nossa, mas que filho maravilhoso eu tenho! Tudo isso só para mim? — Tentou disfarçou a tristeza, mas os olhos dela acusavam ter chorado um bom tempo.

— Para nós, mãe. Senta. Vamos comer um pouco.

— Eu estou tão cansada… Foram tantas horas de voo… Mas não vou recusar. Você espera eu tomar uma ducha rápida?

Com o sinal de afirmativo que Ben fez com a cabeça, Luísa foi para sua suíte. Saiu vinte minutos depois com um pijama de flanela (sinal de que não estava realmente bem. Aquele traje era usado apenas quando estava doente ou "na fossa").

— Vamos, dona Luísa. Conte tudo para o seu filhão aqui. — Ben abriu os braços para receber a mãe e Luísa aconchegou-se nele.

— Você foi a melhor coisa que me aconteceu, meu filho. — Ao dizer aquelas palavras, lágrimas rolaram dos olhos.

— O que houve, mãe? O Enzo foi rude com você?

— Não, filho. Não estava mais dando certo. Namoro a distância só funciona quando um dos dois está disposto a ir para perto do outro e nem eu nem ele estamos a fim de abrirmos mão das nossas conquistas. Eu até poderia voltar para Londres, mas eu não gostaria de deixar você aqui…

— Você não terminou com ele por minha causa, *né*?

— Não, Ben. Se existisse amor, acho que nada faria a gente se separar. Sabe, é que surgiu uma outra pessoa…

— Na sua vida ou na dele?

— Na minha. — Ela abaixou a cabeça, escondendo o rubor da face.

— Dona Luísa… Conta tudo para o seu filho aqui…

— Isso é para um outro dia, quando eu estiver descansada e recuperada do *jet lag*. Agora vamos comer essa barca, que estou com água na boca.

Enquanto comiam, ela foi contando sobre a viagem e como Londres havia mudado naqueles oito anos.

— Adoro quando você ri assim, filho. A cada dia você se parece mais com seu pai. Bem que você poderia dar uma chance a ele, né?!

— Mãe, por que essa conversa agora? Esse cara nunca quis saber de mim e, de repente, aparece do nada e… pimba! Todos os anos que precisei de um pai vão ficar para trás e seremos felizes para sempre. Isso não é filme da Disney, é vida real!

— Eu sei, Ben, mas já expliquei. Ele nem sabia que tinha um filho. Ele poderia ter ficado com raiva de mim, mas ele compreendeu. Agora, filho, pense nisso. Por mim.

— Vou pensar, mãe.

— Com carinho?

— Por você.

— Obrigada. Agora vou me deitar. Até amanhã.

— Boa noite.

— Pensa com carinho.

— *Tá* bom, mãe. Pode deixar.

Ben deu um beijo na testa de Luísa e foi para o quarto. Antes de se deitar, enviou uma mensagem para Caio:

"Você me ajuda a encontrar a Luana?"

"Qual é a sua, cara?"

"Não sei, mas acho que ela se meteu em uma grande enrascada."

"Daqui a pouco quem vai se meter em uma é você. E não será por falta de aviso."

"Talvez você tenha razão. Amanhã a gente conversa."

Capítulo 9

Hospital Miguel Arcanjo

— Dra. Diana! Conseguimos desbloquear o aparelho, mas foram poucas as informações. Descobrimos que ela se chama Luana e que entrou em contato com apenas um número. Ou ela comprou esse telefone há pouco tempo, ou apagou todos os contatos.

— O importante é que temos um nome, certo?

— Sim, mas somente o dela mesma. Não sabemos para quem ela ligou, já que não tem identificação.

— Não tem problema. Telefonem para esse número e descubram de quem se trata.



Benjamin estava no escritório redigindo uma petição quando o celular começou a tocar. O número era desconhecido, mas logo a figura de Luana veio a sua mente.

— Alô.

— Boa tarde, com quem eu falo?

— Com quem deseja falar?

A voz do outro lado demorou um pouco a responder.

— Eu me chamo Júnia Soares. Você conhece alguma Luana?

— Luana? — A voz dele saiu mais alto do que esperava, alarmando Caio, que parou o que estava fazendo para prestar atenção à conversa do primo. — Sim, conheço. Onde ela está? Quem é você?

— Calma. Como eu disse, meu nome é Júnia Soares. Trabalho no Hospital Miguel Arcanjo e a Luana deu entrada há dois dias aqui, mas demoramos a

encontrar uma identificação. O seu telefone era o único que aparecia no celular dela. Por gentileza, qual o seu nome? Você poderia vir para identificá-la? Ela continua em coma.

O jovem advogado desligou o telefone e virou-se para o primo.

— Caio, vamos ao Hospital Miguel Arcanjo. No caminho eu explico.

— Você está louco, Benjamin? E se for uma cilada?

— Num hospital? Vão fazer o quê? Nos obrigar a cheirar éter na frente de um monte de gente?

— *Tá*, eu posso ter sido um pouco exagerado, mas, poxa, a gente precisa avisar alguém.

— Disso você tem razão. Avisa o tio.

Caio enviou uma mensagem para o pai dizendo para onde o primo e ele estavam indo e o motivo de irem. Pouco depois de enviar a mensagem, o rapaz recebeu um telefonema do pai e atendeu no viva voz.

— Oi, pai. Oi, tio — disseram os dois ao mesmo tempo.

— Vocês são loucos? Comeram titica? — Eliseu gritava do outro lado da linha.

— Eu falei para ele, pai.

— Falou, mas não o fez tirar essa ideia de jerico da cabeça. Caio e Benjamin! Voltem para o escritório agora mesmo!

— Não dá, tio. E se ela morrer? Como vai ficar a minha consciência?

— E se vocês morrerem? O que eu vou falar para as mães de vocês?

— Tio, não vai acontecer nada. Eu juro. Olha, estamos indo para o hospital e, se algo sair do controle, a gente avisa.

— Não vão bancar os heróis, hein?! Em meia hora vou telefonar para vocês. Se não atenderem, colocarei aquele hospital a baixo.

— Certo! — respondeu Ben. O primo, por sua vez, ficou mudo. O pai nunca foi de bater, mas o sermão era pior do que qualquer palmada.

Ao término da ligação, Caio recobrou a voz.

— Se você me meter em confusão, eu mato você!

Os primos estacionaram o carro na frente do hospital, entraram e disseram à recepcionista o que estavam fazendo ali. Ela ia conduzi-los à sala do diretor, mas, pensando na solicitação de Eliseu, eles decidiram esperá-lo ali.

Em poucos minutos uma mulher de cabelos escuros e cacheados, esguia e de olhos azuis chegou à recepção e apresentou-se como Diana Lima, médica responsável pela paciente. Feitas as apresentações, ela os levou à UTI, onde a moça estava intubada.

Ao vê-la, os primos se olharam e confirmaram se tratar de Luana Amorim. Diana, então, pediu que eles fossem à sala do diretor. Caio ligou para o pai e disse aonde estavam indo.

O diretor era um homem grisalho, com cerca de setenta anos. Em seu jaleco podia-se ler Dr. Aldo Seixas. Os rapazes o cumprimentaram e sentaram-se nas cadeiras que ficavam na frente da mesa.

— Garotos, antes de tudo quero agradecer por terem vindo. Sei que não tenho autoridade para fazer perguntas, mas poderiam me dizer de onde conhecem a moça?

Benjamin foi o primeiro a falar.

— A Luana e eu fomos namorados. Há cinco anos ela se mudou para Amsterdã e nunca mais a vi. Pelo menos não até hoje.

— Naquela época ela já usava drogas?

— Não… Não que eu saiba.

— Vocês têm o contato da família?

— Não — respondeu Benjamin. — Ela nunca se deu muito bem com a mãe. E eu nem sei se existe um pai nessa história.

— O senhor não acha melhor chamar a polícia? — perguntou Caio.

— Já o fizemos. Agora que sabemos o nome dela, virão vê-la. Brasil, garotos… Querem tudo de mão beijada.

— Podemos ir agora? — perguntou Ben.

— Podem sim. Obrigado por virem.

Ao saírem da sala do Dr. Aldo, não perceberam dois olhos que os espreitavam.

Ao cruzarem a entrada do hospital, passaram pelos policiais Hugo e Cristóvão, que reconheceram Benjamin e Caio. O primeiro pensou em interpelar o jovem de cabelos escuros, mas foi impedido pelo parceiro. Assim que chegaram à recepção, pediram para falar com a Dra. Diana.

— Quem eram os garotos que saíram daqui? — perguntou Hugo para a enteada.

— Um deles, o de olhos verdes, foi namorado da moça. Eu não sei por que, mas ele me pareceu familiar.

— E qual o nome dela?

— Luana alguma coisa. Acho melhor vocês irem falar com o Dr. Aldo.



Benjamin e Caio estavam voltando para o escritório quando o celular deste começou a tocar.

— Ih, estou ferrado… É a Cecília… — brincou, antes de atender. — Oi, amor!

— Caio Henrique Assumpção Pessoa! Onde você está? Esqueceu que vamos começar a entregar os convites do casamento hoje?

— Não, amor! Claro que não! — mentiu.

— Espero que chegue aqui em menos de dez minutos!

— Amor, meu carro ficou no escritório. Eu precisei sair com o Ben…

— E foram tão longe assim?

— Estávamos em Campo Grande. Em dez minutos chego ao escritório. Juro que estou em sua casa em trinta mi…

— Eu vou pegar um táxi e encontro vocês no escritório. Assim não perderemos mais tempo. Da próxima vez, me avisa.

— Pode deixar, amorzinho. Beijo.

— Tchau.

Ao desligar, Caio só conseguia rir, talvez de nervoso.

— Ela está uma fera! Se meu casamento não sair, vou pôr a culpa em você!

— Se precisar, eu explico.

Quando chegaram ao estacionamento, Cecília já estava apoiada no carro do noivo. Em sua mão, uma sacola prata e azul.

— Oi, amor! — Ela se adiantou quando Caio saiu do carro. — Desculpa falar assim com você, mas fiquei com ciúmes. — Oi, Ben.

— Oi, Ceci. — Deu um beijo no rosto da amiga. — Eu só vou subir para pegar minha pasta e já vou para casa. Bom divertimento para vocês.

Caio saiu levantando a gravata, como se estivesse sendo enforcado, e recebeu um leve tapa da noiva para parar com a brincadeira.

Benjamin subiu, pegou suas coisas e foi para casa. Assim que entrou, sentiu um leve cheiro de sabonete.

— Mãe?!

— Oi, filhote.

— Vai sair?

— Vou, sim. Com aquele amigo que falei, está lembrado?

— Que bom, mãe.

— Está tudo bem?

— Está, sim. Vou tomar um banho.

— Ok. Vou esperar você para sair.

Quando Benjamin saiu do banho e viu a mãe, não teve outra reação que não assobiar.

— Fiu-fiu! — Luísa, aos quarenta e cinco anos, era uma mulher muito bonita e cobiçada. Estava com um vestido preto de um ombro só e um salto agulha. — Mas aonde essa gata vai?

— Já disse, sair com um amigo. Posso pedir para ele subir?

— Se você não se importar, hoje não. Vamos marcar depois, pode ser? Eu tive um dia cheio.

— Está bem, filho. Vai ficar bem?

— Vou, mãe. Estou pensando em dar uma volta também. Divirta-se.

Assim que Luísa fechou a porta, ele ligou para Isabel.

— Oi, Bel, quer sair para jantar?

Capítulo 10

Depois de pegar Isabel em casa, Benjamin a levou a um rodízio japonês.

— Por que tudo isso?

— Porque eu acho que devo uma explicação.

— Sabe, Ben, eu… a gente não tem nada sério, eu sei, mas eu fui me envolvendo. Eu tentei resistir, sabe? Mas a gente não manda nos sentimentos.

— Eu sei.

— E eu sei aonde você e o Caio foram hoje.

— Sabe? Como?

— A minha mãe me contou a conversa que você teve com a Carla.

— Ah — disse ele, cabisbaixo.

— Por que você não me chamou? Ah, esquece. Que pergunta idiota.

— Bel, desculpa. Eu gosto de você. Eu adoro estar com você. Você beija bem *pra* caralho e é linda. Adoro transar com você. — A cada palavra o rosto dela ficava mais vermelho. — Porra, eu não sei o que acontece comigo. Eu… você quer namorar comigo? — perguntou Ben, sabendo que não tinha mais como voltar atrás.

— O quê?! Benjamin, veja lá o que está me pedindo.

— Eu quero, Isabel. Preciso dar um rumo na minha vida. É provável que a Luana não saia do meu caminho agora, mas o meu tempo com ela já foi. Quero você, mas preciso que confie em mim.

— Benjamin Pessoa. Veja bem o que você está fazendo.

— E então, Isabel Muniz, quer namorar comigo? — perguntou ele, sentindo as palavras soarem estranhas.

— Claro que quero!

Eles se abraçaram e se beijaram. A mão dele percorreu o corpo dela, que suspirou de prazer, mas o afastou ao lembrar que estavam em um restaurante.

— É melhor nos contermos — disse ela, ruborizando.

— Quer dormir comigo? — convidou ele, sussurrando no ouvido dela.



A lua estava alta. Ele saiu de seu trabalho e foi direto para casa. Desceu ao porão e lá estava sua vítima: nua, amordaçada e enjaulada. Os olhos estavam injetados de pânico. Ela sabia que algo lhe aconteceria. Jamais imaginou que aquele homem lindo e carinhoso fosse se transformar em um lunático. Transformar não. Provavelmente sempre fora assim. Nas três primeiras vezes que saíram, ele fora tão atencioso… E ela caíra na cilada…

— Olá, minha querida! Vou tirar esse cheiro de hospital do corpo para podermos ficar juntos. Mas você está tão quieta… — Riu com escárnio. — Já volto.

Não demorou muito e logo ele cumpriu sua promessa.

— Venha. — Ele abriu a jaula e, com delicadeza, tirou-a dali. — Minha bela Marcela. Você é quase perfeita… Faltou pouco. Esse cabelo sedoso, seus olhos castanhos penetrantes… Venha até aqui.

Ele a levou para a frente de um espelho que mostrava seu corpo por inteiro. Ele ficou por trás dela, segurando em seu pescoço, como se fosse enforcá-la a qualquer momento.

— Veja essas pernas torneadas… Essa boceta molhada… Ah, você precisava ser perfeita… Mas eu vou fazer você perfeita. Veja: trouxe uma prótese de silicone.

Marcela começou a suar frio. O que aquele louco estava pensando em fazer? É verdade que ela tinha um seio um pouco maior do que o outro… Mas isso não era normal?

— Olha, minha querida. — Ele falava de forma extremamente delicada. — Vamos apenas dar um jeitinho. — A delicadeza foi embora e ele apertou o pescoço dela. Venha comigo.

Ele levou a moça para um quarto dentro do porão. Marcela já havia visto aquela porta, mas não imaginava o que havia atrás dela. Sentiu-se como se estivesse participando do seriado *Dexter*, mas, diferentemente deste, ela não fizera nada de errado.

As lágrimas começaram a escorrer antes mesmo que ele a deitasse na fria maca de metal. Quando isso aconteceu, os soluços juntaram-se ao choro, o que o deixou levemente irritado.

— Vamos parar com isso? Você está apenas piorando as coisas.

"Por favor, Beto, não faça isso", ela pensava, enquanto murmúrios eram ouvidos por baixo da mordaça.

— Shhh. — Ele algemou suas mãos e pés. Depois, injetou o anestésico em sua veia. — Pronto: agora você ficará perfeita!

Com o bisturi, ele abriu os dois seios dela, retirou as glândulas mamárias e pôs as próteses. Em seguida, costurou os seios.

— Agora, sim, você está perfeitamente simétrica. — Ao dizer isso, ele deitou-se sobre ela e a estuprou. Marcela acordou quando ele estava gozando.

— O que você fez? — perguntou, aproveitando que estava sem a mordaça.

— Eu a deixei perfeita.

— Por quê? — Marcela começou a chorar.

— O que é isso, minha princesa? Agora vamos dar uma volta? Você prefere o mar ou a floresta?

Imaginando ser mais fácil fugir por terra, escolheu a segunda opção.

— Então vamos, querida. Vista esse vestido que destaca bem seus novos lindos seios.

Chorando, devido à dor e ao desconforto que sentia por causa da "cirurgia" recente, e ainda com receio de os pontos abrirem, Marcela fez o que ele ordenou, com medo de algo pior lhe acontecer.

Após saírem do restaurante, Benjamin enviou um WhatsApp para a mãe avisando que dormiria fora.

— O Ben não vai dormir em casa — disse ela.

— E nós poderíamos seguir o exemplo dele — comentou Hugo, beijando o pescoço dela.

— Não sei se devemos.

— Lu, já somos crescidinhos. Vamos para meu apartamento. Lá poderemos conversar.

Sem falso pudor, Luísa aceitou o convite. Assim que chegaram ao apartamento, ele abriu um vinho e pôs uma música lenta para tocar.

— Você conseguiu falar com o Ben?

— Não tudo. Mas ele está se acostumando com a ideia.

— Você acha que poderemos ser uma família algum dia?

— Talvez. Apesar de que, logo, logo acho que ele vai se casar. Ele sempre foi muito caseiro, sabe? Nunca foi de badalação. Ele é um garoto de ouro. — Os olhos dela brilhavam ao falar do filho.

— Ele parece ser muito especial.

— E é. Eu morreria e mataria por ele.

— Agora estamos juntos. Se precisar, mostro minhas garras também.

— E a sua enteada? Já falou para ela?

— Falei, sim. Ela é uma garota fantástica. Você gostará de conhecê-la.

— Você gosta muito dela, não?!

— Sim. Ela é minha filha, apesar de não ter o meu sangue. Eu gostaria que tivesse sido diferente com o Ben.

— Eu não agi certo. Mas você precisa entender o meu lado. Além disso, eu era muito nova...

— Eu entendo. Agora precisamos correr atrás do tempo perdido. Não podemos deixar que um erro do passado se torne uma avalanche sem volta. Agora venha aqui.

Hugo puxou Luísa e a beijou.

Benjamin deixou Isabel em casa antes de passar no seu apartamento e trocar de roupa. Estranhou a ausência da mãe, mas quem era ele para cobrar qualquer coisa? Em pouco tempo ele estava a caminho do escritório. Lá chegando, o primeiro rosto que viu foi o de Lúcia, que sorriu para ele.

— Que cara de pimentão é essa, primo? Está com vergonha?

— Morrendo. Depois te conto…

— Oi! — disse Isabel, chegando perfumada e passando a mão nas costas de Benjamin.

Quando ela se afastou, Caio se dirigiu a Ben.

— Não precisa falar nada… Quando sai o casório?

— Se eu for no seu ritmo, daqui a dez anos.

— Olha a gracinha, hein?!

A manhã passou tranquilamente e, ao meio-dia e meia, os primos foram almoçar. Logo que os pratos chegaram, Caio lançou a pergunta que ficara remoendo no escritório:

— Agora me conta: está sério o rolo com a Bel?

— Mais do que você pensa. Eu a pedi em namoro.

— Agora poderemos sair de casalzinho! — brincou Caio. — E a Luana, como fica nessa história?

— Não fica, né?! Vou precisar dar um jeito nisso. Mas, ela saindo do hospital, será mais fácil.

— Primeiro ela precisa acordar, né?!

— Isso é verdade.

— O que será que aconteceu a ela?

— Eu também estou louco para saber.

Estavam terminando a refeição quando o plantão do telejornal anunciou:

"Nesta manhã foi encontrado o corpo de uma mulher na Floresta da Tijuca. Pela cicatriz nos seios, as autoridades acreditam que ela fez, recentemente, um implante de silicone. A polícia diz que pode ser a mesma pessoa, apesar de o *modus operandi* não ser idêntico. Voltaremos com mais informações ou no Jornal do País."

— Você ouviu isso, Caio?

— Que barra… — disse ele, sem dar importância. — Mas acho que você deve se preocupar mais com a Luana do que com corpos encontrados na floresta.

— Isso está parecendo até nome de creepypasta. — Benjamin riu da própria piada sem graça.

— Agora vamos, ou chegaremos atrasados.

Pela manhã, na delegacia

— Jac, o delegado está chamando você e o Almeida.

— Ele chamou o Cristóvão pelo sobrenome? Então o bicho está pegando. — Hugo foi buscar o parceiro no refeitório para, juntos, irem à sala do Dr. Gilberto Raposo.

O delegado era um homem de cinquenta anos, calvo e bonachão. Apesar de parecer carrancudo às vezes, era bastante amigo da equipe e justo com as pessoas que adentravam sua delegacia.

Mal os investigadores cruzaram a porta da sala, ele começou a falar.

— Alguns rapazes estavam caminhando pela Floresta da Tijuca esta manhã e encontraram o corpo de uma jovem sem identificação. Preciso que vocês acionem o pessoal e corram para lá antes da imprensa, senão, imagina o estardalhaço que esses jornalistas de merda vão fazer.

— Pode deixar, chefe. Estamos indo para lá agora.

— Você perguntou em que local do Parque da Tijuca foi encontrado?

— Aglomeração, meu amigo. Vamos atrás disso. Nunca falha.

O carro tinha passado poucos metros do Restaurante dos Esquilos quando eles começaram a ouvir o falatório.

— O cara não teve nem a dignidade de esconder o corpo… — resmungou Cristóvão.

— E olha os jornais chegando aí. Pede reforços, amigão. O negócio vai ficar brabo.

Foi fácil afastar os curiosos. O difícil foi pôr a imprensa para correr. Tudo bem que os caras estavam fazendo o trabalho deles, mas não podiam impedir a polícia de fazer o seu.

Hugo pediu que eles mantivessem distância suficiente e que não filmassem ou fotografassem o rosto da vítima. Assim que a polícia tivesse contatado a família, Jacomelli afirmou que dariam a informação e, possivelmente, uma coletiva.

Até os peritos chegarem e o corpo ser retirado, o dia passou, e, para os investigadores, foi de forma bastante lenta. O sol começava a baixar quando eles puderam voltar para a delegacia.

— Jac, preciso que vocês façam o relatório ainda hoje.

— Pode deixar, Dr. Raposo.

— Por que está me olhando com essa cara, homem?

— Achei aquele terreno estranho, parecendo estar revirado. Quem sabe o cara já não fez isso antes e, por algum motivo, não conseguiu enterrar a moça?

— Pode ser. Vou enviar uns caça-tesouros. Quero o relatório na minha mesa amanhã pela manhã.

— Ok, chefe.

— Jac, vou avisar a patroa que devo demorar.

— Vai fundo. Vou avisar a Luísa também.

— Quer dizer que o negócio *tá* firme! E o garoto?

— Ela ainda não contou a ele.

— Vai dar certo, cara.



— Oi, mãe! Quem era ao telefone? — perguntou Benjamin ao abrir a porta de casa.

Luísa, que mal terminara a ligação, ficou vermelha.

— Ah, é o namorado! Não vai vê-lo hoje?

— Não. Ele está ocupado no trabalho. E aí, vamos pedir uma pizza?

— Dona Luísa saindo da dieta? Já vi que hoje vamos ter temporal.

— Olha o respeito com a sua mãe, menino!

— Vou só tomar uma ducha. Pode pedir.

Quando Ben voltou para a sala, o cheiro de pepperoni invadia o ambiente. Após pegar uma fatia, sentou-se ao lado da mãe, que assistia a um filme qualquer na TV.

— O que deu em você hoje? — perguntou ele.

— Benjamin…

— Lá vem bomba. É sobre o doador de sêmen de novo?

— Dá um desconto, filho. Eu já expliquei. Ele só ficou sabendo da sua existência há oito anos e, desde então, ele tem tentado se aproximar, mas você nunca deu abertura.

— Mãe, eu não preciso de um pai agora, aos vinte e quatro, quase vinte e cinco anos.

— Por favor, Ben, não seja intransigente como eu fui. Dê ao menos uma chance. Quem sabe vocês não se dão bem?

— Porra, mãe, eu estou cansado, cheio de coisas no trabalho, doido para chegar em casa e descansar, mas você vem sempre com a mesma história! Eu não quero saber desse cara!

Benjamin levantou-se do sofá.

— Isso não está dando certo, mãe. Vou procurar um canto *pra* mim. Vou alugar um *apê*. Se continuarmos assim, vamos acabar brigando feio. Quanto ao doador de sêmen, esquece! Eu nunca darei uma chance a ele. Amanhã mesmo vou começar a procurar um lugar *pra* morar.

Luísa ficou chateada, mais com a rudeza do filho do que com a saída dele, porque sabia que, um dia, essa hora chegaria.

"Quem sabe, estando longe, ele reconsidere?", pensou ela, largando a fatia de pizza pela metade.

Capítulo 11

Depois de três dias de chuva torrencial no Rio, o sol resolveu brindar a Cidade Maravilhosa com seus raios. Hugo saiu de casa tão cedo a ponto de ver o primeiro surfista chegar à praia. Aquilo só poderia ser sinal de um dia tranquilo. Com esse pensamento em mente, deu a partida no carro e rumou para o trabalho.



Na delegacia

Antes mesmo de se sentar, Hugo atendeu ao telefone que tocava insistentemente na sua mesa.

— Jacomelli, preciso que você e o Almeida venham até aqui. Acabamos de receber uma informação da perícia que pode mudar o rumo das investigações.

Em menos de cinco minutos Hugo e Cristóvão estavam batendo na porta da sala do delegado.

— Rapazes, há pouco recebemos uma ligação avisando que encontraram ossos próximo ao local onde a moça foi deixada. Com a chuva, a terra deve ter remexido, e...

— Certeza de serem ossos humanos? Não podem ser de algum animal que acabou morrendo na floresta? — perguntou Hugo.

— Já confirmaram ser ossos humanos.

— Certo, doutor. Já estamos indo.

— Mas não é só isso. Já sabemos a identidade da moça encontrada há alguns dias. Trata-se de Marcela Viana, uma professora de pilates. Preciso que designem alguém para comunicar à família. Logo depois, quero que vão para o local dos ossos antes que a imprensa caia em cima. Os jornalistas não vão descansar enquanto não virem uma solução do caso ou a nossa caveira.

— Pode deixar, doutor. Falarei para o Juliano pedir que a família venha reconhecer o corpo amanhã, assim poderemos verificar com a perícia hoje e atender a família pela manhã.

— Ok. Confio em vocês. Mas percebam que ela não é uma qualquer.

Ao saírem da sala, Hugo fez um pedido ao parceiro:

— Peça para a Vera descobrir tudo sobre a garota, até a marca de pasta de dentes que usava. Enquanto isso, vou falar com o Juliano. Vamos nos encontrar no estacionamento em dez minutos.

— Certo.



Chegando ao local, os jornalistas já se encontravam lá. Alguns faziam chamada para o jornal, sem se importar com o caos que mostravam atrás, outros gravavam alguma nota com seus celulares e os fotógrafos registravam aquela barafunda.

Estava um pandemônio: lama, terra, ossos, galochas ensopadas. Era um verdadeiro inferno de Dante.

Hugo teve vontade de expulsar todos dali, mas já imaginou o *mimimi* que os repórteres iam fazer, dizendo que a polícia estava obstruindo o trabalho da imprensa.

"Ninguém se importa com o trabalho da polícia, mas deixa estar", pensou consigo e foi na direção dos jornalistas.

— Pessoal, agora preciso que se retirem — comandou.

— Detetive… — Aproximou-se um jornalista.

— Inspetor.

— Inspetor, nós precisamos trabalhar.

— E nós também. Se não descobrirmos a quem pertencem esses ossos, vocês cairão em cima da gente. Quando tivermos um posicionamento, faremos uma coletiva. Já disse isso a vocês.

— Posso deixar o meu cartão com o senhor?

Hugo estendeu a mão para pegar o cartão de visitas, leu o nome do jornalista e, quando este deu as costas, amassou e jogou numa lixeira próxima.

— Esse pessoal está cansado de saber que eu não vou telefonar para ninguém — resmungou.

— Ei, Jac, *tá* ficando velho, hein?! Dizem que quanto mais a idade avança, mais as pessoas passam a falar sozinhas — brincou um dos peritos.

— Deixa de encher e me diz o que você descobriu aí — devolveu a galhofa.

— Olha, cara, temos aqui, pelo menos, cinco esqueletos. Digo isso por conta dos crânios, mas pode haver mais. Só depois que exumarmos tudo, teremos a certeza de quantos são.

— Certo. Junta tudo e vamos levar. Teremos trabalho para vários dias.

— E noites, meu amigo.



Alberto Palhares tinha acabado de acordar. Escovou os dentes, masturbou-se e tomou banho. Aquele prazer solitário já não mais o satisfazia. Observou-se novamente no espelho. Apesar de seus quarenta e seis anos, estava em perfeita forma física. Pegou o telefone e ligou para Perla, sua "puta" da vez, como a chamava.

Quando a campainha tocou, ele abriu a porta e puxou a garota para dentro. Perla tinha vinte anos, seios fartos, bunda dura e era adepta da malhação, assim como ele. Aliás, conheceram-se nas idas e vindas da academia. Depois da terceira transa ele já havia constatado que a garota não tinha nenhum tipo de assimetria. Até mesmo as tatuagens que tinha nos tornozelos eram idênticas.

Perla passou a mão pelos cabelos loiros dele e beijou a boca rosada. Ele a puxou para si, arrancando-lhe a roupa brutalmente, como era seu costume. Depois de fazê-la gozar diversas vezes, ele a penetrou e chegaram juntos ao êxtase. Ele sempre gostou daquilo. E com garotas novinhas. Não crianças. Não era pedófilo, apenas admirador da perfeição.

— Agora, minha pérola, saia da concha e mostre tudo para mim. O seu álbum está ficando magnífico.

— Depois eu poderei vê-lo?

— Quando estiver completo. Agora arreganha essa xana para mim.

Conforme orientações, Perla ia mudando de posição e sendo fotografada. O rosto nunca ficava em primeiro plano. Se alguém tentasse identificá-la, algum dia, pela fotografia, teria um trabalho enorme. Os diversos anos de carreira fizeram com que ele se aprimorasse, e jamais cometeria o mesmo erro do tio.

Finalizada a sessão de fotos, ele a colocou para fora como um cachorro velho, mas sabia que ela voltaria quando ele quisesse.

Assim que Perla saiu, ele foi ao pequeno quarto de empregada, que fizera de quarto escuro para revelar as fotos. Precisava ir atrás de outra presa. E, dessa vez, precisaria ser mais cauteloso.

"Nada de deixar corpos na Floresta da Tijuca. Arriscara-se demais. Quem sabe se levasse a garota para casa? Não." — Tirou logo a ideia da cabeça. Só se fosse louco. Ali era seu refúgio, seu esconderijo. Ali ele era o homem de bem. — "Meio tarado, ok, mas boa pessoa." — Era melhor deixar as coisas como estavam. Não se deve mexer em time que está ganhando.



A lembrança do irmão veio à sua cabeça. Augusto, o bom em tudo, o gênio, o queridinho dos pais, enquanto ele era colocado para escanteio. Se não fosse o tio… A tia… A corrente que tanto queria… O tio prometeu, mas não cumpriu. Era um tratante como os outros. Parou de devanear. Precisava encontrar outra garota que fosse assimétrica, mas não muito. Não gostava de ter muito trabalho. Seu prazer estava em torturar as meninas. Chegava a salivar só de pensar.

— Incrível como elas não conseguem ver aquelas imperfeições que gritam aos olhos — falou para si mesmo enquanto tomava uma ducha para tirar o cheiro que Perla deixara em sua pele. Vestiu uma roupa casual e foi para um barzinho atrás de uma garota bonita, porém, com alguma "deformidade".



Diana estava saindo do hospital quando seu celular vibrou dentro da bolsa. Um sorriso iluminou seus lábios quando viu a mensagem de Augusto.

"Boa noite, meu amor! Vamos jantar na minha casa hoje? Posso pegá-la às 19h?"

A médica consultou o relógio. Faltavam poucos minutos para as seis horas da tarde. Respondeu em seguida.

"Vamos sim, mas prefiro que me pegue às 20h. Estou saindo agora do hospital."

A resposta veio no mesmo instante.

"Às 20h estarei na porta do seu prédio."

O namoro ia completar dois meses. Diana e Augusto ainda estavam se conhecendo e, pela primeira vez, ficariam completamente sozinhos. Até aquele dia, eles já tinham ido a restaurantes, cinema, teatro… Ela era uma pessoa reservada. Tinha tido alguns namorados e apenas um havia virado sua cabeça por completo, deixando um coração despedaçado. Depois de quatro anos, era a primeira vez que voltaria a se entregar a um homem.

Trocou de roupa três vezes. Queria estar linda. Também não poderia parecer oferecida, por isso, pôs uma *lingerie* preta que, apesar de sensual, era discreta. É claro que não sabia se algo ia acontecer… Mas dificilmente não aconteceria, afinal, ele não era nenhum garotinho, e também não falava sobre o passado… Aquele jantar seria perfeito para se conhecerem.

Diana olhou as horas e levou um susto. Faltavam apenas quinze minutos para as oito horas da noite. Terminou a maquiagem, colocou o vestido e, quando estava calçando a sandália, o interfone tocou. A moça olhou para o relógio, que marcava, exatamente, oito horas da noite, e riu para si mesma.



O trajeto foi curto e em poucos minutos chegaram à casa de Augusto. Não era uma mansão, mas tinha sua imponência. Diana ficou encantada com o jardim e a decoração intimista, mas chegou a assustar-se ao ver a mesa já posta para o jantar.

— Você fez tudo isso?

— Não. A minha cozinheira que preparou. Eu sou uma negação na cozinha. Só vou precisar esquentar. Já está com fome?

— Ainda não.

— Podemos tomar um vinho.

— Amanhã estou de folga, então, podemos sim.

— Que informação maravilhosa! Você poderá dormir aqui hoje?

— Eh, acho que sim. Vou só avisar o meu pai, para ele não ficar preocupado.

— Achei que fosse órfã.

— Na verdade, é meu padrasto, que me cria desde os três anos. Quando minha mãe faleceu, eu poderia ficar com ele ou com a minha tia, mas preferi ficar com ele. Não é pai de sangue, mas de vida, entende?

— Acho que sim.

— E você, já foi casado? E seu irmão? Você nunca fala dele.

— Meu irmão e eu somos muito diferentes, apesar de termos a mesma aparência. Somos órfãos desde pequenos e fomos criados pelo irmão do meu pai. Esta casa aqui, que era dos meus pais, ficou para mim. Há muitos anos que Alberto e eu não nos encontramos e, se não se importa, prefiro deixar assim.

Percebendo que havia pisado em campo minado, Diana pediu desculpas.

— Tudo bem, você não tinha como saber. Quanto à outra pergunta, fui casado por dez anos e não tive filhos. Depois de um tempo, vimos que não estava dando certo e terminamos antes de ser tarde para os dois. Isso já tem uns oito anos, mas são águas passadas, e hoje somos só nós dois.

— Tem razão.

— Quer fazer alguma coisa? Ouvir música, tomar um vinho?

— Quero que me beije.

No primeiro momento, Augusto estranhou o pedido de Diana, que sempre se mostrou tímida, mas não pensou duas vezes: ele a abraçou e seus lábios se encontraram. Foi um beijo quente e demorado. As mãos dele passearam pelas curvas do corpo dela que, quando notou, estava apenas com a roupa de baixo.

Eram mais de dez horas da noite quando eles deixaram o quarto. Diana vestia uma camiseta de banda de *rock* que pertencia ao namorado. Ela se ofereceu para esquentar o jantar, mas ele se recusou. Enquanto ele se virava na cozinha, acendendo o forno e tirando o vinho da geladeira, ela ficava admirando seus músculos se mexendo a cada movimento e seus cabelos loiros. Ele era lindo.

Augusto virou-se de supetão e a pegou admirando-o. Enquanto Diana baixou os olhos, sem graça, ele riu do flagra.



O sol nem tinha nascido quando Hugo saiu de casa. Eram quatro horas da manhã quando recebeu a notificação do legista, pedindo que fosse encontrá-lo.

— Olá, Clóvis, e aí?

— Desculpa tirá-lo tão cedo da cama, mas queria que visse isso. Eu compenso depois com uma boa xícara de café.

— Manda a bucha.

— Bem, antes de mais nada, quero lhe apresentar meu colega Estêvão Costa, antropólogo forense, que está me ajudando nesse caso.

Após os cumprimentos, Estêvão passou a falar:

— A primeira coisa que podemos afirmar é que se tratam de mulheres e que todas têm entre vinte e trinta anos.

— E como sabe que são mulheres?

— Observe os crânios — Clóvis apontou para eles. — Os de homens têm saliências e a fronte é achatada. Já os das mulheres são mais lisos e têm a fronte reta.

— E quanto à idade? É alguma suposição?

Estêvão aproximou-se dos ossos e, como um professor explicando uma matéria aos alunos, foi mostrando tudo a Hugo e Cristóvão.

— Isso pode ser verificado pela falta de desgaste das extremidades esternais da quarta costela e pela sutura sagital, que não está totalmente fundida.

— Sutura sagital? Acho que perdi essa aula de anatomia. Pode falar em português? — brincou Hugo.

— É a sutura que corre por toda a extensão craniana, entre os ossos parietais direito e esquerdo. O que ele quis dizer é que se estiver totalmente fundida, a pessoa tem mais de trinta e cinco anos — explicou Clóvis. — Mas isso não é tudo. Primeiro ouça, depois faça as perguntas.

— Ok. Continue, Estêvão.

— Todas têm os dentes em perfeito estado, logo, eram pessoas de médio a alto poder aquisitivo. E temos a certeza de serem mulheres pelo tamanho do

crânio e pela pelve, que é mais larga e rasa, e o osso púbico é mais longo do que dos homens.

— Logo, temos aqui, cinco esqueletos de jovens mulheres — falou Clóvis.

— E o tempo da morte? — perguntou Hugo.

— Entre cinco e dez anos — Estêvão retomou a palavra —, mas não é apenas isso.

— Então diga.

— Preparado para a bomba? — brincou Clóvis.

— Manda, cara!

— Três delas têm marcas nos ossos compatíveis com objetos perfurocortantes. E, de acordo com a cicatrização, é bem provável que tenham sido a *causa mortis* — explicou o antropólogo.

— Só três? E as outras duas?

— Em uma encontramos isto. — Clóvis estendeu um saco plástico para o investigador.

— E onde essas balas calibre 44 estavam alojadas?

— No crânio e na costela.

— De uma só?

— Isso mesmo.

— E a outra?

— Nada. Nenhum vestígio de coisa alguma.

— E não há como saber a causa da morte? Não pode ter sido esganadura ou algo assim?

— Acredito que não, mas desconfio de que ela pode ter sido enterrada viva.

— De propósito?

— Não temos como saber — respondeu o especialista. — Mas ninguém é enterrada viva sem querer.

— E quanto às identidades?

— Ainda não temos qualquer ideia. Raposo falou que colocou três secretárias para procurar mulheres desaparecidas entre cinco e dez anos. Vamos ver se conseguimos algo.

— Ok. Agora quero aquele café.

— Não disse para você que o Jac não perdia nenhuma informação? — falou Clóvis para Estêvão.

— Ainda mais quando se trata de café — disse Hugo. — Eu escolho o local!

— É hoje que irei à falência! — gracejou o legista enquanto trancava a porta do necrotério.

Capítulo 12

Era tarde quando Benjamin chegou ao apartamento. Luísa estava na sala, olhando para a televisão, mas sem assistir. A discussão que tinham tido há alguns dias mexera com a relação deles, e aquilo a estava incomodando muito, por mais que soubesse que era apenas uma questão de tempo para ele tomar aquela decisão. Benjamin e ela sempre foram muito próximos, mas, talvez pelo amadurecimento do filho, estavam se distanciando.

— Ainda acordada? — perguntou ao abrir a porta e ver a mãe.

— Estava esperando você. Fiz lasanha.

— Você cozinhando?

— Ok, coloquei no forno a lasanha que a Cida deixou pronta. A gente precisa conversar. Desde aquele dia não nos falamos direito. Você mal para em casa.

— Eu sei. Deixa eu tomar uma ducha e já venho.

Benjamin arrastou-se pelo corredor. Sabia que não poderia evitar ou adiar ainda mais aquela conversa e a sua decisão. Seria difícil no início, mas necessário para a boa relação dos dois.

Após o banho, voltou para a sala, onde Luísa o esperava com o vinho aberto e a massa fumegante sobre a mesa.

— Filho, sei que não será uma conversa fácil, sei também que deve dar um nó na sua cabeça, mas é preciso que você entenda que ele é seu pai…

— Mãe, eu ainda estou pensando sobre esse assunto, e não resolvi nada. Quanto ao outro, estou decidido. Vou alugar um apartamento.

Ben falou aquilo tudo de uma vez, com receio de perder a coragem durante a conversa.

— Você vai mesmo sair daqui?

— Isso não quer dizer que não nos veremos. Conversei com alguns colegas da pós e talvez divida o apartamento com um deles. Tenho certeza de que nossa relação vai melhorar.

— Ah, meu filho. Eu preciso mesmo me acostumar que você já é adulto.

O celular dele começou a tocar.

— É o Caio. O que ele quer a essa hora? Melhor atender.

Conforme ia conversando com o primo, o semblante de Benjamin ia se modificando e o sorriso tomando conta de seu rosto. Quando desligou, ele quase gargalhava.

— Pelo visto, a conversa foi boa — Luísa puxou assunto assim que ele pousou o aparelho no braço do sofá.

— Sim, mãe! O Caio contou para o tio Eliseu sobre a minha ideia de morar sozinho e o titio falou que aquele apartamento que ele tem na Barra acabou de ficar desocupado, e que eu posso morar nele.

— Aquele quarto e sala?

— Sim! E mais: ele falou para eu assumir somente o condomínio e o IPTU. Por estarmos em família, não vai cobrar o aluguel. Isso vai ser perfeito. Assim não precisarei dividir o apartamento com ninguém!

— Fico feliz por você, filho! Sei que não posso prendê-lo em casa, e que está crescendo, mas sentirei muito a sua falta.

— Mãe, isso não é uma despedida! Eu virei vê-la e juro que vou pensar no caso do doador de sêmen. *Tá* bem? Agora me conta sobre o seu namorado.

Luísa ficou desconcertada. Falar sobre Hugo era o mesmo que mentir para o filho.

— Ainda estamos nos conhecendo, mas estou muito feliz! E você e a Isabel? — mudou rapidamente o foco da conversa.

— Se ele a está fazendo feliz, já gosto dele. A Bel e eu… Acho que o negócio está dando certo. Agora vou me deitar, mãe. Preciso levantar cedo amanhã. Boa noite.

— Boa noite, meu querido.

Após o expediente, Benjamin, Caio e Isabel foram visitar o apartamento, que ficava na quadra do Posto 5. É claro que estava vazio, mas não seria difícil decorá-lo.

— Podemos fazer um *open house*, sugeriu Bel. Assim, você ganha o básico e não se afunda em dívidas.

— E a gente ainda faz uma festa — sugeriu Caio.

— Vou pensar nisso, mas acho que prefiro decorá-lo sozinho. Um sofá de segunda mão me cairá bem. De qualquer forma, amanhã trarei minha cama. Assim já terei onde dormir, e se o tio não se importar, já me mudo para cá.

— Meu pai já deu a chave a você! Pode fazer o que quiser!

— Ótimo! Amanhã mesmo, após o expediente, comprarei o necessário para me mudar.



Benjamin abriu a porta. Seria a primeira noite no novo apartamento. Chegou a pensar em convidar Isabel, mas desistiu da ideia. Precisava daquele momento único e apenas seu.

Depois do banho, ligou a TV, que ficava em seu antigo quarto, fez um sanduíche e sentou-se para assistir a qualquer coisa. Estava feliz com a nova vida. O WhatsApp bipou. Era Luísa, desejando-lhe boa noite. Ele retribuiu o cumprimento e foi se deitar.

Acordou cedo, com o toque do celular. Quando ia pôr no modo soneca, percebeu se tratar de uma chamada, não do despertador.

— Alô? — falou sonolento.

— Sr. Benjamin Pessoa?

Quem procuraria por ele àquela hora da manhã, e com tanta formalidade?

— Sim, é ele.

— Aqui é do Hospital Miguel Arcanjo. Estamos informando que Luana Amorim teve alta do hospital esta manhã.

— Será necessário buscá-la?

— Não. Ela assinou a própria alta e estamos informando apenas o ocorrido.

— Obrigado.

Benjamin desligou o celular e entrou no banho com a questão: para onde Luana foi? Por que ela não o procurou?



A manhã no escritório foi angustiante. Caio percebeu a agitação do primo e conseguiu driblar Isabel para que os dois fossem almoçar sozinhos.

— Cara, conta o que está acontecendo. Você está estranho.

— Acordei com um telefonema do hospital dizendo que a Luana tinha recebido alta e saído de lá e, claro, fiquei me perguntando para onde ela foi. No meio da manhã eu recebi uma mensagem dela falando que não tinha para onde ir e eu disse que poderia ficar um tempo lá em casa.

— Você o quê?

— Pois é… Só depois eu me toquei da merda que eu fiz. E agora não dá para voltar atrás.

— Dar, dá. É preciso saber se você quer. Só acho sacanagem você enganar a Isabel.

— Não vou fazer isso.

— Vai contar a ela? Não que eu tenha algo a ver com isso, mas também não quero que se meta em uma fria.

— Não sei, cara. Algo me diz que se eu falar, ela vai me matar.

— Então não deixa a Cecília saber.

— Isso é fácil. É só você manter essa língua de velha fofoqueira dentro da boca.

Caio não teve outra reação a não ser cair na gargalhada.

— Benjamin, só digo uma coisa: acho que estou é com inveja de você.

Os primos saíram do restaurante rindo tanto que nem chegaram a notar que um par de óculos escuros os observava escondido atrás de uma revista, dentro da banca de jornal.

Eram seis horas da tarde quando Benjamin fez menção de ir embora.

— Oi, lindo!

— Bel! Não vi você o dia inteiro!

— Eu tive prova hoje na *facul*, mas quis ver você. E o *apê* novo?

Antes de responder, ele deu uma olhada de lado para Caio, que virou de costas para não acabar entregando o primo sem querer.

— O que está acontecendo? — perguntou a moça, franzindo a testa.

— Vamos indo que eu explico para você — falou Ben, percebendo que não teria como escapar dela ou mesmo adiar aquela conversa.

Para amansar a fera, ele a levou a um barzinho que ela gostava muito, que ficava na beira da praia e tinha música ao vivo. Naquele dia, em especial, haveria o *show* da banda Vegara. Isabel gostara, em particular, a música Veneno e o refrão "Como uma gota de cicuta, você envenenou o meu coração, e eu morri na mais profunda ilusão", que foi cantado por todo o estabelecimento.

No intervalo, o motivo dos dois estarem ali voltou à tona.

— Agora me conta, Benjamin. Por que o Caio ficou daquele jeito quando perguntei sobre o seu apartamento? O que você está aprontando?

— Bel, eu não sei como dizer. É complicado…

— Descomplica. Você é ótimo com as palavras. Pode começar a desembuchar. E não me enrola!

— Não vou enrolar. — Antes de começar a falar, porém, tomou a tulipa de chope em um único gole e pediu outra. — É sobre a Luana.

— Tinha que ser. Você só fica assim por causa daquela garota. O que é agora? Infelizmente ela não morreu, *né*?!

— Isabel! Já pensou se isso acontecer? Você vai ficar com remorso.

— Eu? Vou soltar fogos. Mas, se preferir, posso seguir essa música deliciosa e dar um copo de cicuta para essa sirigaita.

— Eu vou falar, mas só se você prometer não ter um ataque ou tentar me matar.

— Desembucha logo.

Benjamin contou sobre Luana ficar hospedada em sua casa.

Um copo voou e espatifou na parede, a poucos centímetros da cabeça dele.

— Posso continuar a falar ou você vai ficar dando ataque de ciúmes e tentando me matar?

— Então é assim. Eu queria saber se fosse o contrário, se eu estivesse levando um ex-namorado para casa.

— Se fosse para ajudar o cara, qual o problema?

— Qual o problema, Benjamin? Se você não vê nenhum, eu vejo. Bem, não vou ficar com um cara dividido entre mim e a ex-namorada. Quer saber? Eu

não moro no Japão para aceitar viver em um harém. Fique com ela. E vê se me esquece.

— Mas os haréns ficam na Arábia Saudita.

— Dane-se onde ficam. Tchau. Fica com a sua inválida.

Isabel pegou a bolsa e saiu batendo o pé. Ben viu quando ela entrou no táxi, ainda bufando, com o rosto vermelho de raiva e com lágrimas nos olhos. Após o *show* (não o do palco, mas o protagonizado por eles), preferiu pagar a conta e ir embora.

Só então se tocou de que Luana não tinha a chave do apartamento e que, provavelmente, o porteiro não a deixaria entrar.

Assim que pôs os pés no saguão, o porteiro veio ao encontro dele.

— Benjamin, a sua prima esteve aqui, mas o senhor se esqueceu de deixar a chave.

— É verdade, Clodoaldo. Que cabeça a minha! Como fui esquecer que a minha prima chegaria hoje? Sabe para onde ela foi?

— Ela tinha ido dar uma volta mais cedo, dizendo que ia tentar achar o senhor, mas ela voltou, pobrezinha. Aí, coloquei ela lá no meu apartamento.

— Muito obrigado. Pode chamá-la para mim?

— É que não posso deixar a portaria… Você não quer ir lá em casa? É o apartamento 1-A. Fica ali nos fundos.

Ben tocou a campainha, mas nada aconteceu. Ele apertou novamente e uma Luana com cara de sono abriu a porta.

— Ah, é você.

— Vamos subir?

— Vamos. — Luana deixou a porta entreaberta e ele pôde vê-la ajeitar as almofadas do sofá e desligar a televisão.

— Bonito seu apartamento!

— Obrigado. Está com fome?

— Estou sim.

— Você tem alguma dieta a seguir?

— Acho que não.

— Mas acho melhor a gente não abusar, né?! Vou fazer uma omelete.

— Quer ajuda?

— Não precisa.

— Então vou tomar um banho. Onde encontro uma toalha?

Benjamin entregou o necessário a ela e foi para a cozinha preparar o jantar. Aproveitou uma salada que Luísa insistira para ele levar. Pelo menos não iam passar fome.

Ele engoliu em seco quando a viu vestida apenas com uma camiseta dele que tinha a estampa dos Supremos, seus super-heróis preferidos.

— Chegou bem na hora.

— Tudo bem eu usar sua camiseta? Estou sem troca de roupa.

— Cl-claro.

— Hmmm, isso parece estar muito bom! O aroma está convidativo — disse ela, sentando-se à mesa e se servindo.

Assim que tomou seu lugar, o rapaz resolveu comentar sobre algo que estava martelando sua cabeça desde cedo.

— Luana, posso fazer uma pergunta?

— Claro — disse ela, comendo apressadamente.

— Coma devagar, parece que está passando fome. Não a alimentavam no hospital?

— Só com aquela comida insossa. Era isso que queria perguntar?

— Na verdade… Não me leve a mal, ok? É só uma curiosidade minha… Por que você me procurou em vez da sua mãe?

— Porque eu não sei onde ela está. Posso me deitar agora? Estou cansada — disse ela, deixando o prato pela metade.

— Claro. Você se importa de ficar aqui na sala, no sofá-cama?

— De jeito algum. Muito obrigada por me receber. Espero que a sua namorada não fique chateada com você.

— Eu não estou mais namorando — respondeu ele, bem baixo, mas alto o suficiente para ela ouvir.

Hugo estava levantando da sua mesa quando o telefone tocou. Ele chegou a pensar em não atender, mas…

— Jacomelli — falou ao pôr o fone no ouvido.

— Inspetor, que bom ainda estar por aqui.

— Oi, Juliano. Novidades?

— Encontramos oito mulheres desaparecidas entre 2008 e 2013.

— Somente oito? Muito bom! Quer dizer... Você me entendeu.

— Sim. Essas foram as únicas que as famílias procuraram e nunca mais foram encontradas.

— Ótimo, Juliano. Pode trazer tudo para mim?

— *É pra já.*

Em poucos minutos Juliano estava na frente de Hugo.

— Aqui estão as pastas delas. Espero que tenha ajudado.

— Quanto a isso, vamos saber depois. Avise ao Dr. Raposo que estou levando essas mocinhas comigo. Preciso tomar um banho e beber um litro de café para poder trabalhar em cima delas.

— Boa sorte. Até amanhã.

— Obrigado. Até.



Hugo chegou em casa e, depois de uma ducha e uma garrafa térmica cheia de café, sentou-se no sofá.

Desde que Diana se formou e alugou um apartamento, eles se viam esporadicamente. Ele sentia falta da filha. Sim, era a forma como a via. Pegou o porta-retratos sobre a mesa de centro. Nele, via a imagem de Olga e de Diana. A menina não era parecida com a mãe, exceto pelos olhos azuis e o cabelo cacheado. Mas os traços eram distintos.

Logo em seguida as imagens de Luísa e de Benjamin vieram à sua mente. Pensou em telefonar para ela, mas precisava estudar aquelas fichas. Deixou o porta-retratos de lado e começou a ler as fichas e ver as fotografias.

Descartou, de imediato, a segunda e a oitava. Acabou com seis possibilidades.

Mas para que saber aquilo? De que adiantaria entregar ossos às famílias? E como ter certeza de que foram vítimas do mesmo maníaco?

— Merda! — Hugo sentiu que estava em uma areia movediça, prestes a ser engolido. — Aonde isso vai nos levar?

Desesperado e totalmente desperto, por conta do café e das duas doses de *whisky*, ia telefonar para Luísa, mas o dedo parou a milímetros da tecla automática. O que diria? Que estava bêbado e se lembrou dela? Que sentiu saudade da ex-mulher (que talvez tenha recebido essa denominação apenas por ter morrido)?

Ficou se lembrando da última conversa dos dois, e ela dissera uma coisa que mexeu com ele: "é difícil competir com um morto, porque o relacionamento não acabou, foi arrancado de você".

Aquilo não era de todo mentira. Ele sentia que, de alguma forma, ainda amava Olga, mas era um amor que havia ficado no passado. Mas, agora, queria viver um novo amor com uma pessoa que havia deixado no passado e por quem havia se apaixonado no presente.

Deixando todos os questionamentos de lado, apertou a tecla, e foi com um sorriso bobo no rosto que ouviu a voz do outro lado.

— Oi, amor.

Capítulo 13

— E aí, cara, como foi?
— Bom dia para você também, Caio.
— Ah, *qualé*! A Isabel ficou muito chateada?
— Não, só totalmente irada.
— Que merda! E a Luana?
— Aparentemente bem. Mas vou ver se converso com a Bel ainda hoje.



Alberto saiu do banho e foi ao quarto escuro pegar as últimas fotos reveladas. Completamente nu, sentou-se no sofá, abriu o álbum de Perla e foi encaixando as fotos. De repente, algo lhe chamou a atenção.

Pegou a fotografia e, com a ajuda de uma lupa, foi verificar aquele detalhe: sim, a garota tinha uma pinta no lado direito dos grandes lábios. Somente daquele lado.

Desesperado, passou a olhar as fotografias novamente, atrás de outras imperfeições, até que encontrou: embaixo da polpa esquerda havia uma leve mancha amarronzada. Era pequena e, devido às curvas da moça, não havia visto antes.

Ódio, ira, raiva. Era isso o que estava sentindo naquele momento. Como ela teve coragem de enganá-lo daquele jeito? Ela sabia que precisava ser perfeita. Ele não se importava nem com tatuagens (desde que fossem simétricas como as dele). Mas aquilo era como uma traição. Precisava dar um jeito naquilo.



Benjamin estava no escritório quando algo bateu em sua cabeça. Olhou para trás e viu Isabel indo na direção da sala de Lúcia.

— Ela fez de propósito. Caramba! Essa bolsada doeu!

— Não olha para mim. Eu tenho que fazer a política da boa vizinhança. Minha mãe me mata se eu ficar do seu lado, e meu pai acaba comigo se eu ficar do lado da Isabel.

— E você ficaria do lado dela? Ela é louca! Olha o que fez.

— Deixa de ser exagerado. Ela é uma mulher apaixonada que está puta da vida porque você colocou outra garota no seu apartamento. A Cecília já tinha me dito, mas não acreditei.

— Dito o quê?

— Que a Isabel estava sonhando em morar com você.

— Ela é louca mesmo. Eu acabei de me mudar! Pretendo ficar sozinho por bastante tempo.

— Pretende? Pelo que você me contou, há uma mulher morando no seu apartamento. E não é uma qualquer, é sua ex-namorada.

— Para de colocar lenha na fogueira, Caio! Ela só está passando um tempo lá, até as coisas se ajeitarem para ela.

— E vai me dizer que não rolou nada?

— Não mesmo. Ela está dormindo na sala. Estou apenas sendo solidário.

— Queria ver se ela fosse um homem feio lhe pedindo abrigo. Duvido que abrisse suas portas.

— Fica tranquilo. Se um dia a Cecília colocar você para fora, terá para onde correr.

— Sem graça. Sou muito gostoso para ela me deixar ir.

— Tá bom. Pisa na bola para você ver.

— Vamos almoçar?



O esquema estava preparado. Alberto ligou para Perla e combinaram de se encontrar no posto 10 da praia do Recreio. Quando ele chegou, ela já estava a sua espera.

— Entra — ordenou. A moça sentiu algo diferente, mas não soube entender o quê. Acreditando ser parte da fantasia, ela obedeceu.

— Para onde vamos?

— Vou lhe apresentar a casa do meu tio.

Perla abriu o maior sorriso que pôde. Até aquele dia, Alberto não havia falado quase nada sobre si. Sabia apenas que tinha um irmão gêmeo que era médico como ele. Nunca soube de tio algum.

Chegaram a um grande muro branco. Alberto acionou o controle e o portão da garagem se abriu sozinho. A casa não parecia muito grande, mas era suntuosa. Assim que o motor desligou, Perla saiu do carro.

— Nossa! Que casa! Eu não sabia que sua família tinha dinheiro.

— Você não sabe de muita coisa sobre mim. Vamos?

Ele abriu a porta que dava para a cozinha e entraram.

Assim que pôs os pés na cozinha, Alberto a agarrou por trás e rasgou a roupa dela.

— Como vou voltar assim? — Fingiu estar indignada.

— A gente dá um jeito. Venha conhecer o restante da casa.

— Assim, nua?

— Qual o problema? Só estamos nós dois aqui. E estou cansado de ver essa boceta. Vamos.

Subiram ao segundo piso, onde havia quatro quartos, sendo três suítes. Desceram novamente e ele fez questão de mostrar a sala de estar e a de jantar. Foram para o quintal, onde ficava a piscina e a churrasqueira.

— Agora quero mostrar a melhor parte da casa!

Alberto a levou de volta à cozinha e levantou a tampa de um alçapão.

Após descerem, ele falou:

— Esse era meu esconderijo quando criança.

— O que você fazia aqui?

— Brincava de médico.

— Que sugestivo!

— Vamos brincar? — Sem esperar resposta, ele a deitou sobre uma chapa metálica e algemou mãos e pés. — Por onde vamos começar? Hmmm, que tal pela bocetinha? — perguntou ele, lambendo os beiços.

Alheia ao perigo que estava correndo, a garota ria, imaginando ser mais uma fantasia sexual dele.



Luana olhou para as horas no celular. Em menos de uma hora Benjamin estaria em casa. Por que não fazer um agrado?

Ficou lembrando sobre o dia, o qual passara vendo TV o dia inteiro. Sua mãe enviou duas mensagens, que foram apagadas sem ao menos serem lidas.

Precisava de um trabalho, uma ocupação que lhe desse dinheiro. Quando morou em Amsterdã, trabalhou como garota de programa. Muitas vezes nem precisava ir para a cama com eles, em outras, não precisava transar. Tudo bem que isso era nada perto das outras que, após uma festança, precisava dar tudo em troca da boa grana que recebia. Não se arrependia. Pelo contrário. Com os euros que recebeu, conseguiu voltar para o Brasil.

"Apaixonar-se é uma merda. Se não fosse aquele filho da puta, jamais teria voltado. Era impressão ou o vi no hospital?", pensou.

O dinheiro que tinha estava no fim. Benjamim poderia até ajudar, mas um advogado júnior não ganhava o suficiente. Cadastrou seu perfil em três agências. Ganharia algum dinheiro como garota de programa, mesmo sabendo que no Brasil os homens são mais brutos e mais mão de vaca.

O bipe do celular fez com que voltasse para a Terra. Mais uma mensagem da mãe. Abriu os armários. Quilos de macarrão. Na geladeira, queijos e vinho. Ótimo: o jantar seria espaguete aos quatro queijos (ainda que estes se resumissem a prato, muçarela, requeijão e — o mais fino de todos — brie).

Benjamin entrou no momento em que o perfume do molho tomava conta do pequeno apartamento.

— Uau! O que temos para jantar?

— Surpresa. Pode ir se preparando, porque hoje você vai ser muito bem servido.

O rapaz não se fez de rogado. Tomou uma ducha e voltou para a sala com uma roupa leve. A mesa já estava posta e Luana o esperava. Ele se aproximou, abriu o vinho, serviu as taças e puxou a cadeira para que a moça se sentasse.

— Pensei em acender algumas velas — revelou. — Mas não encontrei nenhuma por aqui.

— Que eu me lembre, nunca comprei nenhuma. Vou colocar na lista de compras.

O jantar foi feito quase em silêncio. Depois, juntos, foram lavar a louça e, quando tudo estava no escorredor sobre a pia, Benjamin resolveu fazer uma guerra de detergente passando, de leve, a esponja cheia de sabão no nariz de Luana.

— Ah, seu… Volta aqui!

Ele passou a correr pelo apartamento, desviando de todos os obstáculos pelo caminho, e ela ia atrás. Terminaram com ele segurando os braços dela nas costas. A proximidade dos corpos fez com que as respirações se acelerassem e, vencendo o pudor, Ben abraçou-a e a beijou, e ela correspondeu ao carinho.

As roupas foram arrancadas com furor. Os beijos eram sôfregos e desejosos, como se eles quisessem que oito anos voltassem de uma hora para a outra. O que começou na sala, terminou na cama, com os dois dormindo de conchinha.

O passado voltou como um tsunami, e ambos relembraram o tempo doce que viveram juntos.

Pela manhã, quando o sol estava se preparando para despertar, Benjamin acordou Luana com beijos no pescoço e no ombro. Antes de ela abrir os olhos, ele sentiu-se encorajado e fez a pergunta que o martelava há tanto tempo.

— Por que me deixou?

— Sem cobranças, Ben. Vamos viver o agora. O nosso momento. Não sabemos o dia de amanhã. Eu sou um pássaro, nasci para ser livre. Vem. Me beija.

— Preciso ir trabalhar.

— Você vai se atrasar só alguns minutos. — Sem esperar resposta, Luana deitou-se sobre ele e o beijou.



O dia passou devagar. "Incrível como querer estar em outro lugar faz com que os ponteiros demorem o dobro de tempo para se moverem", pensou Ben.

— O que houve, primo? Você está distante o dia todo. Não vai me dizer que…

— Não vou dizer nada.

— Esse brilho nos olhos… Pela carranca da Isabel, vocês não fizeram as pazes… Não acredito!

— Fala baixo! É. A gente transou.

— E vocês estão…

— Não estamos nada. Sem compromisso…

— Aê! Benjamin pegador!

Uma bolinha de papel voou e acertou em cheio a testa de Caio.

— Que é isso, cara?

Quando Ben ia responder algo, seu telefone chamou.

— Oi, mãe.

— Oi, meu querido! Como está a casa nova? Gostando?

— Muito. É bom ter o meu canto.

— Sim, é ótimo. Ben, quero que você venha jantar aqui em casa. Eu quero que você conheça alguém.

— Seu namorado?

— Ainda não sei se estamos namorando, mas, sim, é ele. Traga a Isabel.

— Não estamos mais juntos.

— Ah… — Foi impossível não notar a decepção na voz dela. — Mas você está legal?

— Estou, mãe. A que horas quer que eu chegue?

— Venha direto do trabalho, assim podemos ficar um pouco sozinhos.

— Ok, mãe. Eu irei.

Capítulo 14

Benjamin saiu do trabalho saltitando, como se fosse encontrar a primeira namorada. Apesar de estar gostando de morar (praticamente) sozinho, sentia falta da mãe. Era a primeira vez que se afastavam de verdade.

Quando chegou à portaria, o zelador foi logo cumprimentá-lo.

— Benjamin! Há quanto tempo! Você precisa vir mais vezes. A sua mãe ficou muito triste com a sua partida.

— Eu virei, Alfredo. Pode deixar.

O rapaz aproveitou a porta aberta do elevador para entrar. Estava faminto e com saudade da comida de Luísa.

Como era de costume, virou a maçaneta, como se ali ainda fosse seu apartamento, mas houve resistência, devido à porta trancada. Soltou-a e acionou a campainha. Escutou os passos da mãe e a chave girando.

A porta ainda não estava totalmente aberta quando Luísa abraçou o filho. Ela, que tinha 1,70 m de altura, era baixa, perto do 1,90 m dele. Sem se importarem com os vizinhos, mãe e filho ficaram abraçados durante um bom tempo.

— Vem, meu querido. Entra.

Ele entrou e uma sensação entranha, de que ali não era mais seu lar, apossou-se dele, contudo, sentiu-se à vontade.

— O que temos para beber? Eu queria trazer vinho, mas você não deixou.

— O Hugo prefere cerveja.

— Olha, já temos um nome. Conta tudo, dona Luísa. Você está feliz?

— Poderia estar mais.

— Por quê? Ele não a faz bem? Dá um pé na bunda.

— Não é isso. Eu preferiria que você estivesse aqui, morando comigo.

— Ah, não, mãe. Eu já sou adulto, precisava mesmo do meu canto. Se estivéssemos morando em Londres ainda, era capaz de eu, depois da faculdade, nem ter voltado para casa.

— Eu sei disso, e acho que foi até um dos motivos de eu querer voltar para o Brasil. Pelo menos tive você por mais oito anos.

— Eita, mãe. Que papo pesado. Até parece que um de nós vai morrer amanhã.

— Vira essa boca *pra* lá, menino! Ainda quero viver muito para ver meus netos correndo por aí.

— Que história de neto é essa?

— Mudando de assunto: o que houve entre você e a Isabel? Parecia que estava indo tudo tão bem…

— É que surgiu uma outra garota na parada.

— Outra? Eu conheço?

— Na verdade, conhece. É a Luana.

— Qual? Aquela que foi para Amsterdã e deixou você aqui, na maior fossa? Não vá fazer uma besteira, *hein*?!

— Mãe, não me faça ficar arrependido por ter contado.

— Desculpa, filho. Eu preciso pôr na cabeça que você não é mais criança. Que tal brindarmos à sua visita? Comprei cerveja de malte, do jeito que você gosta.

— Estamos esperando o quê?

Assim que Benjamin foi na direção do freezer para pegar duas *long necks*, o interfone tocou.

— Eles chegaram.

— Eles? Eu ouvi bem? — perguntou Benjamin para as paredes, pois a mãe já estava no *hall* à espera do elevador.

Quando ouviu o barulho característico que o elevador fazia quando parava no andar, Ben aprumou os ouvidos e pôde notar três vozes: uma da sua mãe, outra de homem e a terceira feminina. Por que o cara traria uma mulher?

— Benjamin! — chamou Luísa. — Venha conhecer Hugo e sua enteada, Diana.

Quando os jovens se viram, cumprimentaram-se como se fossem velhos amigos.

— Vocês já se conhecem? — perguntaram os pais, em uníssono.

Eles se atrapalharam um pouco e Diana acabou tomando a palavra e explicando, com todos os pormenores, o que havia acontecido com Luana.

— Espero que ela tenha encontrado um lugar para ficar — comentou Diana.

— Fique tranquila — falou Luísa. — O filantropo do meu filho deu-lhe abrigo.

— Que bela atitude! — disse o até então mudo Hugo. — Benjamin, sua mãe disse que é advogado. Qual área pretende seguir?

— Eu trabalho com direito penal, mas quero mesmo ser delegado.

— Que ótima escolha! É uma carreira difícil, mas louvável.

— Eu sei. E você?

— A sua mãe não comentou? Sou inspetor da polícia civil.

— Não tive tempo — desculpou-se Luísa. — Quando ele chegou, ficamos conversando apenas sobre ele.

— Não precisa se explicar. Fica tranquila.

— Engraçado… Você não me é estranho… — comentou Ben.

— Talvez você não se lembre, mas meu parceiro e eu fomos os policiais que atendemos o caso da mulher na praia, há uns oito ou nove anos.

— Isso é muita coincidência. Depois podemos conversar sobre umas teorias loucas que eu tenho tido?

— Mas é claro! — Ao dizer essas palavras, Hugo sorriu de lado para Luísa, que retribuiu o gesto. — Quando quiser. É só marcar.

— Perfeito! Eu posso até levar meu primo. Nós estávamos juntos naquele dia.

— Meninos, fiquem conversando aí que eu vou dar uma esquentada na lasanha.

— Eu ajudo você — comentou Diana.

Durante o jantar, Benjamin e Diana passaram a conversar mais e a descobrir pontos em comum. Ao terminarem a refeição, os dois foram para o antigo quarto dele (que continuava da mesma forma) a fim de ouvir música.

— Gosta de *rock*?

— Adoro! Pena que meu namorado prefira música erudita. Não que seja ruim. Eu até gosto, mas é bom variar de vez em quando, e ele nunca varia.

— Ah, temos um namorado?

— É, o Augusto. Ele também é médico, e hoje está de plantão.

— Que sorte a minha! — Os dois riram.

— E como está a garota? Desculpa. Esqueci o nome.

— Luana.

— Isso. Como ela está?

— Aparentemente bem.

— Sabe se ela tem depressão?

— Na verdade, não sei nada sobre ela. Ficamos afastados oito anos. Nem sei como ainda tinha o meu telefone. Mas por que a pergunta?

— Os pulsos dela têm cicatrizes, e queria saber se ela já havia tentado suicídio.

— Não sei, mas vou procurar saber.

— Ok. Anota meu telefone. Qualquer coisa, me procura. Não sou psiquiatra, mas posso tentar ajudar.

— Qual sua especialidade?

— Estou fazendo residência em clínica médica, e depois pretendo fazer especialização em oncologia.

Nesse instante, Diana ouviu Hugo chamá-la.

— Estou de saída. Quer ficar mais um pouco?

— Não, preciso ir.

— Acho que também vou, mãe.

— Fica, Ben. Amanhã é sábado.

— Vejo você amanhã? — perguntou Hugo para Luísa.

— Claro!

— Foi ótimo conhecer você — falou para Benjamin.

— O prazer foi meu.

Mãe e filho deixaram Hugo e Diana no táxi e subiram de volta. Luísa estava com mil perguntas na cabeça, e essa seria uma boa hora para fazê-las.

— Manda, mãe. Pode perguntar.

— Você me conhece mesmo, *né*?! — Riu.

— Ele parece ser um cara bem legal.

— Sabia que vocês se entenderiam. E a Diana? Rolou alguma coisa?

— Não! Temos alguma afinidade. Idade, música.

— Que bom, filho!

— E você, como está?

— Apesar da falta que você me faz, estou bem. Para com essa besteira. Volta.

— Mãe, eu já não sou bebê. E eu preciso disso, sabe?

— Mas por que não fez como o Caio, que vai sair de casa agora, que vai casar?

— Pelo simples motivo de eu não ser ele.

— Não, não é. Ele não trata o pai da forma que você trata.

— Não vai comparar o tio Eliseu a um doador de espermas qualquer, *né*? Passamos a noite juntos e você nem se lembrou de mencionar esse cara.

— Quantas vezes vou precisar repetir que ele não sabia da sua existência e por isso não o procurava?

— Boa pergunta. Como ele soube de mim, depois de tantos anos?

Luísa ficou muda. Deveria contar a verdade e pôr tudo a perder? Não, ainda não havia chegado o momento.

— Ele nos viu juntos, fez as contas, somou dois mais dois e foi direto. Eu até poderia ter mentido, mas você é a cópia dele. Não tinha como eu negar. E por que essa resistência toda?

— Não faço ideia, só sei que desde que ele apareceu, nossas vidas tomaram outro rumo. Até o seu casamento degringolou.

— Ele não teve nada a ver com isso. Se o Enzo quisesse continuar casado comigo, teria vindo para o Brasil.

— E será que foi ele que não quis vir?

Deixando a pergunta no ar, Ben levantou-se.

— Boa noite, mãe.

Era início da noite. Luana havia acabado de receber a mensagem de Benjamin dizendo para não esperá-lo, pois iria jantar na casa de Luísa.

Não entrou em detalhes, mas ela também não pediu. Estava acomodada no sofá, quase pegando no sono, quando ouviu barulho do lado de fora. A princípio pensou tratar-se dos vizinhos, mas, quando percebeu que a maçaneta estava sendo forçada, concluiu que era Benjamin, e que havia esquecido a chave ou estava muito bêbado.

— Espera um pouco que eu abro, Ben! — falou em um tom de voz mais alto.

Destrancou a porta e retornou para o sofá. Não teve tempo de reagir. Alguém veio por trás e a colocou para dormir com o auxílio de um lenço embebido em clorofórmio.



Era cedo quando Benjamin acordou e olhou para o celular. A mensagem que enviara para Luana na noite anterior continuava sem resposta. Ia enviar outra quando ouviu batidas na porta.

— Bom dia, dorminhoco! Já se levantou?

— Acabei de acordar, mãe. Vou lavar o rosto e já me junto a você para tomarmos café.

— Tem certeza de que não quer ficar para o almoço? — Durante todo o desjejum Luísa tentou persuadir o filho a ficar ali.

— Tenho, mãe. Eu só não fui para casa porque tinha bebido e não teria como levar o carro.

— Promete que não vai sumir?

— É claro, mãe! Além disso, trabalho com a sua cunhada. Mesmo que eu quisesse desaparecer, você ainda saberia meus passos!

— Ok, Dr. Benjamin.

— Vamos marcar outro encontro com o Hugo. O cara é legal.

— Vou falar com ele. Quem sabe a Diana não vai junto? Que moça bonita!

— Ela tem namorado, mãe.

— E daí? Vocês podem ser amigos.

— Ok, dona Luísa Cupido Pessoa.

— Mais respeito com a sua mãe! — brincou.

— Tchau, mãe. Mais tarde falo com você, caso mude de ideia e resolva servir de vela do jantar romântico.



Benjamin chegou ao seu prédio, estacionou o carro na sua vaga cativa e subiu. Ele cantarolava. A noite tinha sido agradável, e foi bom passar aqueles momentos na companhia da mãe.

Benjamin pôs a chave na fechadura, mas ela não girou. Ele abriu a porta com o discurso pronto. Daria uma bronca em Luana por não ter trancado a porta. Ela não sabia como o Rio de Janeiro andava perigoso?

Ao olhar para a sua sala, engoliu as palavras, empalideceu e sentiu as pernas perderem a força. Puxou a porta, trancou e desceu para a portaria.

— Ben? — Caio atendeu o telefone no primeiro toque.

— Seu pai está aí?

— Ainda dormindo. Por quê?

— Acorda ele. É urgente.



— Você está bem? — perguntou o tio. O coração de Benjamin desacelerou um pouco ao ver Caio e Eliseu.

— Estou. Vamos subir?

Quando Ben abriu a porta, o tio e o primo levaram um susto. Por mais que ele já tivesse adiantado as coisas, não imaginaram que o estrago seria tão grande.

O apartamento estava totalmente revirado, como se estivessem atrás de algo.

— E a Luana? — perguntou, finalmente, Caio.

— Desapareceu.

— Será que ela foi... sequestrada?

— Como saber?

— Procurando indícios — respondeu o tio. Você não pretende ser policial? Haja como um.

— E se eu estragar alguma prova?

— Isso é vida real, gente. Parem de assistir CSI. De qualquer forma, estou aqui e a polícia está a caminho. Não mexam em nada, mas olhem por cima.

Luana realmente não estava ali. Benjamin se martirizava por não ter acreditado nela.

— A polícia está vindo. Vamos descer e perguntar ao porteiro se ele viu a moça.

— Bom dia, Natanael, o Levi já foi embora?

— Foi, sim senhor.

— São apenas vocês dois na portaria? — perguntou Eliseu.

— Tem o Alfredo, que está de férias. Quem *tá* ficando no lugar dele, das seis da tarde até a meia-noite, é o meu sobrinho, o Leonardo. Por quê? Aconteceu alguma coisa?

— Ainda não sabemos, mas esperamos que não — Benjamin tentou tranquilizá-lo.



Depois de quase uma hora de espera, a polícia chegou. Foi com decepção que Ben viu dois desconhecidos adentrarem a portaria. Na sua cabeça, viria Hugo e, juntos, desvendariam o mistério. Infelizmente, a realidade é bem mais cruel, e não seria naquele momento que tudo se resolveria.

Depois de vasculharem o apartamento e de conversarem com os porteiros, os policiais pediram para Ben comparecer à delegacia e fazer uma denúncia formal.

Capítulo 15

Benjamin, Caio e Eliseu voltaram para o apartamento. Precisavam dar um jeito naquela bagunça.

Conforme disseram na delegacia, nada havia sido furtado, apesar de terem quebrado o *notebook*. Como Ben armazenava tudo na nuvem, não havia nenhum dado perdido.

— Tio, você acha que devo falar com o namorado da mamãe?

— Ele é da polícia civil. Talvez ajude. Tem o contato dele?

— Não, mas tenho o da enteada dele.

— Você não dorme no ponto, né?!

— Que isso, tio? Conheci a garota ontem!

— E já tem o número dela!



Ben tentou telefonar para Diana, mas sempre caía na caixa postal, por isso, resolveu enviar um WhatsApp e esperar a médica entrar em contato.

Poucos minutos depois, seu celular vibrou dentro do bolso e ele atendeu sem nem ver quem era.

— Oi, Ben. A Cecília me disse o que aconteceu.

— Oi, Bel.

— Você precisa de alguma coisa?

— Por enquanto não.

— Ok. Se precisar, sabe o meu telefone.

Aquela conversa mexeu ainda mais com ele. Era nítido que estava dividido entre Isabel e Luana. Mas, no momento, precisava saber o que acontecera à segunda.



Era início da noite quando o telefone de Diana tocou.

— Olá, Augusto!

— Olá! Gostaria de convidar você para jantar em um dos melhores restaurantes de frutos do mar do Rio de Janeiro. Aceita?

— Com certeza! É meu tipo de comida preferido.

Às oito horas da noite o carro dele encostou na guia, bem na frente do prédio dela e, em menos de cinco minutos, ela desceu. Usava uma bermuda casual branca e uma camiseta azul.

— Prefiro quando você usa saia.

— Boa noite para você também! — brincou Diana.

— Mas está linda assim.

— Obrigada.

Em poucos minutos ele deixava o carro no estacionamento do restaurante.

— Estava doida para vir aqui! — entusiasmou-se ela.

— Que bom que adivinhei!



Após o jantar

— Como estava o prato? — perguntou ele.

— Divino!

— Já que você gostou, eu queria fazer um convite.

— Diga!

— Estou querendo comprar uma casa perto da minha, mas gostaria que você a conhecesse. Como o imóvel é de um amigo, está mobiliada e ele deixou que eu passasse a noite lá, já que está viajando. Eu gostaria que viesse comigo.

— Por que não? Amanhã estou de folga mesmo!



Augusto estacionou o carro na garagem da suntuosa casa. Diana nunca foi interesseira, mas aquele lugar fez com que seus olhos brilhassem.

— E aí, o que achou?

— Ela é muito linda, Guto.

— Você ainda não viu nada. Vamos entrar.

A sala era dividida em três ambientes: sala de estar, sala de tevê e sala de jantar, sendo que esta era ligada à cozinha no estilo conceito aberto, como se tivesse acabado de ser reformada. Toda a extensão da sala de estar era envidraçada e dava para um terraço com piscina.

— Você moraria aqui?

— Claro! Posso subir para ver os quartos?

Após subirem a escada de madeira, Diana viu seis portas. Ele foi na frente abrindo uma por uma: as duas primeiras eram banheiros; a terceira dava para uma biblioteca/escritório, a quarta escondia um quarto de hóspedes, com sofá-cama; a quinta estava trancada; e a última dava para a suíte principal.

— É aqui que passaremos a noite.

Sem que Diana esperasse, ele a puxou, colocou-a na cama e tirou-lhe toda a roupa. Completamente nua, ela o viu prender seus braços e pernas à cama.

— Agora, vou vendá-la. Você não verá nada, mas sentirá tudo.

Após tapar os olhos azuis da garota, ele desceu até o púbis dela e, com a ajuda dos dedos, abriu, deixando o clitóris à mostra. A língua foi brincando com ele e a outra mão foi explorando a vagina.

Depois que ela gozou, ele a desamarrou, virou-a de costas, amarrou as mãos de Diana na cabeceira da cama, colocou-a de quatro e tentou introduzir o dedo no ânus dela, que pediu para ele parar. A contragosto, obedeceu.

Aproveitando a posição em que ela se encontrava, ele a penetrou pela vagina até fazê-la gozar mais uma vez.

Aproveitando que ela ainda estava vendada, virou-a novamente de frente e foi explorando cada pedacinho dela: pés, pernas, vulva, barriga, seios, braços e pescoço. Fez o mesmo após colocá-la de costas.

— Você é perfeita — disse ao ouvido dela enquanto tirava a venda.

— Obrigada — respondeu, piscando os olhos para que se acostumassem novamente à claridade.

— Posso pedir uma coisa?

— Claro!

— Chupa meu pau.

Diana não se fez de rogada e abocanhou-o com tanta vontade que fez o namorado gemer. Quando ele estava para gozar, jogou-a na cama e a penetrou mais uma vez. Após gozarem, Diana tentou se desvencilhar, mas ele a abraçou por trás, impedindo-a de sair, e, agarrado a ela, adormeceu.



Benjamin estava inquieto. Precisava de notícias de Luana. Pegou o celular que Caio encontrara caído atrás do sofá. Será que caíra sem querer ou ela colocara de propósito? Aquilo não era bom sinal. Pegou mais uma vez o celular e teve a ideia de fuçar.

Já tinha visto a garota desbloquear com o pin algumas vezes, apesar de geralmente usar a digital. Tinha memória fotográfica e desbloqueou com facilidade.

Constatou que aquele era o mesmo aparelho usado em Amsterdã. Fotos sensuais (para não dizer pornográficas) estavam em uma pasta específica. Benjamin olhou uma a uma, imaginando para quem Luana as enviaria.

Ben era fluente em inglês, mas não falava uma palavra de holandês. Duas fotografias traziam anúncios de alguma coisa.

Uma das fotos foi de fácil entendimento, mesmo que estivesse escrito em mandarim: uma mulher, com máscara e *lingerie* provocante. Claro que se tratava de uma agência de garotas de programa. A outra parecia ser de uma empresa de arrumação, pois trazia uma sala bagunçada.

Para não morrer com dúvidas, entrou no navegador e digitou o nome da primeira: "Rood Licht", somente para constatar que era uma agência de garotas de programa. Em seguida, digitou, letra a letra, o nome da segunda, como estava no cartaz: "Laatste realiteit". Encontrou um site que, para sua alegria, tinha a opção de língua inglesa.

A cada linha lida, mais seu queixo caía. E se fosse isso? Procurou por referências no Brasil, mas não encontrou. Preferiu não queimar a massa cinzenta sozinho e enviou um WhatsApp para Caio, que respondeu dizendo que não poderia encontrá-lo.

Decidido a não ficar sozinho, enviou outro WhatsApp, dessa vez para a mãe, e a resposta veio quase imediatamente. Benjamin enviou uma mensagem para o número encaminhado por Luísa.

Meia hora depois, Ben abria a porta para um Hugo extremamente feliz.

— O que é tão importante que não poderia ser dito por telefone? — indagou Jacomelli antes mesmo de cruzar a porta.

Benjamin pegou duas *long necks* e entregou uma ao policial.

— Encontrei esse anúncio no celular da Luana e resolvi averiguar. Quer dar uma olhada?

— Meu inglês é péssimo. Entendo uma palavra ou outra, mas não consigo compreender uma sentença inteira.

— Você prefere que eu leia?

— Seria ótimo.

Ben aprumou a garganta e pôs-se a falar:

— "Ultime Réalité" foi inaugurado, na França, em janeiro de 2010. De acordo com o proprietário, o negócio normalmente recebe pelo menos dois pedidos por dia.

— É, algumas pessoas podem pagar por esse serviço para ter uma descarga extra de adrenalina, para enfrentar o medo, para trazer um pesadelo para a vida real, ou simplesmente porque acham que filmes de terror e as notícias dos jornais já não são suficientes — comentou Hugo.

— A filial holandesa, "Laatste realiteit", foi inaugurada em agosto de 2015 e, um ano depois, já era sucesso. A empresa estuda abrir duas novas filiais, uma em Londres e outra em Atenas.

— Eu já ouvi falar disso — disse Hugo.

— Já? Então me conta.

— Aparentemente, existem pessoas que gostariam de experimentar como é ser sequestrado. Há quem chame isso de "busca pelo medo". Mas a maioria das pessoas chamaria isso de estupidez.

— As normais, você quer dizer — interrompeu Benjamin. — Quanto será que custa isso?

— Dizem que é caro, tipo mil euros.

— Uau! Haja grana!

— Ou seja, essa empresa oferece a experiência de ser sequestrado por diversão.

— Pagar para ser sequestrado? — perguntou Benjamin, incrédulo.

— Isso mesmo. E o cliente ainda tem que assinar um contrato e um termo de responsabilidade.

— Deixa eu ver uma coisa aqui — falou Benjamin voltando-se para o computador. — Tem um pacote básico, que inclui ser apreendido, amarrado, amordaçado e preso por várias horas.

— As pessoas são mais loucas do que podemos imaginar.

— E isso não é tudo: as pessoas podem adicionar coisas para ter mais adrenalina. O serviço supostamente oferece uma experiência psicologicamente chocante.

— Você acha que a Luana poderia estar envolvida nisso? Ter contratado esse serviço? — perguntou Hugo.

— Na verdade, não sei nem o que pensar, porque ela disse que estava totalmente sem grana.

— E se ela não fosse uma cliente, mas fizesse parte do serviço e, não vendo meios de se livrar, tivesse voltado para o Brasil?

— Pode ser… Ela nunca me disse por que voltou. Talvez você esteja certo.

— Veja as últimas ligações dela.

— Já vi. Não há registros. Ela deve ter apagado tudo.

— Ok. Mas se ela foi sequestrada, alguém entrará em contato. Fique de olho no seu celular e no dela.

— Farei isso. E obrigado por vir.

— Quando precisar, é só chamar. Agora tem meu telefone.

— Farei isso.

— Quanto à Luana, fique tranquilo. Farei de tudo para localizá-la.

Capítulo 16

Domingo à noite. Diana convidou Bianca, sua melhor amiga e confidente, para tomar um chope no Leblon. Foi a moça, inclusive, quem deu força para que a médica aceitasse o convite de Augusto, há alguns meses, quando falaram sobre ele pela primeira vez.

— Conta tudo! — disse Bianca quando as duas se encontraram no barzinho.

— Bia, ele estava muito estranho, sabe? Parecia não ser ele. Augusto sempre foi muito carinhoso, mas ontem ele estava… como posso explicar…

— Seco?

— Não. Promíscuo. É isso. Ele fez coisas de que não gostei. Ou gostei. Sei lá. Não que eu seja puritana ou algo do gênero, mas ele passou dos limites.

— Ele… Ele violentou você? Agiu com violência?

— Esse é o ponto. Não. E quando eu pedi que não me penetrasse por trás (Diana disse essas palavras no ouvido da outra, para que ninguém ao redor escutasse), ele obedeceu.

— Então, Di. Ele deve estar testando seus limites. Vai dizer que foi ruim?

— Na verdade, foi até gostoso.



A semana passou sem que tivessem notícias de Luana e, de certa forma, ninguém deu muita atenção àquilo, já que a cabeça de todos estava voltada para o acontecimento de sábado: o casamento de Caio e Cecília.

— Ben, você se arrumará aqui em casa? — perguntou Luísa pelo telefone.

— Bom dia, mãe. Eu nem acordei ainda. Que horas são?

— Quase nove!

— Caramba, mãe! O Caio disse que a festa deve ir até as quatro da madruga. Deixa eu dormir um pouco mais.

— Então me fala, Benjamin. Onde você vai se arrumar?

— Sei lá. Aqui. Eu me arrumo aqui e depois vou até aí, ok? Assim, sairemos juntos.

— Certo. Seis horas da tarde. Dezoito horas. Quero você aqui dentro de casa, não na portaria ou saindo do táxi. Você me ouviu, Benjamin?

Ben sabia que quando era chamado pelo nome era porque a mãe estava uma fera e não deveria brincar com a onça.

— Fique tranquila, mãe. Antes mesmo das seis estarei aí.

Assim que desligou o celular, virou para o lado e voltou a dormir.

Faltavam dois minutos para as seis da tarde quando Ben chegou ao apartamento de Luísa, onde Hugo já se encontrava.

— Ela ameaçou você também? — brincou o rapaz.

— Eu ouvi! — gritou Luísa do quarto.

— Nem precisa responder — falou Ben, cumprimentando Hugo.

— Alguma novidade?

— Nada. Estou ficando muito preocupado.

— Tenho uma equipe procurando qualquer coisa a respeito desse serviço, mas ainda não encontrou nada sobre isso aqui no Brasil.

— Eu pensei em contatar alguns colegas em Londres. Pelo menos estão mais próximos de Amsterdã.

— Do país ela não saiu. Nem ninguém que se parecesse com ela. Desde a semana passada que rodoviárias e aeroportos receberam o comando de nos avisar caso alguém, com as características dela, tente embarcar.

— Estou pronta. Vamos?

Ben e Hugo assoviaram ao ver Luísa em um lindo vestido bordô, contrastando com o cabelo loiro e os olhos verdes.

— Assim vou precisar enviar uma escolta — brincou Jacomelli.

— Vocês estão me deixando sem graça. Vamos?

Eles desceram e entraram no táxi que os esperava.

O casamento foi lindo, com muita comoção. O padre fez uma linda cerimônia. A festa, no Clube Militar, foi pomposa e tanto convidados quanto noivos se esbaldaram. Somente quando Caio e Cecília saíram que os demais começaram a deixar o salão.

Apesar das rusgas, Isabel e Benjamin conversaram amistosamente, mas não tocaram no assunto namoro nem no item proibido: Luana.

Isabel, inclusive, estava alheia a tudo o que vinha acontecendo, já que estava de férias e só pretendia voltar em dez dias. A reaproximação com a moça fez com que a chama reacendesse.

Ben foi para casa pensando em Isabel e só se lembrou de Luana quando entrou no apartamento e viu o celular dela piscando. Pegou o aparelho, mas ficou decepcionado ao ver que não tinha nenhuma mensagem, e que ele estava apenas com pouca bateria.



Os dias foram passando sem novidades e sem notícias de Luana. Benjamin tinha pouco trabalho. Era quarta-feira e já tinha feito todas as petições que lhe pediram. Estava indo ao escritório de Carla quando tropeçou em Isabel, que estava saindo da sala de Lúcia.

— Oi, Bel. Não sabia que tinha voltado de férias.

— Voltei hoje.

— Que bom. — Mexeu no cabelo e depois segurou o queixo. Parecia que não sabia onde colocar as mãos. — Como foi a viagem?

— Ah, a Europa está linda como sempre. Eu ainda não entendi por que a sua mãe quis voltar para o Brasil.

— Família. Isso contou muito… Está com tempo?

— Eu? Sim. O escritório está pouco movimentado, *né*? Nada acontece.

— Pois é. Quer almoçar comigo? Nesses dias de pouco movimento estamos tirando duas horas de almoço.

— Deve ser para compensar os dias que comemos apenas um sanduíche em cima da pilha de papéis.

— É. Deve ser.

— E se nós… tirássemos o resto do dia? Eu falo com a minha mãe…

— Vou entregar esses documentos para a tia... doutora Carla e nos encontramos aqui.

— Ok. Se ela não concordar, ficamos apenas com o almoço mesmo.

— E aí? — perguntou Benjamin quando viu Isabel saindo da sala de Lúcia.

— Ela concordou. Disse para sairmos discretamente e, caso alguém pergunte aonde fomos, é para dizermos que tínhamos um cliente marcado.

— Legal! Então, vamos almoçar em um lugar diferente?

— Onde?

— Surpresa.

Dez minutos depois, Benjamin encostava o carro enquanto fazia os pedidos.

— *Drive-thru*? — perguntou Isabel, de forma incrédula.

Pouco depois, Benjamin estacionou o carro na garagem do seu prédio.

— Aqui teremos privacidade e poderemos conversar à vontade.

Logo que Benjamin abriu a porta, Isabel entrou e, sem cerimônia, foi olhando cada cômodo, como se estivesse à procura de algo.

— A Luana não está aqui, se é isso o que está procurando.

— E para onde aquela garota foi?

— Você não soube o que aconteceu?

— Lógico que não.

Benjamin fez um pequeno resumo do dia em que chegou e viu seu apartamento revirado.

— Caramba…

— E isso não é tudo. — Benjamin contou sobre o sistema de sequestro.

— Mas se ela era uma morta de fome, não teria como pagar por isso.

— Esse é o ponto. O Hugo e eu…

Isabel franziu as sobrancelhas, como se não soubesse de quem ele falava.

— Ele é o namorado da minha mãe. Você conheceu no casamento do Caio, lembra?

— Ah, o policial bonitão.

— Isso. — Riu. — Ele tem a teoria de que a Luana trabalhava para eles em Amsterdã, veio para cá fugindo de algo ou de alguém e acabou sendo pega.

— É uma teoria bem aceitável… mas, agora podemos parar de falar nessa garota? Estou morrendo de fome e os sanduíches estão esfriando.

Após o parco almoço, ficaram na sala assistindo à TV e, aos poucos, foram se aproximando. Benjamin esticou o braço atrás do sofá e Isabel se aninhou a ele.

O beijo veio naturalmente. Aos poucos as roupas foram sendo tiradas e só não fizeram amor ali porque as camisinhas estavam no quarto.

O sol já estava se pondo quando eles foram tomar banho.

— Passa a noite aqui — pediu ele.

— Eu não tenho roupa. Como vou chegar ao escritório amanhã com a mesma roupa?

— A gente sai mais cedo e eu espero você se trocar.

— Quer mesmo que eu fique? E aquela garota? — Por mais que tentasse, Isabel não conseguia pronunciar o nome de Luana (é certo que não fazia muito esforço).

— Vou continuar ajudando a encontrá-la, mas eu acho que gosto mesmo de você. Ela... Vamos deixá-la no passado.

— Benjamin, não brinque com meus sentimentos.

— Bel, eu quero estar com você. Só com você.

A garota abriu um belo sorriso e eles se beijaram mais uma vez.

Benjamin e Isabel chegaram juntos ao escritório. Não fosse ela filha de uma das sócias e ele sobrinho da outra, as conversas rolariam soltas.

No meio da tarde Ben recebeu um WhatsApp da mãe, pedindo que fosse jantar com ela, ao que ele respondeu afirmativamente.

No fim do expediente, ele se despediu de Isabel e foi para o apartamento da mãe, que o esperava com uma bela macarronada, um dos pratos preferidos dele.

— Que beleza, dona Luísa! Posso saber o motivo dessa recepção toda?

— Além de eu estar sentindo saudade do meu filho?

Ben comentou sobre o namoro com Isabel e Luísa falou sobre Hugo.

— Por que ele não está aqui? — perguntou o filho.

— Hoje está de plantão. Parece que vocês se deram bem.

— É. Ele é um cara legal. Você soube escolher.

— Verdade. Eu faço boas escolhas.

— Foi só por isso que me chamou aqui? — quis saber Ben, após terminar o segundo prato.

— Mais ou menos. Eu queria saber realmente o que achou do Hugo.

— Quer a minha aprovação para morar com ele?

— Não. Quero contar uma coisa a você sobre ele. Não quero que ache que forcei nada. Foi algo que aconteceu naturalmente.

— Você está me deixando apreensivo. Vai dizer que eu vou ganhar um irmãozinho?

— Não! De jeito nenhum! Eu sei me cuidar.

— Então do que você está falando?

Luísa apertou o guardanapo nas mãos, deu uma leve trincada nos dentes e falou de uma só vez.

— O Hugo é seu pai.

Benjamin ficou uns três segundos emudecido.

— Como é que é? Por que você não me contou antes?

— Filho, calma. Eu reencontrei o Hugo há oito anos, mas só nos reaproximamos agora que eu me separei e ele ficou viúvo.

— Você ainda não disse por que não me contou isso antes.

— Eu não sei. Acho que eu gostaria de ver se vocês se dariam bem.

— E ele sabia?

— Ficou sabendo há oito anos.

— Porra, mãe! Por que tinha que me contar isso? Estava tudo tão perfeito! Que merda!

— Olha o palavreado, Benjamin!

— Porra, mãe! Você me vem com essa revelação bombástica e quer que eu fique como? Mais alguém sabe?

— Não. Por enquanto, só nós.

— Que merda! Achei que o doador de sêmen tivesse sumido no mundo novamente.

— Para de chamá-lo assim!

— Vou tentar, mas não garanto. Vou embora. Preciso pensar nisso que você me contou.

— Filho, ele não sabe que eu contei a você.

— Está bem, mãe. Vou embora. Depois a gente se fala.

Assim que deixou o apartamento, pensou em ligar para Isabel, mas desistiu. Precisava ficar sozinho para pensar melhor.



Alberto entrou sorrateiramente na casa e pegou a fita que gravara quando Diana estivera ali.

Saiu dali e foi para seu apartamento. Assim que entrou na sala, tirou toda a roupa, colocou a fita no aparelho e pôs para reproduzir.

Enquanto as imagens foram aparecendo, começou a se masturbar conforme a roupa de Diana era tirada e ela ia sendo chupada. A localização da câmera estava perfeita. Ele precisava gravar outras vezes. Depois de gozar, limpou-se e entrou no chuveiro. O desejo de ter a garota em seus braços aumentava a cada minuto.



Noite de sexta-feira. Conforme tinham combinado, Isabel e Benjamin resolveram passar o fim de semana na casa dele.

Por mais que tivesse tentado, não conseguiu meios de contar a ela sobre Hugo. Tinha ensaiado, mas as palavras não saíam ou não havia clima.

Resolveu que o melhor momento de contar seria quando estivessem na cama, porém quando estavam indo se deitar, Ben notou que havia uma mensagem no WhatsApp. Quando a leu, sentiu o sangue do rosto sumir.

— O que houve, Ben? Você ficou branco.

Em vez de responder, ele entregou o celular para Isabel, que leu a mensagem em voz alta:

"Olá, Benjamin, tudo bem? Aqui é a Diana, enteada do Hugo. A Luana chegou aqui no hospital muito machucada. Na falta de

alguém da família, estou entrando em contato com você. Assim que ler essa mensagem, entre em contato comigo. Obrigada.”

— O que você vai fazer?

— O que eu devo fazer?

— Vamos até lá. Quero ver o que essa garota aprontou agora — comentou Isabel, pegando a chave do carro.

Capítulo 17

Assim que Ben e Isabel chegaram ao hospital, Diana os levou para ver Luana que, além de muito machucada, tinha os pulsos enfaixados.

— O que houve com ela? Como ela chegou aqui?

— Ela foi deixada na porta. Ninguém viu. Como as câmeras não gravam, não há como saber. Ela chegou completamente drogada e com os pulsos cortados.

— Ela tentou se matar?

— Não temos certeza. Talvez quisesse apenas chamar a atenção, pois o talho estava bem superficial. Não chegou a pegar nenhuma artéria.

— Você falou que ela chegou drogada…

— Isso. Os braços estão repletos de picadas e o sangue com uma dose grande de substâncias alucinógenas. Você sabe se ela é usuária de drogas ilícitas?

— Que eu saiba, não. Ela nem mesmo fuma.

— Por ora ela está estabilizada, mas aconselho que a leve a uma clínica para se desintoxicar.

— Certo. Vou tentar encontrar a mãe dela. Eu devia ter feito isso antes, mas acabei deixando passar.

Enquanto Diana e Benjamin conversavam, Isabel prestava atenção neles. Ela sentia que havia algo mais além de uma conversa entre médica e responsável pela paciente. Aquela sensação a queimava por dentro.

— Ótimo, Benjamin. Caso haja alguma mudança no quadro, entrarei em contato.

Ele e Isabel despediram-se de Diana e voltaram para o apartamento. Durante todo o trajeto e mesmo em casa, Isabel manteve-se extremamente quieta.

Nove da noite. Diana estava se preparando para deixar o hospital quando Augusto a interpelou.

— Olá, princesa! Que tal irmos à minha casa?

— Já comprou aquela?

— Ainda não. Vamos à minha antiga casa.

— Por que não deixamos para ir outro dia? Que tal um restaurante? Conheço um que serve massas deliciosas. — Está fugindo de mim?

— Não. Não preciso disso. Apenas não estou a fim.

— Vamos, princesa. Sei que amanhã está de folga. Podemos dormir abraçadinhos…

— É justamente por isso. Quero dormir até tarde, e na minha cama.

— Eu deixo você em casa. Eu juro.

— Está bem. Meia-noite no máximo. Mas eu vou com o meu carro. Não o deixarei no estacionamento do hospital.

— Não sabia que você estava de carro — disse o médico, franzindo o cenho.

Diana estava receosa de ficar a sós com Augusto, mas ao mesmo tempo gostava de estar com ele. Era uma mistura de sentimentos. Por via das dúvidas, ao estacionar o carro na frente do portão da casa, resolveu deixar o GPS ligado. Caso não voltasse, encontrariam-na.

Augusto foi um *gentleman*, diferente da última noite, e serviu uma deliciosa massa ao molho de frutos do mar.

— O que achou do jantar?

— Divino.

— Tenho uma coisa para contar. Descobri um novo *hobby*: a fotografia. Quer ver?

Sem esperar resposta, Augusto se levantou e pegou um álbum no qual podia-se ver fotos de flores e de mulheres na praia.

— Você as fotografou sem que soubessem?

— Sim. Usei o *zoom*, mas estou pensando em usar modelos. Quer posar para mim?

— Eu? Não. Melhor não. Eu não tenho jeito para isso. Como modelo, sou uma ótima médica — gracejou.

— Você é perfeita. Apenas algumas fotos, vai.

— De rosto?

— Eu quero de corpo inteiro. Nua, de preferência.

— Não. Eu não sou nenhuma puritana ou algo do tipo, mas não quero fotos minhas rolando por aí.

— Mas não vou mostrar para ninguém. São apenas para mim, para nós.

Diana pensou em ceder e, por fim, falou:

— Nua não, mas aceito de *lingerie*.

— Já é um bom começo.

Diana tirou o vestido, deixando à mostra apenas as peças rendadas que, por serem brancas, contrastavam com seu cabelo preto cacheado, seus olhos azuis e a pele bronzeada, e deitou-se no sofá.

Quem olhava através da lente ou por trás do fotógrafo, via uma linda mulher cuja pose lembrava a da Rose, protagonista do filme *Titanic*.

Augusto insistiu com ela para que se livrasse daquelas peças, mas ela se recusou.

"Tenho meus princípios e farei de tudo para mantê-los. O que conheço dele? Quase nada. Uma pessoa sem um passado. Sim. Isso me incomoda. E muito. Será este um motivo para acabar com o relacionamento?" — Com aquele pensamento, levantou-se do sofá.

— Agora chega, Augusto! Se não guardar essa câmera nesse minuto, vou embora, e não precisa mais me procurar — a médica falou aquilo enquanto colocava o vestido.

— Desculpa, amor. É só para apimentar a nossa relação.

— Para isso existem outras coisas.

— Ah, vem cá. Está tudo bem. Olha! Guardei a máquina! — disse ele, erguendo a bolsa fechada.

Logo depois ele encostou os lábios na nuca dela, fazendo com que os pelos de Diana eriçassem.

— Eu sei que você gosta disso. Por que se privar dos meus carinhos?

Aquelas palavras fizeram o sangue da médica ferver. Ele tinha razão. Ela gostava. Gostava até da sem-vergonhice dele. Mas e seus princípios? A mãe sempre a alertou tanto… O padrasto também contava cada história…

Tudo bem que não era mais nenhuma criança e aquilo estava longe de ser pedofilia, mas será que poderia ser considerado assédio? Provavelmente não. Quando ela negava, ele até podia insistir um pouco, mas não a obrigava a nada.

A mente dela estava vagando tanto que só quando a mão dele penetrou na fenda entre as pernas dela que se deu conta de que estava nua.

— Posso fazer um pedido?

— Nada de fotos.

— Não é isso. Posso filmar a gente? Depois assistimos juntos. Dizem que dá um puta tesão.

— Não. Isso não. Não vou ser *voyeur* de mim mesma. Se quiser, a gente assiste a um pornô, mas não quero me ver transando.

— Você que manda, minha gostosa pudica.

— Não é questão de pudor, mas de princípios.

— Desculpa — falou ele, levantando os braços em sinal de rendição.

A transa não foi das melhores. Diana não entendia o motivo, mas se sentia incomodada, como se estivesse sendo observada. Assim que ele gozou, ela se levantou e, sem mesmo tomar banho, vestiu-se.

— Você vai embora mesmo?

— Vou. Não estou legal. Depois a gente se fala.

Diana saiu dali com um pensamento na cabeça: acabar de vez com aquele relacionamento.



— Alô, por favor, Dr. Benjamin Pessoa?

— É ele — respondeu Ben para a voz ao telefone.

— Meu nome é André e eu falo do hospital Miguel Arcanjo. A paciente Luana pediu para falar com o senhor, mas, como estamos fora do horário de visita, pedimos que venha amanhã, entre nove e onze da manhã, ou entre duas e cinco da tarde.

— Eu irei, sim. Ela está bem?

— Sim, apesar da abstinência.

— Fique tranquilo. Amanhã estarei aí.

"Agora vou arrumar outro problema", refletiu ele. "Como vou explicar para a Isabel que preciso ir ao hospital? Mas melhor falar do que ela descobrir sozinha". Com este pensamento, ele foi ao banheiro, onde a moça tomava uma ducha.

Eram exatamente nove horas da manhã quando Benjamin chegou ao hospital. Ele cogitou a possibilidade de ir apenas à tarde, já que passara a noite inteira conversando (na verdade, discutindo) com Isabel e, quando conseguiu adormecer, já passava das três horas da madrugada.

Quando pediu para ver Luana, o atendente deve ter pensado, no primeiro momento, que se tratava de mais um drogado, devido às olheiras gigantes e aos olhos vermelhos. Só quando Ben explicou quem era e mostrou sua carteira da OAB[2] que o recepcionista o deixou passar.

Antes de entrar no quarto, ele ficou observando a garota. Estava mais magra e o cabelo, sem brilho. O que ela andou aprontando naquelas semanas? Quando ela começou a se mexer, Ben cruzou a porta, como se tivesse acabado de chegar.

— Oi — disse ela, sem graça.

— Oi. Você deixou bastante gente preocupada.

— Pode me desculpar?

— Não acredito que você tenha fugido, ou não largaria o celular para trás.

— Você tem razão.

— Quer me contar o que aconteceu?

— Em Amsterdã, eu trabalhei como garota de programa, e só saí porque um cara com quem eu me encontrava me arrumou outro emprego.

— Na "Laatste realiteit"?

— Como sabe? Quem contou para você?

— Não importa. Você foi sequestrada por eles?

— Não. Eles me trouxeram para cá. Nem sabia que já havia uma filial no Brasil. Eu respondi a um site que estava contratando garotas e acabei nessa enrascada.

— Mas como souberam onde você estava?

— Eu dei seu endereço.

— O QUÊ? — Benjamin soltou um grito e só desceu o tom de voz quando uma enfermeira olhou feio para ele. — Você já pensou no quanto foi inconsequente?

— Já. E peço desculpas por isso. Ben, vou contar uma coisa a você que nunca contei a ninguém. Está preparado para ouvir?

— Manda a bucha — falou, ainda vermelho de raiva.

— Eu fui abusada na infância e na adolescência pelo namorado da minha mãe.

Benjamin ficou alguns segundos totalmente estático. Ele olhava para Luana, mas era como se não a visse. Depois que saiu daquele torpor e recuperou a voz, perguntou:

— E sua mãe sabia?

— Ela ajudava o cara a abusar de mim. Ela e a namorada dela.

— Isso é algum tipo de pegadinha? Uma mãe não agiria assim. E, *pera* aí: namorada dela?

— É. Eles tinham uma espécie de relacionamento aberto. Os três. Por que você acha que não a procurei quando voltei para o Brasil?

— E por que voltou para cá?

— Porque ele me encontrou. E agora, de novo. Eu não estou segura. Ele está atrás de mim.

— Ele ainda está com ela?

— Não sei. Logo que cheguei a Amsterdã recebi um *e-mail* da minha mãe dizendo que eu tinha arruinado a vida dela e que eu não deveria procurá-la mais.

— Você já falou isso para alguém? Já contou para a polícia?

— Não. Você é a primeira pessoa a saber dessa história.

— Assim que tiver alta, iremos à delegacia. Sabe o nome dele?

— Sei. Quer dizer, sei o apelido. Nunca ninguém falou o nome dele.

— Agora descanse. Tentarei falar com alguém para saber quando você terá alta.

Assim que saiu do hospital, Ben deu um telefonema que poderia mudar o rumo daquela história ou confirmar tudo. Deu a partida no carro e foi na direção do Méier.

Parou na frente de uma casa azul com porta e janelas brancas. Desceu do carro e tocou a campainha. Uma mulher bonita, com cerca de quarenta anos, atendeu.

— Você deve ser o Benjamin.

— E você a Jade.

— Por favor, me chame de Lia. Deixei de usar esse nome há muitos anos.

— Desculpa. Lia. Podemos conversar sobre a Luana?

— Ela está bem?

— Nesse momento, sim. Mas ela correu risco de morte.

Ben contou a Lia tudo pelo que Luana havia passado, inclusive a história contada pela moça.

— Vejo que você é um rapaz sensato. Essa história é descabida. Há muitos anos, fui garota de programa. Eu saía com homens lindos e endinheirados até que engravidei. Como uma prostituta vai se manter grávida? Eu larguei aquela vida com a ajuda de uma amiga, com quem descobri o amor.

— Então você nunca namorou homem nenhum?

— Não desde que engravidei. A Luana sempre idealizou uma família tradicional, com mãe, pai e irmãos. Aos quinze anos ela ficou sabendo algo sobre o pai e decidiu ir atrás dele.

Lia parou de falar, foi até a cozinha e trouxe uma garrafa de água e dois copos.

— Aceita uma água ou prefere que eu prepare um mate?

— Água está ótimo. Como ela ficou sabendo do pai?

— Lendo meu diário. Eu, burra, não o destruí.

— Nele você contava tudo?

— Tudinho. Sabe, nessa vida, é difícil confiar nas pessoas. Hoje estou pouco me lixando para o que vão falar de mim, mas, por via das dúvidas, ateei fogo naquilo. Bom. A Luana confundiu tudo. Eu tentei dizer a ela que aquele homem não era seu pai, até porque ele sempre se prevenia. Ela, então, achou

que o meu namorado... Quer dizer, o homem com quem saí algumas vezes, era o pai dela.

— Esse homem não tem um nome, uma profissão? Onde morava?

— Para que quer saber dele? Tivemos um caso na minha adolescência. O pai dela era um cliente qualquer que me estuprou sem preservativo.

— Estuprou?

— Você acha o quê? Que por ser garota de programa homens não fazem isso? Esses filhos da puta me obrigavam a transar. Gozavam e me deixavam sangrando. Menos o Beto. Bem que ela poderia ser filha dele.

— Beto? Esse era o nome dele?

— Devia ser. Ou era somente um apelido. Sei lá. Nunca soube seu nome nem quis saber. Para mim ele era Beto e, para ele, eu era Jade. Isso bastava. Até eu engravidar. É claro que menti dizendo que era dele, mas o tiro saiu pela culatra e ele apenas me deu uma boa grana para abortar. Desnecessário dizer que não o fiz.

— E ela conseguiu encontrá-lo?

— Como saber?

— E essa história de ela ter sido abusada pelo padrasto?

— Invencionice da cabeça dela. Ela sempre foi uma mentirosa de primeira.

— A Luana apareceu no hospital com cortes nos pulsos.

— Cortes rasos, certo?

— Sim — respondeu Ben, incrédulo.

— Ela sempre fez isso para chamar a atenção. Desde nova. Por isso estava sempre com uma munhequeira ou com camisa de manga longa.

— Ela fez duas tatuagens, um tribal em cada pulso.

— Esse TOC[3] que ela tem… Acho que vai com ela para o túmulo.

— Lia, obrigado pelos esclarecimentos.

— De nada. Agora que tem meu telefone, avise-me quando Luana sair do hospital. E por falar nisso, como descobriu meu número?

— Arrisquei ligar para o telefone que eu tinha da Luana quando começamos a nos ver.

— Bem pensado, garoto. Ficarei aguardando notícias.

— Fique tranquila.

Ben saiu dali pensando no quão bobo fora em acreditar nas histórias de Luana.

---

[2] Ordem dos Advogados do Brasil.

[3] Transtorno Obsessivo Compulsivo

Capítulo 18

Madrugada de sábado. Alberto saiu de casa na intenção de encontrar uma presa e foi à sua boate preferida. Lá havia de tudo, desde filhinhas de papai a mulheres que iam para desestressar após uma semana árdua de trabalho. Fugiria das primeiras. Assim que entrou no ambiente pouco iluminado, viu uma linda garota bebendo algo. Esperou alguns segundos (ou foram minutos?) e, quando constatou que ela estava sozinha, aproximou-se.

— Oi, tudo bem? Eu estava observando você, tentando entender como uma lindeza dessas pode estar sozinha.

— Oi… errr...

— Roberto. Eu me chamo Roberto, mas meus amigos me chamam de Beto.

— Prazer, Beto. Sou Vivian. Aparentemente levei um bolo.

Enquanto ela falava, Alberto ia estudando o corpo dela. Uma tatuagem enfeitava o ombro direito. Não havia nada no esquerdo.

— Que cara sacana… Mas se você permitir… Sou ótima companhia.

— Por que não? No fim das contas, acho que vou sair no lucro — disse ela, mordendo o lábio inferior.



Benjamin estava se sentindo mal naquela manhã de segunda-feira.

Isabel saíra do apartamento dele, no sábado, com o rosto vermelho de tanta raiva. Ela não conseguia entender que a única intenção dele era ajudar Luana.

A futura advogada pediu que ele se colocasse no lugar dela. Quando Ben falou que entenderia, ela pegou as coisas, pediu um Uber e foi embora.

No domingo, depois que saiu da casa de Lia, ligou diversas vezes para Bel, mas o telefone permaneceu "fora da área de cobertura ou desligado".

Era hora do almoço. Ben já estava cansado de comer sozinho. Não via a hora de Caio voltar das férias. Assim que chegou ao *hall* do elevador, deu de cara com Isabel. Ela tentou disfarçar e voltar ao escritório, mas ele a impediu.

— Bel, vamos parar com a babaquice? Porra, se eu não quisesse ficar com você, por que iria atrás?

Ela pensou um pouco antes de falar.

— Ok. Vou dar mais uma chance a você. Mas será a última. Vamos almoçar naquele restaurante que tem cabines, assim conseguiremos conversar.

— Certo. Mas será nossa última conversa sobre isso. Da próxima vez, não irei atrás de você. A Luana é uma mulher bonita, sim. Ela mexeu comigo? Mexeu. Mas se eu quisesse ficar com ela, ficaria.

Isabel sabia que iria perdê-lo cedo ou tarde. Ela gostava dele e resolveu se dar uma chance. Se continuasse com aquele comportamento infantil, ele acabaria indo embora de vez. Resolveu, então, que não agiria mais por impulso.

Assim que chegaram ao restaurante, antes mesmo de pedirem os pratos, ela se atirou no pescoço dele e o beijou.

Enquanto esperavam o almoço, Benjamin contou o que ficara sabendo sobre Lia e as possíveis mentiras de Luana.

As massas chegaram e foram consumidas entre beijos e brincadeiras. Isso até a vinheta de notícias extraordinárias tomar conta do lugar e ganhar a atenção deles.

> *"Foi encontrado, na noite passada, o corpo de uma jovem na praia do Recreio. O* serial killer*, que recebeu a alcunha de Tatuador, tentou copiar, no ombro esquerdo, a tatuagem que a jovem tinha do lado direito. Graças ao peculiar desenho, ela foi identificada. A família já está ciente do caso e pede que as autoridades ajam com mais afinco para que novas vítimas não surjam. Mais informações no Jornal Local e no Jornal do País. José Silva para o Jornal Extraordinário."*

— Você ouviu isso? — perguntou Ben. — Qualquer semelhança não pode ser mera coincidência.

— E o que você tem a ver com isso?

— Na verdade, nada…

— Então deixa a polícia trabalhar e esquece isso. Vou ao *toilette*.

Mal Isabel saiu, Benjamin recebeu um WhatsApp. Estava concentrado, lendo, quando ela voltou.

— O que está lendo?

— Nada demais, só um *post* do Facebook.

"Merda! Por que menti?", pensou ele. "Agora não dá para voltar atrás. Se ela descobrir, vai ser pior. Como eu sou idiota!"

— Está tudo bem? Você ficou calado de repente.

— Está. Sim. Tudo. Vamos pedir a conta? Tenho um monte de coisas para fazer no escritório.

— Vamos, sim. Mas você ficou estranho de repente.

— Talvez a notícia tenha mexido comigo.



Após chegar em casa e tomar um banho, Benjamin voltou a ler com calma a mensagem de Luana:

"Ben, sei que eu não tenho direito de lhe pedir nada e nem você tem a obrigação de me ajudar. Mas eu estou pedindo a sua ajuda. Eu preciso conversar com alguém. Você é meu único amigo. Por favor. A médica me disse que terei alta amanhã e não tenho para onde ir. Posso ficar na sua casa? Eu converso com a sua namorada. Mas não me deixe na rua. Um beijo. Luana"

— Puta merda! O que eu devo fazer?

Como se fosse um sinal divino, o telefone de Benjamin apitou, sinal de que havia recebido um WhatsApp, que foi lido com alegria:

"Olá, primo! Sentiu minha falta?"

Ele respondeu imediatamente:

"Caio! Nunca precisei falar tanto com você. Podemos nos ver agora?"

"Você pode vir aqui em casa?"

"Já estou aí."

Meia hora depois Ben apertava a campainha da porta do primo com uma pizza nas mãos.

Depois dos abraços, beijos e cumprimentos, eles sentaram-se para conversar. Ou melhor, para Benjamin falar e o casal ouvir.



— Cara! Não acredito que o namorado da sua mãe é o seu pai!

— Ele. Não. É. O. Meu. Pai. É apenas o cara que depositou sêmen nela...

Caio revirou os olhos antes de dar um sermão.

— Você está parecendo um moleque mimado. Para com essa babaquice. O sujeito quer corrigir um problema do passado que nem foi culpa dele. Cresce, cara!

Benjamin ficou mudo por alguns segundos, parecendo refletir sobre as palavras do primo, até que falou:

— E quanto à Luana e à Isabel? O que devo fazer?

— Uma pergunta por vez — pronunciou-se Cecília. — Você precisa dar um rumo na relação com o seu pai e, como o Caio disse, sem criancice, mas isso dá para segurar um pouco. Agora, com as meninas… Se fosse o Caio, eu caparia.

— Quanta violência! — falou o marido, pondo a mão nos "países baixos" e rindo.

— Ben, eu vou me colocar no lugar das duas. Primeiro a Isabel, que é sua namorada. É claro que ela vai ficar com ciúmes. Não sou psicóloga, mas toda mulher tem ciúme da ex do namorado. Imagina uma que fica na casa dele?

— Mas o que você queria que eu fizesse?

— Calma. A gente vai chegar lá. Então você não pode ficar com raiva dela por sentir ciúme. Esse é o primeiro ponto. O segundo é que ela gosta de você de verdade. E é essa pergunta que você precisa fazer para si mesmo: o que você sente por ela?

Benjamin ia falar algo, mas Cecília o interrompeu:

— Isso não é para ser respondido agora, mas para ser refletido. Vamos ao segundo problema.

Cecília bebericou o vinho antes de voltar a falar.

— Luana. Uma garota que sumiu no mundo e deixou você numa fossa danada e a ver navios. Tudo bem que o ser humano é idiota e acaba correndo atrás de um passado perdido. Pode ser que a história de vocês não tenha terminado, mas será que este é o momento certo para retomá-la?

Enquanto ela falava, Ben ponderava as palavras.

— Veja sua mãe. Ela está resgatando um passado de vinte e cinco anos. Antes não tinha como. Foi algo que aconteceu naturalmente.

— Igual ao meu caso.

— É aí que você se engana. A Luana forçou uma aproximação. Se ela não tivesse procurado você, talvez não estivéssemos tendo essa conversa.

Enquanto Cecília respirava, Caio tomou a palavra.

— Sabe, cara, acho que você deve dar uma chance para o Hugo. Ele já mostrou ser uma pessoa de caráter e não falou nada antes de sua mãe conversar com você.

— Como sabe? Ele foi atrás de você também?

— Não. Mas meu pai disse que se lembra dele. Foi o Hugo que veio até a gente naquele incidente na praia, quando encontramos aquela mulher morta. Vocês sabem do que estou falando, né?

— Claro! Foi o dia em que voltei para o Brasil e que conheci a Luana pessoalmente.

— Isso. Dá uma chance para o cara.

— Vou pensar no caso — falou Benjamin para encerrar o assunto. — Mas vocês não responderam à outra pergunta: o que devo fazer com a Luana quando ela tiver alta?

— Serei curta e grossa: termina com a Isabel e põe a Luana dentro de casa ou despacha a garota para a casa da mãe dela e fica com a Bel.

— Puta merda… Curta e grossa é pouco. Acabei de sentir o coice. Onde eu fui amarrar meu burro?

De repente, o celular de Benjamin acusou o recebimento de uma mensagem de WhatsApp.

— É a minha mãe pedindo para eu passar lá. Com certeza para falar do Hugo.

— Então vai. E abra seu coração. O cara já mostrou ser boa pessoa.

— Valeu, gente. E desculpa estragar a lua de mel de vocês.

— Que nada. Essa pizza valeu o esforço — brincou Caio.

Benjamin pensou em ir para o apartamento da mãe, mas quando chegou ao carro, enviou uma mensagem a Luísa dizendo que estava cansado e que iria no dia seguinte.

Sem esperar resposta, tomou o rumo de casa.



— Foi aqui que contrataram uma enfermeira safada? — perguntou a mulher vestida com uma ínfima fantasia sexual para Alberto, quando este abriu a porta.

— Isso mesmo. Entre, sinta-se em casa.

Ela entrou, passando a ponta dos dedos no peitoral musculoso dele, que deu um tapa na bunda descoberta dela.

— O que você quer fazer? Hoje sou sua escrava. É só pedir que eu farei.

— Primeiro quero comer você.

Ele a puxou para si e foi arrancando a roupa dela enquanto a levava para o quarto. Depois de tê-la obrigado a fazer as posições mais inimagináveis e de tê-la feito gozar, ele a fez se levantar.

— Agora venha comigo. — Ele a pegou pela mão e a levou para um cômodo da casa que tinha sido transformado em estúdio. Ali havia um sofá-cama, alguns pontos de luz e uns brinquedos eróticos que ficavam expostos em uma cristaleira.

— Você é fotógrafo?

— Sou. E você, minha modelo.

Conforme ele ordenava, ela ia mudando a posição. Ficou de quatro, em pé, deitada, sentada, de pernas abertas. Após ter uma gama de fotos sozinha, ele foi até a cristaleira e pegou alguns brinquedos sexuais: algemas (para mãos e pés), um dildo[4] e uma coleira, que deixou de lado, além de uma venda e uma mordaça.

— Vou usar todos esses brinquedinhos em você e tirar algumas fotos. Você vai sentir quando eu a mudar de posição, mas, de agora em diante, eu não falarei mais nada. No final, mostrarei as fotos para você. Entendeu?

— Sim.

— A partir de agora, ninguém mais pode falar.

Primeiro ele a prendeu na cama, vendou-a e amordaçou-a. Depois de chupá-la e senti-la gozar, ele enfiou o dildo na vagina dela. Em seguida,

afastou-se e tirou algumas fotos.

Depois, tirou o objeto da vagina dela, dobrou os joelhos da garota e afastou bem as pernas, deixando a vulva depilada totalmente à mostra.

Após mais alguns cliques, ele foi até a cristaleira e pegou uma espécie de coleira, da qual saíam quatro correntes. Ele aproximou-se da moça, livrou-a das algemas e colocou-a de quatro.

Ela rebolou quando sentiu o pau duro dele encostar nela. Alberto colocou a coleira nela, esticou as correntes, prendendo-as nos pulsos e nas coxas da mulher. A quinta corrente ele puxou para a frente e prendeu à grade que ficava grudada na parede.

Aproveitando a posição, ele abriu bem aquela bunda carnuda e deslizou o pênis no ânus dela, que se contorceu. Após gozar, ele se levantou e foi para trás da câmera.

Quando se sentiu satisfeito, desamarrou-a.

— Pronto. Quer ver as fotos agora?

— Ainda pelados, foram para a sala. Sentaram-se lado a lado, ela com a perna aberta sobre a dele e, nessa posição, ficaram vendo as imagens.

— A gente pode marcar outro dia — falou ela. — Eu gostei de você.

— Vamos ver. Vou estudar as suas fotos e, talvez, a gente se veja mais de uma vez.

Ela abriu um sorriso.

— Agora que percebi que não nos apresentamos. Eu sou Lola.

— Prazer. Eu sou Beto. Marcarei outro encontro, mas talvez com uma doméstica. Preciso da minha casa bem limpa.

Depois de receber o pagamento, ela se vestiu e foi embora. Ele aproveitou a saída dela para estudá-la milimetricamente.

Na delegacia, Hugo e Cristóvão estudavam as fotos das vítimas do Tatuador e analisavam o perfil desse *serial killer* que estava tirando o sono da polícia.

— Uma coisa que me chamou a atenção foi que ele não estupra as mulheres. Por isso, imagino que seja um cara bonitão.

— Pelo menos enquanto estão vivas — Hugo completou o pensamento do parceiro.

— Deve ser um *gentleman* com elas. Além de ser muito esperto. Ele não deixa rastros — comentou Cristóvão.

— Mais ou menos. Ele tem uma mão bem firme. Para mim, ele deve ser cirurgião.

— Ou realmente um tatuador. Ou um desenhista. Essas profissões precisam de pessoas com mãos firmes.

— Pode ser. Vou colocar isso no relatório.

Hugo, então, escreveu:

```
Perfil do Tatuador:
Sexo: homem, heterossexual
Idade: entre 30 e 50 anos
Profissão: possivelmente médico, dentista, tatuador,
desenhista, arquiteto (profissões, em geral, que precisem de
mãos firmes e traços precisos).
```

— Pronto. Terminamos por hoje.

— E como é que *tá* o caso com seu garoto? — perguntou Cristóvão.

— Ah, não *tá* legal. Depois que ele ficou sabendo que era meu filho, a relação, que não era grande, acabou de vez. Sabe, uma coisa com que sempre sonhei foi ter um filho, jogar bola com o moleque, estudar junto... Tudo bem, tem a Diana, que é minha filha de coração, mas tem o negócio do garoto, sabe? Conversa de homem, levar para beber, falar sobre a primeira namorada… Eu amo a Diana de verdade, mas a gente nunca está feliz com o que tem. Ele é meu filho, sangue do meu sangue. Acho que se eu soubesse que a Luísa estava grávida, não teria voltado para minha ex-mulher, que nunca me deu um filho, que priorizava a si mesma e nunca quis se doar para ninguém. Acho que esse foi um dos motivos de o casamento não ter dado certo. Agora estou tentando resgatar o passado, mas *tá* difícil. *Tá* muito difícil.

— Desejo boa sorte para você, meu amigo.

— Obrigado, Cris. Vamos ver, né? Que aconteça o melhor. Vamos *pra* casa que a gente precisa descansar. Até amanhã, parceiro.

— Até, Jac.

Benjamin tinha acabado de sair do banho quando recebeu a mensagem de Luísa.

"Espero você hoje à noite para jantar. Sem desculpas."

Ele visualizou e só quando estava para sair que respondeu com o ícone 👍.

Sabendo que não haveria escapatória, foi para o trabalho já sabendo que a noite seria pesada.

Às seis horas da tarde em ponto ele saiu do escritório e seguiu para o Recreio. Diferentemente do que tinha imaginado, Luísa o esperava com um grande sorriso nos lábios.

— Oi, filho. Se eu não obrigar, você não vem me ver?

— Ah, mãe. Você sabe que esse é meu jeito. Assim que terminar o TCC, eu terei mais tempo.

— E como está a vida nova? Gostando de ter o seu cantinho?

— Está boa. Apesar de às vezes eu sentir uma saudade imensa da sua comida.

Luísa abriu mais o sorriso.

— Mas não foi para saber como está a sua vida que chamei você aqui. Foi para falar do seu pai.

— O Hugo. Você precisava rotular as coisas, né? Estava tão bom…

— É você que está rotulando e, consequentemente, complicando as coisas. Por que agora vai ser diferente? Só por que ele não é apenas meu namorado, mas também seu pai? Incrível como você é maduro o suficiente para morar sozinho, mas infantil o bastante para não aceitar um homem que só quer o seu bem.

— Ok, mãe. O Hugo é um cara legal, mas ele não é meu pai. Ele foi apenas o doador do esperma.

— Benjamin, eu tive um namoro rápido com ele, eu não fui a um banco de esperma e fiz inseminação artificial. Ele também não me obrigou a nada. Foi totalmente consensual. A vida nos afastou antes de ele saber que eu estava grávida. Não sei o que isso poderia ter mudado na nossa história, mas a verdade é que ele não sabia. Custa dar uma chance para ele?

Luísa falou aquilo tudo de uma só vez, sem nem parar para respirar.

— Mãe, sei que posso estar sendo duro, mas você sabe o que é crescer sem um pai? Claro que tinha o tio Eliseu e depois o Enzo, mas nenhum era o meu pai. Sabe o que é ir para a escola na apresentação do dia dos pais e ver todo mundo abraçando o pai e só você tendo que abraçar o seu tio?

Ben parou de falar para tomar um gole de água.

— O tio Eliseu nunca fez diferença entre mim e o Caio, mas ele é seu irmão, não meu pai. Eu ficava olhando para ele e o Caio, querendo trocar de lugar com o meu primo.

— Ah, meu filho, por que nunca me disse isso? Eu precisava saber! — falou ela, enquanto uma lágrima escorria de seus olhos, destruindo a maquiagem e pintando uma linha sinuosa em seu rosto.

— Agora é passado. Esquece isso.

— Não. Agora é hora de você resgatar o passado. Você está tendo uma nova chance. Não desperdice.

— Eu vou tentar. De verdade. Mas não me obrigue a nada.

— Não tenho nem como obrigá-lo a coisa alguma, mas sei o filho que criei e conheço o homem íntegro que se tornou. Corra atrás do tempo perdido.

Após a lavagem de roupa suja, mãe e filho partiram para o jantar.



Benjamin acordou com o barulho do celular. Quando ia desarmar o despertador, notou que era uma mensagem de voz. Levou o telefone ao ouvido e passou a escutar o recado de Luana.

"Ben, recebi alta, mas não tenho para onde ir. Posso voltar para sua casa?"

"Como confiar?", pensou. Depois que viu seu apartamento revirado, ficou com medo de acontecer mais alguma coisa. "Acho que o melhor é avisar a Lia. Mas não posso trair a confiança da Luana. Irei ao hospital e conversarei com ela. Não tenho como pôr nem a minha vida nem meu namoro em risco. Melhor cortar o mal pela raiz".

Com esse pensamento, levantou-se e foi tomar uma ducha para acordar de vez.



Assim que chegou ao hospital, a primeira pessoa que Benjamin viu foi Diana. Eles se cumprimentaram com dois beijinhos, como se fossem velhos conhecidos.

— Que bom que você veio. Podemos conversar antes de você ver a Luana? Vamos até a lanchonete.

Depois que se acomodaram, Diana voltou a falar:

— Aconselhe Luana a procurar ajuda psiquiátrica. Ela tem uma forte tendência à depressão e, por mais que tenha feito as coisas que fez até agora para chamar a atenção, vai chegar o dia em que vai acabar conseguindo esse intuito.

Quando o café chegou, ela parou de falar e esperou o garçom se afastar.

— Não sei que tipo de relacionamento vocês têm, mas parece que você é a única pessoa em quem ela confia.

— Na verdade, houve uma reaproximação pelo que tínhamos vivido e porque ela estava fragilizada. Ela não me ama e acho que nunca amou. Foi uma tentativa de sair do país, mas, para azar dela, eu acabei voltando. Além disso, a mãe dela me contou uma outra versão da história.

— Então conseguiu localizar a mãe dela?

— Sim. — Benjamin, então, contou a ela a história de Lia.

— É, meu amigo. Agora vou falar como pessoa, não como médica. Eu, se fosse você, devolveria essa oferenda para o mar porque, se nem Iemanjá quer, é melhor largar de mão.

Assim que terminaram o café, Diana o levou para assinar a papelada da alta.

---

[4] Objeto em formato de pênis utilizado com o intuito de ter contato, fantasia ou penetração oral, anal ou vaginal.

Capítulo 19

— Eu não quero, Ben! Não me obrigue a isso!

— Pode me dizer por que não quer nem conversar com a sua mãe?

— É por causa do meu padrasto…

— Que nem pau tem!

Benjamin havia se cansado das mentiras dela. A conversa que tivera com Caio e Cecília e o encontro com Lia esclareceram a mente dele.

— Luana, você colocou a minha casa, a minha vida em risco. Para mim, acabou. Você não me enrola mais.

Percebendo que havia perdido a confiança dele e que não mudaria de ideia tão cedo, muito a contragosto, Luana aceitou conversar com a mãe.

— Se quiser, eu vou com você, mas como amigos. Talvez eu até leve a Isabel.

— Aquela entojada que me odeia?

— Ela não odeia você, apenas não confia em nós dois juntos.

— Porque você me ama.

— Não era amor… era cilada — brincou Ben, cantarolando no ritmo do pagode.

— Ok. Vai ser como você preferir. Eu só não quero ficar sozinha com ela.

— Não ficará. Eu prometo. Amanhã, às nove horas, eu passo aqui. Esta noite a minha mãe deixou você dormir lá, mas ela frisou umas mil vezes: *só por uma noite*.

Ainda não era o horário combinado quando Benjamin chegou ao apartamento da mãe para levar Luana à casa de Lia.

— Cadê a entojada? — perguntou Luana quando chegou ao carro e percebeu a ausência de Isabel.

— Preferiu não vir.

— Melhor assim.

Luana ainda tremia quando Ben estacionou o carro na frente da casa de Lia. Ele pegou na mão dela, a fim de lhe dar força, e tocou a campainha.

A primeira coisa que Benjamin notou quando Lia abriu a porta, foi o medo no olhar de Luana ao ver a mãe.

É claro que pais e filhos têm suas diferenças, mas o que o preocupou foi que a garota sentia pavor, que era demonstrado não só no semblante, mas na força com que ela apertava a mão dele.

— Obrigada por trazê-la, Benjamin, mas se puder esperar aqui fora…

— Não! — falou Luana, mais alto do que esperava. — O Ben fica.

— Como você preferir, filha — disse Lia, dando espaço para eles passarem.

Ao entrarem, sentaram-se na mesma sala em que Ben havia estado há pouco tempo.

A conversa (que estava mais para um monólogo, porque apenas Lia falava) foi tensa. Nas poucas vezes em que Luana abriu a boca, quase saíram faíscas.

Ben notou que havia algo de muito errado ali. No olhar de Lia para a filha não havia amor nem rancor. Estava mais para indiferença.

As perguntas que fazia para Luana eram totalmente vazias e sem propósito. Presenciando as farpas trocadas entre elas, Benjamin constatava quem realmente havia mentido para ele.

Depois que elas ficaram quase um minuto em silêncio, Ben resolveu se pronunciar.

— E quanto à sua companheira? O que ela acha sobre a volta de Luana?

— Geisa ficou muito feliz. Ela ama a Lu. Até me encorajou a ajeitar o quarto onde você ficará — disse Lia, dirigindo-se à filha. — Querem ver?

Ela os conduziu pela pequena casa e os levou a um quarto simples, onde se via uma cama de madeira e um armário de duas portas no mesmo tom de mogno. Sobre o colchão, havia lençóis dobrados.

— Se você quiser se mudar hoje, já pode.

Nesse momento, Luana apertou a mão de Ben com tanta força que ele achou que o sangue fosse parar de circular.

— Não. Ela ainda não está pronta — respondeu Benjamin. — Nós vamos agora.

— Certo. É só me avisar.

Lia deu um abraço frouxo em Luana e depois deu um beijo na bochecha de Ben.

— Até qualquer dia — o rapaz despediu-se.

— Espero que não demore — disse Lia.

Quando entraram no carro, Luana, que ainda tremia, começou a chorar.

— Eu não sei o que houve ali. Espero que um dia você possa me contar, mas… eu sei que vou arrumar uma grande encrenca, mas não posso deixar você na rua nem aqui. Você ficará na minha casa, mas peço que se comporte. E que procure uma terapia.

— Obrigada. Eu vou fazer isso.



Enquanto dirigia, Ben sentiu o celular vibrar diversas vezes no bolso. Quando chegou ao apartamento, viu que as quatro notificações eram da mesma pessoa: Hugo. Em todas elas ele pedia para se encontrar com o rapaz, que simplesmente ignorou. Ainda não estava pronto para encará-lo, por mais que não precisassem vestir as máscaras de pai e filho.

Mal leu as mensagens e recebeu uma ligação de Eliseu convidando-o para um churrasco no dia seguinte.

— Quem vai, tio?

— A família. Será uma festa de boas-vindas para o Caio e a Cecília.

— Só espero não ter surpresas más.

— Sobre o que você está falando?

— Sobre o Hugo.

— Também foi convidado. Deixa de bobagem. Você está parecendo um moleque mimado. E traga a Isabel.

Assim que desligou, Benjamin enviou um WhatsApp para Bel, falando do churrasco e de quem estaria lá.

— Ótima oportunidade de você conhecê-lo melhor. Pode dizer ao seu tio que nós iremos. E como foi lá?

Benjamin nem se lembrava de onde tinha acabado de voltar. O que dizer?

— Nada bom.

— Espero que tenha despachado aquela garota.

— Amanhã eu pego você às onze horas da manhã, ok? — desconversou.

— Ok. O que vai fazer hoje?

— Tenho que terminar meu TCC. Amanhã nos vemos. Beijo.

— Até amanhã. Beijo.

Ao desligar o telefone, Benjamin olhou para Luana. Mais uma vez estava mentindo para Isabel. Ele precisava pensar no que sentia de verdade por ela.

— Agora preciso escrever meu TCC. Vou para o quarto, ok?

— Tudo bem. Vou preparar o nosso almoço.

Ben já estava terminando de escrever quando sentiu a mão de Luana fazendo massagem em seu ombro. Sabendo que não resistiria à tentação, levantou-se e foi lavar as mãos, deduzindo que o almoço estava pronto, dado o aroma que vinha da sala.



Benjamin e Isabel chegaram à casa de Eliseu pouco antes do meio-dia, porque ela demorou mais de meia hora trocando de roupa até encontrar uma que combinasse com a ocasião (na verdade, até Ben dizer que iria sem ela).

— Estava preocupado! Achei que não viessem mais! Entrem! Podem se sentar ali.

Benjamin olhou para onde o tio apontava e viu, sentados à mesa, Luísa e Hugo, cada qual com um copo de cerveja na mão.

— Ali?

— Isso mesmo, Ben. Você já está bem crescidinho. Vamos parar de infantilidade — sussurrou o tio ao ouvido dele.

— Não dá *pra* gente ficar na mesa do Caio?

— Ok. Vou quebrar seu galho, mas quero que vá cumprimentá-los como o homem educado que sei que é. E se eu perceber que está ignorando ele, vou

lhe dar um puxão de orelha e obrigá-lo a se sentar ali — disse Eliseu apontando, com o queixo, para a mesa de Luísa. — Estamos entendidos?

— Sim, senhor, coronel! — brincou, fazendo continência.

— Estou de olho. Qualquer desacato, é detenção na hora.

Conforme orientação do tio, Ben e Isabel cumprimentaram Luísa e Hugo e foram se sentar à mesa onde estavam Caio, Cecília e Diana.

— Olá! Não sabia que você viria! — Ben cumprimentou Diana com muito entusiasmo para o gosto de Isabel.

— Meu pai insistiu para que eu viesse.

Aquelas palavras foram um soco no estômago dele, que tratava Hugo tão mal.

— *Hey*, vocês viram a garota que apareceu na praia ontem? — perguntou Cecília.

— Que garota? — Caio e Ben interessaram-se.

— Ela apareceu com um corte no antebraço direito, imitando a tatuagem do braço esquerdo.

— Será que o Hugo sabe de alguma coisa? — quis saber Caio.

— Vamos perguntar — sugeriu Diana. — Pai! — chamou, e Hugo olhou para ela.

— Diga, filha!

— Você ficou sabendo sobre a garota encontrada na praia ontem?

— Fiquei, mas ainda não posso comentar nada.

— Em *off* — insistiu.

— Posso me chegar?

Caio afastou-se de modo que Hugo teve que se sentar entre Benjamin e ele.

— Conte tudo. Desde o início — pediu Ben, com os olhos brilhando.

Enquanto conversavam, ninguém naquela mesa se lembrava mais de carne, somente da cerveja, que amargava a boca, mas suavizava a alma.

Hugo contou tudo a respeito da investigação — pelo menos o que não era segredo —, inclusive sobre a semelhança com a vítima de oito anos antes. Com exceção de Isabel e Diana, todos ali presentes lembravam-se do incidente, quando encontraram, na praia, a garota morta.

Passava pouco das seis horas da tarde quando Diana comentou que ia embora.

— Vai para a casa do Augusto? — perguntou Hugo. — Se quiser, deixo você lá.

— Não precisa, pego um Uber.

— É aqui perto? — quis saber Eliseu.

— É na rua Crispim Laranjeira, a cerca de dez minutos de carro daqui. Mas ele está pensando em se mudar para uma casa na Estrada das Lágrimas.

— Esse nome… Engraçado, não me parece estranho… — falou Eliseu tão baixo, que quase ninguém ouviu.



— Muito bom ver você por aqui! — falou Augusto ao abrir a porta para Diana.

— Espero que seja o mesmo *gentleman* de ontem, ou irei embora.

— Fique tranquila. O ogro não aparecerá hoje.



— Que tal fecharmos a noite em um motel? Poderemos pegar uma suíte com hidromassagem e uma barra para você me mostrar o que aprendeu nas aulas de *pole dance*.

— Ousadinho você, Benjamin. Mas eu topo. Cansei da mesmice.



— Está terminando o nosso período. Que tal pernoitarmos?

— Não posso. Tenho que terminar um trabalho para segunda. Se eu acordar do seu lado, não vou querer voltar *pra* casa.

Após deixar Isabel, Ben foi para seu apartamento. Acreditando que Luana já estivesse dormindo, entrou pé ante pé, fazendo o mínimo de barulho possível.

— Já chegou?

Ben sentiu o coração saltar do peito.

— Que susto, Luana! Parece assombração!

— Estou mais para paixão.

Ao dizer aquilo, atirou-se no pescoço de Benjamin que, a princípio, tentou resistir, mas aos poucos foi cedendo à sedução.

Depois de transarem, Luana fez a pergunta que incomodou Benjamin a noite inteira:

— A entojada sabe que estou hospedada aqui?

Capítulo 20

Ben acordou e sentiu o vazio ao lado da cama. Levantou e procurou Luana pela casa. Só depois que voltou ao quarto que notou, sobre o travesseiro em que ela dormiu, um papel dobrado.

"Ben, obrigada por tudo, mas não posso mais arriscar a sua vida. Seja feliz. Quem sabe nos encontraremos algum dia ou mesmo em outra vida? Eu te amo. Um beijo molhado nessa boca gostosa. Luana"

— Para onde você foi? — perguntou, olhando para o bilhete.

Percebendo que não teria respostas ali, foi atrás do seu primo e, talvez, único amigo. Ninguém melhor do que Caio para ajudá-lo a pensar.



Algum tempo havia se passado e ninguém teve notícias de Luana. Ben deixou o orgulho de lado e pediu ajuda a Hugo. Diana também enviou um alerta para o hospital. Assim, caso Luana desse entrada novamente, ela seria comunicada.

Naquela terça de manhã Caio chegou ao escritório totalmente esbaforido.

— O que houve, cara?

— Você não olha o seu celular?

Ben pegou o aparelho, que estava no mudo, e viu que havia cinco ligações de Hugo e uma dúzia de mensagens.

— O Hugo acabou ligando para mim porque não conseguiu falar com você. Encontraram, na praia de Grumari, uma garota morta.

— Mais uma? Isso não vai acabar nunca?

— O problema é que essa garota tem uma tatuagem de flor no ombro esquerdo, tatuagem essa que o Tatuador tentou copiar no ombro direito.

— É uma flor da lua?

— Ele não especificou qual, apenas disse que era uma flor.

— Eu preciso ver se é ela.

— Seu ingresso está, literalmente, na palma da sua mão.

Sem perder tempo, Benjamin enviou um WhatsApp para Hugo, que respondeu alguns segundos depois:

"O corpo ainda está no necrotério. Assim que for liberado, eu aviso você."

— Vou precisar falar para a Bel que possivelmente a Luana está morta. Se bem a conheço, dará pulos de alegria e ainda deverá sugerir que acertem a cabeça dela com algo bem pesado, para evitar que seja somente uma catalepsia — comentou Benjamin.

— Eita! A Bel é apenas ciumenta, não má — falou Caio.

Benjamin voltou a seus afazeres, mas aquela notícia não o deixou se concentrar.

Após o expediente, chamou Isabel para ir ao apartamento dele.

— Em pleno dia de semana? Nesse mato tem coelho... — disse a moça ao ultrapassar a porta.

— É sobre a Luana — falou Ben, sem rodeios.

— Tinha que ser sobre aquela garota. O que é agora? Ela voltou para cá? — perguntou Isabel, já no corredor.

— Não é nada disso. Ela sumiu há alguns dias.

— E você me trouxe aqui para quê? Choramingar enquanto eu comemoro?

— Não é nada disso, Isabel! Preciso da sua ajuda. Encontraram uma garota morta na praia de Grumari que tem uma tatuagem de flor no ombro. Pode ser a Luana. Queria pedir a você para ir comigo ao necrotério quando o corpo for liberado.

— É claro que vou! Adorarei ver aquela garota morta.

— Mas não é só isso. Tem outra coisa que me intriga. Lembra sobre o papo do Hugo no churrasco? Há oito anos Luana, Caio, Cecília e eu encontramos o corpo de uma garota na praia do Recreio. A minha preocupação é que o assassino tenha descoberto quem somos e venha atrás de cada um de nós.

— E por que ele faria isso?

— Como vou saber? A *expert* em *serial killers* é você.

— Estou longe de ser uma perita. Sou apenas curiosa. E você, como um futuro delegado, deveria se interessar mais.

— Pensarei nisso depois. Agora o que me preocupa é a garota.

— E se não for ela? O que você fará?

— Vou ficar aliviado.

— Quer dizer que tudo bem se um *serial killer* estiver à solta, desde que ele não mexa com "aquelazinha"?

— Não, não foi isso que eu quis dizer.

— Mas você disse. Toma jeito, Benjamin! Pare de pensar com o pau, como a maioria dos homens, e passe a pensar com o cérebro! Há mulheres morrendo!

— Eita, Bel. Acho que você está certa.

— Eu amo você, Benjamin, mas às vezes você é um idiota.



Pela manhã, Ben deixou a namorada no prédio dela e foi para o escritório. Pouco antes de sair para o almoço, o telefone dele tocou.

— Olá, Hugo.

— Ben…

— Benjamin.

— Benjamin, o corpo está liberado. Você quer ver?

— Você a conheceu. É ela?

— Eu a vi há muito tempo. E eu não sei como é uma flor da lua. Você pode vir?

— Posso levar o Caio e a Isabel?

— Pode sim.



— Estão preparados? Preciso avisá-los de que é bem diferente de uma pessoa dentro de um caixão, quando fazem necromaquiagem.

— O que é isso? — quis saber Caio.

— A maquiagem que fazem no morto para parecer que esteja dormindo — Isabel tentou explicar.

— A necromaquiagem é feita para que os entes queridos vejam o falecido como eles o conheciam, com uma pele bonita e não pálida. Dependendo do pedido da família, pode-se fazer também uma maquiagem mais aperfeiçoada — explicou Clóvis.

— Meninos, esse é o Dr. Clóvis, nosso médico legista. Clóvis, esses são Benjamin, Caio e Isabel — apresentou Hugo.

— Prazer — disse o médico, apertando a mão de cada um. — Estão preparados?

— Já falei que é bem diferente de um velório — insistiu Jacomelli.

— Então, vamos. — Clóvis abriu a porta para que eles passassem. Diferentemente do que imaginaram, havia apenas seis gavetas de metal e uma mesa do mesmo material, onde podiam ver um corpo coberto por um lençol branco.

— Vou alertá-los mais uma vez. O que verão aqui está longe de ser bonito. Apenas estou mostrando porque há uma possibilidade de reconhecerem a vítima, já que ela estava sem documentos.

Isabel, Caio e Benjamin estavam grudados e sentiam como se não houvesse ar ali dentro. Só conseguiram parar de prender a respiração depois que o lençol voltou a cobrir o colo e o rosto do cadáver.

Calados, entraram na sala de interrogatório. Hugo entendia que ali seria o melhor lugar para conversarem.

— Meninos, obrigado por virem. Aceitam uma água, um café…

— Nada. Não dá nem para pensar em comida agora — disseram os três ao mesmo tempo.

— Certo. Pedi para vocês virem aqui para ter a certeza de que se tratava da Luana, pois encontramos com ela um passaporte holandês com o nome de Mia Rieber. Vejam.

O policial entregou a eles a cópia de um passaporte, na qual viam a foto da Luana com o nome estrangeiro.

— Mas você disse que não havia documentos — comentou Benjamin.

— Eu achei que ela pudesse ser uma estrangeira, mas como você a havia descrito para mim, preferi me certificar primeiro.

— E quanto a esse passaporte, o que significa isso? — perguntou Ben.

— Achei que você soubesse.

— Eu não!

— Lembra quando pesquisamos sobre aquela empresa de sequestro? — Caio fez cara de quem não estava entendendo nada. — Aproveitei esse nome e pesquisei. E adivinha? Uma Mia Rieber não só trabalhou lá, como era gerente geral.

— Por que diabos ela foi voltar para o Brasil? Ela devia ganhar uma grana danada!

— Pois é. Tem algo a mais nesse negócio. Pelo que estamos imaginando, vieram atrás dela por algum motivo. E precisamos descobrir. Vamos colocar a vida dessa Mia Rieber de cabeça *pra* baixo, por isso, se souberem de algo, não deixem de me avisar. Ah, Benjamin, preciso do telefone da mãe dela para avisar sobre o falecimento.

— Podemos ir? — perguntou Caio.

— Podem sim. Mas, se souberem de alguma coisa, qualquer coisa, não hesitem em me avisar.

— Só mais uma pergunta. Você comentou que ela era gerente geral. Quem era o dono ou presidente da "Laatste realiteit"?

— Era um tal de Albertjan Pabst. Mas não encontramos nada sobre ele aqui no Brasil, nenhuma entrada. Vamos tentar contatá-lo para averiguar algo sobre Luana ou Mia. Mas, a princípio, o cara é totalmente inocente.

Capítulo 21

Depois de deixar Isabel em casa, Benjamin foi para seu apartamento. Logo que abriu a porta, as lembranças de Luana vieram à tona. Durante todo o dia fez-se de indiferente, mas ali, sozinho no seu canto, não precisava mentir.

Deixou que as lágrimas molhassem as almofadas do sofá e, quando parecia que iam cessar, entrou no chuveiro. Ao deitar na cama, as lembranças retornaram e ele dormiu em meio às lágrimas e ao travesseiro ensopado.

Pela manhã, acordou com a cabeça latejando. Ligou diretamente para a tia, que já sabia o que havia acontecido, dizendo que estava se sentindo mal e ela deu-lhe o restante da semana para espairecer.

Ele sabia que não deveria, mas resolveu enviar uma mensagem para Lia. Passou o dia tentando se concentrar no TCC, mas era impossível.

A cada dez minutos olhava o celular, mas nada dos dois pauzinhos do WhatsApp ficarem azuis.

Chegou a pensar em ir à casa dela, mas não poderia invadir a privacidade de Lia. O que mais o angustiava era não saber se ela tinha ideia de que a filha estava morta.

Por mais que não se deem muito bem, quando um parente, ou mesmo um colega, ainda que distante, morre, nasce em quem fica um sentimento de autocomiseração. As lembranças da pessoa vêm à tona. Seria impossível que uma mãe ficasse indiferente ante a morte da filha.

Ben balançou a cabeça para tirar todo aquele pensamento ruim e decidiu tomar um café. Com a mãe. Ligou para Luísa e ela disse que já estava indo encontrá-lo. Em menos de meia hora ela chegou com pão francês, frios e pão doce.

O abraço foi revigorante para Benjamin, que chorou novamente nos braços dela.

— Filho, eu não sou muito boa com conselhos, mas uma coisa que aprendi é que eu deveria pôr *pra* fora tudo de ruim. Se você guardar isso, tudo

que é nocivo vira contra você em forma de câncer. Por isso, meu amor, ponha tudo *pra* fora.

Quando Ben se recuperou, mãe e filho puderam saborear aquele pequeno banquete.

Já passava das oito horas da noite quando o telefone de Luísa tocou.

— É o Hugo — disse ela, como se pedisse autorização para atender.

— Vai em frente.

Quando ela estava prestes a desligar, Ben pediu para falar com ele. Luísa abriu um sorriso e entregou-lhe o aparelho.

— Oi, Hugo — falou Ben, sem graça.

— Olá, Benjamin. Sua mãe disse que queria falar comigo. Sou todo ouvidos.

— É sobre a mãe da Luana. Conseguiu falar com ela?

— Não. Telefonei, mas caiu na caixa postal e deixei um recado. Por quê?

— Porque eu também não consegui.

— Fique tranquilo. Caso eu consiga contato, aviso que quer falar com ela. Peço que faça o mesmo.

Luísa ficou com o filho até ele pegar no sono. Só quando percebeu que ele estava bem que foi para casa, sem se esquecer de deixar um recado avisando para telefonar caso quisesse companhia.

Era madrugada e Alberto estava atrás de sangue, parecia um vampiro em meio à escuridão. Era bonito e sedutor. Tinha a mulher que quisesse. Tinha consciência de que precisava tirar os embustes do caminho, mas isso ainda precisaria esperar. Hoje era noite para se saciar.

Os dias passaram lentos e Ben aproveitou a folga para terminar o TCC. Isabel ligou nas duas primeiras noites, mas acabou desistindo, deixando um recado malcriado na caixa postal dele, que achou melhor não ligar de volta e esperá-la se acalmar.

Na sexta-feira à tarde, estranhando a falta de comunicação de Isabel, Ben resolveu procurá-la.

— O que você acha que eu sou, seu cretino? Um cachorro qualquer que você chuta e depois volta fazendo carinho e eu vou até você abanando o rabo? Vai à merda! — E desligou.

Ben ficou olhando para o telefone e resolveu que o melhor seria passar o fim de semana sozinho. Isso até receber a ligação de Caio avisando que Cecília estava grávida e que, por isso, Eliseu faria um churrasco para comemorar a vinda de mais um Pessoa, como ele sempre brincava.



Benjamin chegou cedo à casa do tio, onde estavam apenas ele e Carla.

— Oi, filho! Venha cá dar um abraço no seu tio! Depois que o Caio se casou, você parou de vir aqui!

— Estou com muita coisa na cabeça, tio.

— Relaxa, rapaz, ou vai ficar velho antes de chegar à minha idade. Venha tomar uma cerveja e me ajudar a acender a churrasqueira.

Enquanto eles iam colocando os pães de alho para assar, Luísa, Hugo e Diana chegaram. Eliseu, a pedido da irmã, foi levar as duas até Carla, deixando Benjamin e Hugo a sós.

— Posso ajudar você? — perguntou Hugo, tentando uma aproximação.

— Não precisa, está tranquilo.

— Mas você se importa?

— *Tá*. Beleza. — Ben estava visivelmente desconfortável. Hugo, para quebrar o gelo, pegou duas cervejas e deu uma ao rapaz, que estava suando (mais pela situação do que pelo calor da brasa).

Aos poucos, a conversa foi tomando um rumo mais descontraído e eles chegaram a dar gargalhadas, até que o celular de Hugo tocou.

— É o delegado. Preciso atender.

Assim que desligou, foi se explicando:

— Preciso ir, Ben… jamin. Encontraram outra garota no Parque da Catacumba. Preciso averiguar. Bom churrasco para vocês.

Hugo entrou, explicou o ocorrido a Luísa e Diana e esperou Cristóvão, que o levaria para o local.

— Você volta? — perguntaram a namorada e a filha.

— Talvez. Tudo vai depender de como estão as coisas. Tome, fique com a chave do carro — disse ele, entregando-as a Luísa. — Se for o caso, pegarei no seu apartamento.

— Combinado.

Caio e Cecília chegaram a tempo de cumprimentar Hugo, que estava entrando no carro de Cristóvão.

— Aquele que é seu moleque? — perguntou o parceiro.

— Não. Ele ficou lá dentro. Hoje era um dia para não acontecer nada disso. A conversa estava fluindo tão bem…

— Porra, cara! Por que não disse ao Dr. Raposo que não poderia?

— Está louco? Ele poderia tirar a gente do caso.

— Que nada! Você é o queridinho dele.

— Deixa de bobeira e toca para a Catacumba.



— Todo mundo prestando atenção em mim! — falou Eliseu batendo o garfo na tulipa de chope.

— Ih, meu irmão bebeu demais! — confidenciou Luísa para Diana, que caiu na gargalhada.

— Com a vinda da nova geração dos Pessoa, bateu uma nostalgia. Sabe? Queria que meus pais estivessem aqui para conhecer o bisneto. Mas, já que é impossível, resolvi revirar as caixas de fotos da nossa infância, Lu — disse ele, apontando para a irmã —, e quero que vejam a seleção de raridades que encontrei.

Eliseu chamou todos para dentro da casa e ligou a TV. De repente, imagens de um menino loiro e uma garotinha de cabelo castanho apareceu na tela.

Luísa chegou a se comover quando, na foto seguinte, viu a imagem dos pais.

Foto após foto, cada um falava alguma coisa, até que, numa em especial, Diana deu um pulo da poltrona onde estava sentada:

— É a casa! Essa é a casa que o Augusto quer comprar!

Os presentes deixaram de prestar atenção à TV para olhar a médica.

— Você está brincando! — animou-se o tenente-coronel. — Eu sempre sonhei em voltar àquela casa! Você precisa trazer o seu namorado aqui para eu conhecê-lo! Como eu sonho em revê-la!

— É a casa mesmo que você quer ver ou isso é uma desculpa para resgatar as lembranças? — instigou Luísa.

— Deixa eu voltar a ser criança! — Riu.

— Por mim, tudo bem. Quem tem que aturar você agora é a Carla!

— Bela amiga você, hein, Luísa! — gritou, da cozinha, a cunhada.

— E então, Diana, o que me diz? Podemos marcar um novo churrasco e você traz o Augusto?

A resposta ficou no ar, mas para Eliseu já soava como um sim.

O cenário no Parque da Catacumba era bem parecido com os demais: uma garota nova, bonita, mas com algo assimétrico. Essa, além de a panturrilha esquerda ter recebido cortes no estilo da tatuagem que ostentava na direita, teve a barriga cortada do lado direito, pois do esquerdo havia uma incisão já cicatrizada, talvez fruto de uma antiga cirurgia para retirada do apêndice supurado.

Hugo estava fazendo o relatório quando o telefone de sua mesa tocou. Pensou em deixá-lo gritando, mas o barulho era irritante e não o deixaria se concentrar.

— Pois não?

— Detetive Jacomelli, é uma mulher. Ela quer falar com o senhor. Ela disse que o senhor a procurou há alguns dias. Ela se chama Lia Amorim.

— Pode passar.

A conversa foi rápida. Lia não queria falar nada pelo telefone e marcaram um encontro na casa dela, em uma hora. Cristóvão, que fazia outra parte do

relatório, foi interrompido para acompanhá-lo. Só se estivesse louco que iria sozinho. Entregaram ao delegado o endereço para onde estavam indo e explicaram o motivo.

Exatamente uma hora depois eles estavam chegando à casa de Lia, cujo rosto estava visivelmente transtornado e inchado de tanto chorar.

— Olá, detetives. Peço desculpas, mas vou precisar ver as identificações de vocês.

Depois de os dois mostrarem os distintivos — o que não era garantia de nada, já que, hoje em dia, falsificar um distintivo era tão fácil quanto vender maconha —, ela abriu a porta para que pudessem entrar.

— Dona Lia, percebemos que a senhora está com medo de algo. Se precisar da nossa ajuda, não hesite em pedir. No entanto, viemos aqui para lhe dar uma notícia desagradável…

— Se for sobre a morte da minha filha, eu já fiquei sabendo, e foi por isso que procurei a polícia.

— Ficou sabendo como? Não deixamos que a identidade dela fosse revelada…

— Recebi uma carta esta manhã. Está mais para um bilhete. Ele foi digitado e deixado na minha caixa de correio.

— Há dias que estamos tentando contatar a senhora para falar sobre o ocorrido. Sinto muito.

— Sabe, minha filha e eu nunca tivemos uma relação muito boa. Ela vivia me culpando por não ter um pai. Além disso, não aceitava a minha relação com a Geisa. Quando ela tinha vinte anos, ficou sabendo que o pai morava na Holanda e resolveu ir para lá.

— Quem disse isso a ela?

— Como vou saber? Eu nem sei sua identidade. Ela fantasiou algo sobre um antigo caso meu, um homem que se chamava Beto e morava em um apartamento no Flamengo. Bem, isso quando éramos jovens.

— Beto? Somente isso?

— Só. Nossa relação era puramente carnal. Não havia sentimentos. Quando me descobri grávida, contei para ele, que, em troca, me deu uma boa quantia em dinheiro para abortar e sair dali.

— Claro que a senhora não abortou.

— Mas saí do Rio de Janeiro. Morei em São Paulo por um tempo, até que conheci a Geisa e voltei para o Rio, onde começamos a nossa família. Nessa época a Luana estava com três anos.

— Mas a senhora estava dizendo que sua filha foi para a Holanda.

— Isso. Eu não sei de onde ela tirou que o pai morava lá.

— O que esse Beto fazia?

— Era fotógrafo.

— Posso ver a carta que a senhora recebeu?

"Lia,

Eu não tenho raiva de você, como sempre imaginou. Raiva, não. Mágoa, sim. Mágoa por eu nunca ter tido uma mãe ao meu lado, uma mãe que pensasse em mim. Quantas vezes fui dormir chorando após ouvir que estraguei a sua vida? Por que não me abortou quando teve a oportunidade? Quando recebeu o dinheiro para isso? Talvez pensasse em lucrar comigo, né? Eu fui puta, sim. Mas pelo menos eu estava na Europa, não em um paiseco de terceiro mundo. Bem, Lia. Esta é uma carta de despedida, um 'até nunca mais'. Se eu morrer, não precisa me velar nem chorar, pois sei que tudo não passará de fingimento. Fique com a sua mulher e com o homem de vocês, que nunca me quiseram por perto. Adeus.

Luana"

— O que é esta rasura? — perguntou Hugo sobre a parte rabiscada na carta.

— Não sei. Chegou assim.

— Aqui não diz nada sobre a morte dela. Como ficou sabendo?

— Mãe sente. Eu amava a minha filha. Do fundo do meu coração, mas ela nunca me aceitou do jeito que eu sou.

— E como a senhora é?

— Uma pessoa obcecada pela beleza e pelo bem-estar. Já passei por cima de muita coisa, inclusive meus princípios, para chegar onde estou.

— Onde está? — perguntaram Jacomelli e Cristóvão, observando a casa com pintura desgastada e os móveis de segunda mão.

— Esta não sou eu, mas quem me tornei depois que minha vida se resumiu a procurar Luana.

— Mas a senhora sabia que ela estava na Holanda.

— Sabia. Sabia inclusive onde trabalhava. O problema foi quando saiu de lá.

— Dona Lia, a senhora sabe alguma coisa sobre o que a Luana fazia na Europa?

— Sim e não. A princípio, era garota de programa, como diz aqui. Depois sumiu e se meteu com um estrangeiro.

— Dona Lia, já ouviu falar de — Hugo consultou suas anotações — Albertjan Pabst?

Ela apenas negou com a cabeça.

— E Mia Rieber?

— Não. Eles conheciam a Luana?

— Talvez. Por ora é só. Precisamos que a senhora vá retirar o corpo no necrotério.

— Preciso ir agora?

— Não, mas não deve esperar demais.

— Irei amanhã com a Geisa.

— Ficaremos com a carta.

— Por quê?

— Pode nos levar a algum lugar.

Hugo acordou cedo naquela manhã e seguiu em jejum para o necrotério. Não sabia por que, mas sentia uma grande curiosidade em conhecer a mulher que virou a cabeça de Lia a ponto de ela largar a filha. Não, não tinha acreditado na história da mãe abandonada. Também precisava decifrar o que estava escrito sob aquela rasura.

Jacomelli arregalou os olhos ao ver as duas figuras chegando em um carro de luxo guiado por um motorista que parecia ter saído de um filme de ficção. Até quepe ele usava.

Ele saiu do carro, deu a volta e abriu a porta. Primeiro saiu Lia, com uma calça jeans comum e uma regata, sob a qual se podiam ver seus seios volumosos e empinados demais para a idade.

"Provavelmente é silicone", pensou.

Em seguida, desceu do carro uma mulher alta e esguia, vestida com um *tailleur* cinza, os pés em *scarpins* vermelhos e os cabelos platinados (a quem o motorista ajudou dando a mão para que ela se apoiasse). Diferentemente da companheira, os seios eram pequenos e mal dava para notar sob o blazer. No rosto, usava óculos de sol.

Elas se aproximaram e Hugo pôde notar a grossa aliança com um fio de prata no meio que Geisa usava na mão esquerda, evidenciando um provável casamento de vinte e cinco anos. Ele olhou rapidamente para a mão de Lia que, fora as tatuagens, não tinha qualquer outro adorno.

"Amantes?", pensou. "Eu preciso saber mais coisas sobre elas."

Hugo aproximou-se das duas e apresentou-se. Pediu a elas os documentos e quase teve uma síncope ao ler o sobrenome de Geisa: Rieber.

"Impossível Lia não ter reconhecido o sobrenome no dia anterior. Ela foi dissimulada. Toda aquela cena. E essa agora. Tudo muito teatral. O que esperar daqui *pra* frente?", ponderou Hugo.

Lia assinou os papéis e, para sua surpresa, o corpo só seria liberado no dia seguinte. Jacomelli viu quando Geisa tocou no ombro da companheira e falou algo em seu ouvido, e ela apenas assentiu, enxugando as lágrimas.

— Não faremos um funeral. Teremos uma cerimônia simples para a família e depois ela será cremada.

— Como preferir. Amanhã mesmo ela será encaminhada para o cemitério São Francisco Xavier. Peço apenas que esteja no local às oito horas da manhã.

Sem mesmo se despedirem, as duas deram as costas e entraram no carro quando o motorista abriu a porta. Hugo ainda estava sem reação. Desistiu de entender aquilo e foi para a delegacia. O dia estava apenas começando.

Benjamin havia acabado de sair do banho quando recebeu um WhatsApp de Lia.

"Por favor, me encontre no Café Bourbon. Conhece?"

"Sei onde fica."

"Quero falar sobre a Luana."

"Estarei lá."

Em seguida, ele enviou uma mensagem para o primo dizendo aonde iria.

"Eu vou com você. Pode ser uma armadilha."

"Aí pegam nós dois."

"E se avisássemos o Hugo? Ele pode ficar de longe."

"Talvez seja uma boa ideia."

"Talvez, não. É uma ótima ideia. Se você não ligar, eu ligo."

"Vou mandar uma mensagem."

"Quero o *print* assim que enviar."

"Está duvidando de mim?"

"Estou."

Momentos depois, Caio recebeu o *print* da tela do celular confirmando que Hugo havia recebido e lido a mensagem.

"Agora posso ficar despreocupado."

"Coitado do seu filho."

"Garanto que ele não me dará tanto trabalho."

Capítulo 22

Como combinado, Ben e Hugo foram ao local escolhido por Lia. Preocupado com a segurança do rapaz, o policial não deixou que ele ficasse sozinho lá dentro, assim, Jacomelli entrou dez minutos antes e ficou em uma mesa afastada.

Por ser um café-livraria, ninguém prestaria atenção em alguém com um livro aberto na frente do rosto.

Benjamin entrou e ficou à espera de Lia. Quando se passaram trinta minutos da hora combinada, ele enviou um WhatsApp para ela, que devia estar em algum lugar sem sinal, pois a mensagem não chegava.

Depois de uma hora e meia de espera, durante a qual ele havia tomado dois cafés e comido um folheado de queijo e presunto, recebeu uma mensagem de Hugo dizendo que deveriam ir embora. O rapaz saiu e, pouco depois, o policial foi ao encontro dele.

— O que você acha que pode ter acontecido? — perguntou Ben.

— Não sei, mas tem caroço nesse angu. Depois de deixá-lo em casa, farei uma visita a Lia. Algo está errado e preciso descobrir o quê.

Assim que deixou o garoto na frente do edifício, ligou para Cristóvão.

— Já que você me tirou do churrasco, eu arrumei um jeito de dar o troco. Se arruma que estou passando aí. Vamos à casa da Lia.

— O que aconteceu?

— No caminho eu explico.



Após tocarem a campainha três vezes e a casa permanecer silenciosa, Hugo e Cristóvão desistiram e foram embora. Sabiam que de nada adiantaria solicitar um mandado, pois não havia juiz trabalhando naquele horário. Para conversar,

resolveram ir para o apartamento de Jacomelli. Ali, poderiam tomar uma cerveja e depois o parceiro poderia tomar um táxi para casa.

— O que você acha que aconteceu? — perguntou Cristóvão depois de tomar a tulipa em um gole só.

— Não tenho certeza, mas das duas uma: ou ela fugiu, ou está morta.

— É, meu amigo, nossa vida não está fácil.

— E o pior é que não há indícios de quem seja o assassino. O cara não deixa rastros. Puta merda. Estou vendo a hora que o delegado vai tirar a gente do caso e nos colocar na ronda escolar.

— Vira essa boca *pra* lá! Isso é fim de carreira! E quanto à carta?

— Ainda nada. Estou com ela aqui.

Hugo foi até o escritório e pegou a carta. Ele virou-a do avesso, pôs de ponta-cabeça e nada de conseguir ler. Cristóvão pegou o papel e fez o mesmo.

— PARA! — gritou Jacomelli, e Almeida ficou com o papel parado no ar. — Veja! Contra a luz dá para enxergar algo!

Os parceiros colocaram o papel contra a luz e, enquanto Hugo falava as letras que conseguia enxergar, Cristóvão escrevia em um caderno:

E — C — O — M — O — H — O — M — E — M — D — E — V — O — C — E — S

Ao terminar, os dois leram juntos:

— E com o homem de vocês.

Benjamin estava indo para o trabalho quando, no rádio do carro, ouviu algo que o intrigou:

> "Nesta manhã, a polícia tomou conhecimento de mais uma vítima. Segundo as autoridades, o *modus operandi* é semelhante, mas a vítima não. Consultamos o Dr. Dantas, psiquiatra, que afirma se tratar de um imitador, já que a vítima, apesar de estar em forma é pelo menos vinte anos mais velha do que as outras moças. Voltaremos em breve com mais novidades."

A música *Maria*, de Rick Martin, começou a ser ouvida no aparelho.

— Minha nossa! Eles acabam de falar sobre um assassinato e colocam uma música tão *pra* cima assim? Quanta insensibilidade! — falou para si mesmo enquanto estacionava o carro.

Sem esperar, Ben resolveu ir direto à fonte.

— Ben… jamin! Que surpresa receber uma ligação sua a essa hora!

— Bom dia, Hugo. Desculpa ligar tão cedo. — Ele provavelmente desculpou-se por hábito, pois o policial com certeza estava acordado, pois atendera no primeiro chamado. — Mas é sobre algo que eu acabei de ouvir no rádio. A mulher encontrada é a Lia?

— Não sei. Estou indo para o local agora.

— Posso ir junto?

— Não é permitida a entrada. Eu avisarei se for ela.

— E se não for, também. Não quero passar o dia inteiro esperando uma ligação.



— O que houve com você? Está mais branco que papel! — assustou-se Caio.

— Mais uma mulher foi encontrada morta. Eu estou achando que pode ser a Lia.

— O cara não prefere as novinhas?

— Sim, mas o locutor disse que o *modus operandi* é parecido. Já falei com o Hugo e ele vai me avisar.

Benjamin não precisou esperar nem uma hora para seu celular vibrar dentro do bolso.

— Diga, Hugo.

— É ela. O rosto está completamente deformado, mas reconheci as tatuagens.

— Quem quer que tenha feito isso, tentou apagar alguma coisa — comentou Ben.

— Você está certo. Isso foi queima de arquivo. É provável que Lia soubesse muito mais coisa do que contou à polícia. Pedirei um mandado de busca e apreensão. Quem sabe não encontro algo na casa dela que possa nos levar ao assassino? — Jacomelli falou isso mais para si do que para seu ouvinte. Quando se lembrou de que estava com o celular, despediu-se.

— Se der, posso vê-la no necrotério?

— Será uma cena forte. Se tiver estômago… — Despediu-se pela segunda vez e desligou em seguida.



Benjamin e Hugo chegaram ao sepultamento logo que o caixão estava sendo levado para a cova. Seguiram o cortejo de longe, apenas observando as pessoas. Uma garoa fina, que não amenizava o calor, completava o cenário e dispensava os óculos escuros que Geisa insistia em usar, fazendo com que suas lentes parecessem chorar.

Ao seu lado, totalmente encapuzado e alheio aos quarenta graus da avenida Brasil, ia um homem alto e forte, também usando óculos de lentes bem escuras.

O caixão, que se mantivera lacrado durante o velório, foi colocado na sepultura de mármore onde se podia ler o nome da família Rieber.

Antes de o pequeno cortejo se dissipar, a fim de não serem vistos, Benjamin e Hugo misturaram-se a outro grupo, que seguia um pequeno caixão branco ao lado do qual uma mulher chorava copiosamente, escorada por um homem que chorava silenciosamente.

— Sabe por que eu me tornei policial? — Sem esperar resposta, Hugo continuou: — Porque eu queria acabar com cenas como essas — disse ele, apontando para o grupo de manifestantes que também seguia o caixãozinho e segurava cartazes com a foto da menina, que não devia ter mais do que dois anos, com os dizeres: "Jéssica: um anjo arrancado de nós por uma bala perdida."

— Vamos embora? Acho que preciso de uma cerveja — convidou Benjamin.



Depois da terceira garrafa de cerveja, que foram tomar no apartamento de Ben, eles estavam mais relaxados e, por incrível que possa parecer, mais sóbrios.

— Hugo, você viu aquele homem que estava ao lado da Geisa?

— Vi. E o mais estranho é que ele me lembra uma pessoa… mas não sei quem.

Jacomelli parou de falar e ficou encarando a parede, até que o silêncio começou a incomodá-lo e retomou a palavra:

— Antes de chegarmos ao cemitério, você me perguntou como havia sido a busca no apartamento da Lia.

— Verdade! Encontrou algo de útil?

— Sinceramente? Foi uma grande decepção. Nada. Simplesmente nada. Nem parecia que uma pessoa normal morava ali. Parecia cenário de filme, sabe? Tudo no seu devido lugar… Totalmente diferente de uma pessoa que cobria o corpo com as mais diversas tatuagens, fazendo uma grande miscelânea. Acho que era isto que eu esperava encontrar lá: um grande pandemônio.

— Fora a tinta descascada… Não poderia ter sido um cenário plantado?

— Não sei se houve tempo para isso, mas é algo a se pensar. Quando eu estive na casa dela na primeira vez, não passei da sala. E não notei nada de diferente naquele cômodo.

— Talvez eu esteja colocando ideias onde não exista nada.

— Mas de uma coisa você tem razão: estava tudo muito teatral. Preciso voltar lá.

— Será que você poderia me levar dessa vez?

— Darei um jeito. Ben… jamin.

— Pode me chamar de Ben. O meu nome é muito longo. Parece que está brigando comigo.

Hugo vibrou por dentro:

"Será que estou começando a conquistar meu filho?" — Esse pensamento durou poucos segundos, tempo suficiente para o rapaz estranhar a demora em responder.

— Ok. Ben, vou deixar meu carro aqui. Bebi um pouco e, apesar de estar de folga, não posso ser pego na blitz da Lei Seca ou acabarei perdendo meu distintivo.

— Pensei em ligarmos para a minha mãe. Ela pode vir para cá e depois deixar você em casa ou… sei lá. Preciso mesmo ver a coroa. O que acha?

— Eu não teria ideia melhor.



— Bom dia, Caio! Como está a Cecília?

— Bom dia, Bel. Está bem, apesar dos enjoos característicos dessa fase.

— Que bom… E o Ben… Tem notícias dele?

— Ah, meu primo está meio estranho, sabe? Eu, se fosse ele, procuraria um psiquiatra, um psicólogo, um psicanalista, sei lá. Algum profissional que desse jeito naquela mente perturbada.

— Você sabia que, na maioria das vezes, as pessoas que procuram esses profissionais estão apenas passando por um momento complicado na vida? — disse ela, em tom de reprovação.

— Não falei em tom pejorativo. Desculpa se soou assim. Jamais faria isso.

— Ok. Também acho que me exaltei. Se falar com ele, diz que desejo melhoras.



Diana estava deixando o plantão quando ouviu o celular tocar dentro da bolsa.

— Oi, Augusto — atendeu ela, com certo desinteresse.

— Oi, boneca. Está tudo bem?

— Você sabe como detesto esses seus apelidos. A impressão que me dá é que nem se lembra do meu nome.

— O que é isso, Diana? Se eu não me lembrasse, não telefonaria para você.

— Ah, ok. Eu devo desculpas. Tive um dia cheio.

— Quer sair e tomar alguma coisa?

— Não. Prefiro ir para casa.

— Não quer mesmo? Acho que vou ver a minha futura casa. — A menção ao imóvel fez com que a médica se lembrasse da foto de Eliseu.

— Sabia que a namorada do meu pai e o irmão dela passaram férias naquela casa quando eram crianças? Eles disseram terem sido as melhores férias.

— Eu preciso conhecer esse cara!

— Vamos à casa dele no próximo sábado?

— Se eu tivesse outro compromisso, já teria desmarcado.

Diana desligou o celular, deu a partida no carro e pegou o rumo de casa.

Capítulo 23

Conforme combinaram dois dias antes, e a pedido do anfitrião, Diana e Augusto chegaram cedo à casa de Eliseu para o churrasco.

Como sempre, o tenente-coronel recebeu seus convidados com toda a cordialidade. Aos poucos os outros foram chegando.

Era a primeira vez que Hugo e Augusto ficavam cara a cara. Eles conversaram um pouco, mas o namorado de Diana fazia com que seu padrasto se sentisse desconfortável. — O que houve? — perguntou Luísa em dado momento.

— Acho que nunca fiquei tão próximo de um namorado da Diana. E… não é questão de preconceito, mas ele tem idade para ser pai dela!

— Não acredito mesmo que seja preconceito, mas ciúme, sim. Deixe a menina ser feliz! Deixe de ser superprotetor!

— Será isso mesmo? Não fui com a cara dele.

— Augusto é brincalhão e tem um humor sarcástico que às vezes incomoda, mas não me parece ser má pessoa.

— Talvez, mas acho que precisamos diminuir esse ritmo.

Percebendo que a inconveniência de Augusto era diretamente proporcional ao nível de álcool que ingeria, Hugo sugeriu adiantar a saída das carnes da grelha e aumentar o consumo de água e refrigerante, com a desculpa de que a cerveja estava quente.

O clima ficou um pouco mais pesado quando Benjamin chegou e, depois de poucos minutos de conversa com Augusto, o rapaz afastou-se e foi para o lado de Caio e Cecília.

— O que houve, cara? — perguntou Caio.

— Sei lá. Não gostei desse cara.

— Nem eu — comentou Hugo, que ouvira o pequeno diálogo.

— Ih, ambos estão com ciúmes da Diana. Já pensou, amor, os dois namorando? — cutucou Luísa.

— Seria meu sonho.

— *Hey*, vocês dois! Podem parar de arrumar casamento para mim?

As risadas só cessaram com a aproximação de Eliseu e sua bronca.

— Bela família, vocês! Ficam aqui, de panelinha, enquanto meu convidado fica ali sem nem um copo de cerveja na mão. Vão agora para lá e me substituam como anfitrião!

— Tem certeza de que é para encher o copo dele com chope? — perguntou Hugo.

— Certeza absoluta. Querem me matar de vergonha?

— Faz o seguinte: entretenha o seu convidado, eu ajudo a Carla, e o Hugo e o Ben ficam tomando conta das carnes — sugeriu Luísa.

— E eu? — perguntou Caio, sentindo-se excluído.

— Fica paparicando a sua mulher, que ela merece.

— Sim senhora! — disseram em uníssono e dissiparam-se, cada qual para realizar a tarefa designada.

— Augusto — falou Eliseu, entregando-lhe uma *long neck* —, a Diana comentou sobre a casa que está querendo comprar…

— Pois é, que grande coincidência!

— Não quero ser intrometido nem nada, mas poderíamos marcar um dia para eu visitar? Pela foto pode parecer a mesma, mas não necessariamente é.

— Eu ainda não a comprei, mas posso conversar com o dono. Estou analisando e pensando se vendo a minha casa atual ou se fico com as duas.

Aquela informação fez com que Diana ficasse com o ouvido apurado.

— Ora, Augusto! Eliseu o convidou para vir aqui. Nada mais justo do que retribuir o convite — intrometeu-se Diana.

— Acho… Acho que você está certa.

Nesse momento, Luísa voltou da cozinha com uma travessa de arroz.

— Lu, venha aqui! — chamou Eliseu.

Ao se aproximar, ela sentiu-se constrangida com o olhar de cobiça de Augusto para seu decote. A sensação de incômodo foi tamanha que ela levou a mão ao pingente que adornava o cordão em seu pescoço.

— Que pingente lindo! — comentou Augusto, observando o delicado adorno no colo de Luísa.

— Não é? Ele é um dos tesouros que encontramos naquelas férias — disse Eliseu. — Se eu fechar os olhos, a casa vem todinha à minha mente.

Luísa fechou os olhos (ainda com a mão no pingente, escondendo o decote) e falou:

— Na frente havia um enorme jardim…

— Talvez, então, não seja a mesma casa — adiantou-se Augusto. — A que estou de olho é toda circundada por um piso de cimento queimado — disse o médico.

— Eu vou lhe mostrar fotos de quando passamos férias na casa — falou Eliseu.

Assim que o anfitrião deu as costas, Luísa deu uma desculpa qualquer e entrou na casa, e Augusto se mexeu na cadeira, pegando o celular.

— Acabei de receber um chamado. Preciso ir. Parece ser grave.

— Mas assim, de repente? O que digo para o Eliseu?

— Que marcaremos outro dia. — Augusto deu um selinho em Diana e saiu dali sem se despedir de mais ninguém.

— Engraçado… O Augusto… Ele me pareceu familiar. Não sei de onde — disse Luísa, voltando da cozinha.

— Eu tive a mesma sensação — comentou Eliseu.

— Vocês não são os primeiros a dizerem isso. A todo lugar que vamos, tem sempre alguém que faz uma observação dessas — disse Diana de forma pensativa.

— Mas é diferente. Aquele olhar… — falou Luísa, levando alguns pratos sujos para a cozinha.

O restante da tarde foi leve. Luísa não se preocupou mais com o decote e todos brincaram e riram animados.

No fim do dia, quando estavam se arrumando para ir embora, Eliseu convidou:

— A Carla diz que sou exagerado e que compro carne e cerveja para servir a um batalhão. Dessa vez preciso concordar com ela, por isso, convido vocês para voltarem amanhã para o enterro dos ossos.

— O tenente-coronel Pessoa exagerado? Isso é calúnia! — brincou Caio.

Fingindo ignorar a brincadeira do filho, Eliseu falou:

— Diana, venha também e traga o Augusto.

— Infelizmente não poderei vir. Amanhã estarei de plantão.

— Uma pena… Sentiremos a falta de vocês.



Segunda pela manhã. Hugo estava se sentando em sua cadeira surrada quando o telefone sobre a sua mesa tocou. O som era característico de ligação interna. Das duas uma: ou era a telefonista, ou o delegado. Somente eles utilizavam aquele precário sistema de comunicação. Jacomelli pôs o fone no ouvido e, como suspeitava, escutou a voz de trovão do delegado chamando-o em sua sala.

Ainda no corredor, ao olhar pela porta entreaberta, viu que Cristóvão já se encontrava ali. Observou o delegado e constatou que estava muito nervoso: as bochechas inchadas eram um sinal característico.

— Até que enfim, Jacomelli! Acabei pegando o Almeida no corredor e trazendo-o para cá.

— Na verdade fui eu que vim para acalmá-lo, ou teria um piripaque no meio da delegacia.

— O que houve? — quis saber Hugo, até então mudo.

— Outra garota foi encontrada morta e, dessa vez, nosso garotão deixou um recado.

Ele entregou um papel com uma foto impressa para o policial. Nela, podia-se ver um bilhete escrito com uma letra incrivelmente desenhada, parecendo ter sido escrita por um calígrafo.

"Até nas famílias abastadas encontramos imperfeições. Este é um presente meu para vocês."

— Só isso?

— Veja — disse o delegado, entregando outro papel que continha a foto de uma mulher morta.

— Esse rosto... Ela não me é estranha…

— Não mesmo. É a filha mais nova do prefeito. O assessor dele está atrás de mim — bufou o delegado.

— E essas fotos?

— Foram enviadas por e-mail. Quando tentamos rastrear, descobrimos que a conta foi desativada. Os técnicos estão trabalhando para tentar encontrar alguma coisa, IP ou algo assim. Preciso de solução. E rápido. O prefeito vai ficar na minha cola e eu, na de vocês.

— Sim, senhor. Podemos ir ao local?

— E eu lá sei onde é o local? O cara não mandou o endereço. Vocês vão ter que se virar.

— Puta merda — disseram Almeida e Jacomelli, esquecendo-se de que estavam na presença do delegado e sem saber por onde começar.

— Ainda estão aqui por quê? O prefeito tentará abafar o caso, mas não sabemos por quanto tempo. Agora vão e apenas voltem quando encontrarem uma pista. Ou corpo. Ou as duas coisas. É isso ou colocarei a cabeça de vocês a prêmio.

Os parceiros se olharam e saíram dali sem dizer uma palavra. O cara era ousado, e se assassinara a filha do prefeito, não pararia a matança tão cedo.

— Por onde vamos começar, Jac? Não consigo pensar em nada.

— Estava pensando nisso. Vamos fazer uma busca por todos os lugares onde foram encontradas as outras vítimas. A praia do Recreio será o nosso ponto de partida.

— Não vai demorar muito?

— Tem outra ideia?

Cristóvão olhou nos olhos do parceiro e baixou a cabeça. Não tinha sequer uma, quanto mais outra ideia. Melhor seguir o pensamento de Hugo mesmo.

Três dias. Os dois percorreram o Rio de Janeiro por três longos dias. O Tatuador não chegou a mandar novas mensagens e tanto Hugo quanto Cristóvão estavam preocupados em voltar para a delegacia sem qualquer pista do paradeiro do corpo da jovem Elizabeth Bicalho.

Eram duas horas da tarde quando Ben, Hugo e Cristóvão chegaram à casa de Lia. Seu sepultamento já tinha ocorrido há vários dias e a proprietária do imóvel dizia estar muito irritada por não poder alugá-lo.

Dona Maria, uma portuguesa quase caricata, com cabelos negros, pele branca, bochechas rosadas e um buço que deixaria muito rapaz imberbe com inveja, abriu a porta para eles. Conforme ordens expressas, ninguém poderia entrar ou sair da casa sem um pedido especial.

— Vão demorar muito? Estou a fazer feijão e não posso ficar o dia todo aqui — resmungou, com um carregado sotaque lusitano.

— Devemos demorar, sim. Eu tenho o telefone da senhora. Quando estivermos acabando, eu telefonarei para vir trancar a casa. Pode ser?

— Está bem — disse ela, virando-se para a saída e deslizando as tamancas pelo piso de lajota.

— Por onde começaremos? — perguntou Ben assim que a porta da frente foi fechada.

— Acho que nunca ouvi tanto essa pergunta quanto nos últimos dias. Vamos nos dividir. Cada um pega um cômodo. Eu fico com o quarto, Cristóvão com a sala e Benjamin com a cozinha. Quem terminar primeiro, ganha o bônus: o banheiro.

— Esse "bônus" — disse Benjamin, fazendo aspas com as mãos — é para não deixarmos de olhar nenhum cantinho, certo?

— Acertou em cheio, garoto. Ponto para você. Agora vamos parar de papear e começar o trabalho. Se fecharmos o quarto dia sem qualquer novidade, amanhã meu parceiro e eu começaremos o turno pela ronda escolar.



Cristóvão observava cada pedacinho daquela sala com poucos móveis. Uma mesa redonda com quatro cadeiras; sobre o tampo, um vaso com flores desidratadas. Ele tirou-as dali, mas não havia nada no jarro. Seguiu para o sofá surrado, que tinha o assento e o encosto fixos. Colocou a mão pelos poucos espaços e acendeu a lanterna, mas não encontrou nada ali.

A mesinha de telefone e sua minigaveta foi o próximo local a ser analisado. Sobre a mesinha, havia apenas o telefone, que se mantinha com linha. Na gaveta, uma caderneta telefônica na qual faltavam as letras A, G e M. Aquilo poderia significar nada ou muita coisa. Por via das dúvidas, resolveu colocar no saquinho de provas e guardá-la no bolso do paletó.

O último local a ser averiguado era o aparador (ou, como muitos chamavam aquele móvel, o buffet). O policial sentou-se no chão e abriu as três portas. Na primeira, podia-se ver uma boa quantidade de copos empoeirados; na segunda, pratos em porcelana chinesa, alguns um pouco lascados; e a terceira porta continha pirex e bandejas de metal tão empoeirados quanto os copos.



A cozinha, onde Benjamin se encontrava, não tinha, aparentemente, nada de especial. No armário sob a pia havia quatro panelas: uma grande, duas médias e uma pequena, uma frigideira e uma leiteira. E nada mais. As gavetas continham talheres e panos de prato. Não havia armários sobre a pia. O fogão e o forno estavam vazios, assim como a geladeira, que se encontrava desligada e com a porta entreaberta.



Hugo entrou no pequeno quarto e, antes de começar sua busca, ficou observando cada canto, enquanto ouvia tanto o parceiro quanto Benjamin mexendo nos móveis e abrindo e fechando armários e gavetas.

Da outra vez que esteve na casa não tinha o mandado para vasculhar. Só pôde observar os cômodos sob o olhar atento da proprietária. Agora ele poderia remexer em tudo. Assim que entrou na casa, notou que estava igual à última vez, com a diferença apenas da camada de poeira que cobria os móveis, denunciando que ninguém esteve ali, pelo menos para fazer uma limpeza.

Ele aproximou-se da cama e levantou o colchão. Depois, retirou o lençol da cama e a fronha do travesseiro. Nada. Abriu, em seguida, o armário. Os cabides, milimetricamente separados, continham poucas peças de roupa. Abriu

a primeira gaveta, na qual havia regatas e camisetas de cores berrantes. A segunda gaveta tinha apenas *lingeries*.

"Lia era uma mulher bonita e sensual. Poderia ter dado uma chave de boceta em qualquer um, ainda que fosse homossexual. Esta casa humilde não combina com o cabelo bem cuidado, as unhas sempre bem-feitas e o corpo malhado", pensou o policial.

Todas as vezes que Hugo a tinha visto, ela estava de regata e sem sutiã. Os bicos dos seios à mostra sob as camisetas incrivelmente cavadas denunciavam isso. Mais de uma vez sentiu-se tentado a experimentar o gosto dela. Sentiu o cós da calça ficar apertado só de lembrar-se dela.

Fechou a segunda gaveta e abriu a terceira. Uma gama de brinquedos sexuais, inclusive sadomasoquistas, estava ali. Eram tantos que não dava para ver o fundo. Hugo foi tirando todos e colocando-os sobre a cama.

Quando o último saiu, ele estranhou a altura da gaveta: rasa demais. Mexeu tanto que acabou encontrando um fundo falso. Ali havia fitas de vídeo (cujo conteúdo seria visto mais tarde, na delegacia) e álbuns de fotografias de Lia nas mais diversas posições eróticas e com todos os brinquedos sexuais que ali se encontravam.

Os álbuns foram separados por idade. No primeiro podia-se ver Lia bem nova. Talvez fosse até menor de idade. O último não tinha mais do que seis meses. E ela continuava gostosa.

— Tudo bem aí?

Hugo fechou rapidamente o álbum ao ouvir a voz de Benjamin.

— O que é isso? — perguntou Cristóvão por cima do ombro do rapaz, apontando para as coisas que estavam sobre a cama.

— Acho que a nossa amiga era dada a um sexo selvagem.

— Você vai levar isso tudo? — perguntou Cristóvão, apontando para os brinquedos sadomasoquistas.

— Não. O que ela fazia ou deixava de fazer entre quatro paredes não nos interessa. Mas precisaremos averiguar essas fitas. — Ele estendeu a mão e Ben pegou as fitas de VHS.

— Tem ideia do que tem aqui?

— Não, mas vamos descobrir. Porém, o que me espanta é uma pessoa que não tinha televisão em casa guardar fitas VHS — comentou Cristóvão.

— Nada mais me espanta aqui. Alguém viu o banheiro? — perguntou Hugo.

— Não encontramos nada. Agora só nos resta o quintal — falou Cristóvão.

— Então vamos até lá. Depois daremos um jeito nessa bagunça.

Os três saíram pela porta dos fundos e deram de cara não apenas com um quintal (onde havia um varal de teto sobre uma máquina de lavar roupas e um tanque), mas também com um jardim totalmente remexido, com flores plantadas de qualquer jeito e malcuidadas, uma bagunça muito grande que não condizia com a organização da casa.

— Não sei vocês, mas estou com uma vontade enorme de mexer com terra.

Não vendo nenhum ancinho ou pá própria para jardinagem, Hugo pegou a pá de lixo que estava recostada no tanque e começou a cavar. Os outros dois resolveram ajudá-lo. Cristóvão, com o cabo da vassoura, ficou afofando mais a terra e Ben, com a frigideira que foi buscar na cozinha, tentava também cavar. Vendo que não estava dando certo, deixou o utensílio de lado e passou a usar apenas as mãos.

Os três foram esburacando o jardim, até que algo chamou a atenção do mais novo. Para não dar um falso alarme, cavou mais até soltar um grito abafado.

Hugo e Cristóvão foram ao seu encontro e pediram para ele parar de cavar quando viram a correntinha com as iniciais EB sobre um pescoço arroxeado. Jacomelli ligou para os peritos e pediu que fossem até ali. Enfim tinham encontrado o corpo de Elizabeth Bicalho.

Capítulo 24

Ainda com olheiras devido à noite passada em claro, Hugo e Cristóvão chegaram à delegacia para o depoimento de dona Maria.

A portuguesa chegou dez minutos atrasada, na companhia do filho, que ficou esperando do lado de fora da sala do delegado enquanto a mãe respondia às perguntas.

— Dona Maria, precisamos que a senhora seja o mais sincera possível: após o falecimento da dona Lia, alguém, além da senhora ou de nós, entrou na casa?

Após assoar o nariz com o lenço e enxugar as lágrimas com as costas da mão, a proprietária começou a falar:

— No dia seguinte ao enterro, a amiga dela esteve lá com uma faxineira e arrumou a casa. Há poucos dias, ela e um homem alto voltaram lá. Ela disse que não demorariam, mas passaram quase o dia todo lá.

— Como era esse homem? A senhora já o viu antes?

— Na realidade, eu não o vi. Ele estava encapuzado. — Essa informação fez com que Jacomelli aguçasse os ouvidos. — E quando me aproximei, ele entrou no carro, que tinha os vidros muito escuros.

— Quanto tempo eles estiveram lá dentro? Quando chegaram, eles estavam de mãos vazias?

— Eu não os vi chegando. A amiga da dona Lia foi até a minha casa apenas para pegar a chave — respondeu, desconsiderando a primeira parte da pergunta, por já tê-la respondido.

— E por que a senhora entregou? A casa deveria estar fechada.

— Ela pagou seis meses de aluguel. Não sabia que não poderia deixá-la entrar. Só quando os senhores entraram em contato comigo que eu entendi que não poderia alugar para ninguém mais.

Hugo, Cristóvão e Raposo se entreolharam.

— Bem, a partir de agora, ninguém mais poderá entrar na casa sem um mandado, certo?

— Aquele papel que o senhor me mostrou ontem?

— Isso mesmo.

— Bem que meu filho me disse que eu não deveria ter aceitado o dinheiro. Mas sou viúva e vivo dos aluguéis das casas que meu marido me deixou.

— A senhora devolveu o dinheiro? E o seu filho? Estava em casa quando eles chegaram?

— Estava… estava chegando do trabalho. Sabe, o Carlinhos tem uma loja de ferragens. Era dele e do meu marido, e quando fiquei viúva… — respondeu dona Maria, novamente ignorando a primeira pergunta.

— Qual o nome do seu filho? — interrompeu Raposo.

— Carlos Alfredo.

A um comando do delegado, Cristóvão foi até o corredor e chamou o rapaz, que fechou o livro que estava lendo, não sem antes dobrar a orelha da página para marcar onde parara a leitura, dando certo desconforto ao policial.

— Sua mãe disse que você viu as pessoas que estiveram na casa da inquilina há alguns dias — comentou Hugo assim que o rapaz se sentou ao lado da mãe.

Depois de a portuguesa fuzilar o policial com o olhar, Carlos Alfredo ajeitou-se na cadeira, arrumou os fios de cabelos que lhe caíam na testa e pôs o livro sobre a mesa do delegado antes de começar a falar.

— Eu os vi de relance naquele dia, mas tenho a ligeira impressão de já tê-los visto antes. Foi a minha mãe que me chamou a atenção para isso.

Dessa vez, foi Hugo que fuzilou a mulher com o olhar.

— Eu?! — Dona Maria levou a mão ao peito, como se estivesse sofrendo um ataque cardíaco.

— A senhora mesma, mamãe. Lembra aquele dia em que estava na janela, quando fechei a loja mais cedo por estar passando mal?

A portuguesa ficou vermelha e passou a usar o lenço que assoou o nariz para enxugar o suor das mãos.

— Não me lembro.

— Bem, isso não importa. O que interessa é que eu estava chegando em casa e ela me mostrou o casal entrando na casa da Lia.

— Você a conhecia? — interrompeu o delegado.

— Conversamos algumas vezes, mas não tínhamos nenhum tipo de relacionamento, se é o que deseja saber.

— E que tipo de conversa tiveram?

— A maioria sobre o pagamento do aluguel, que nunca atrasava, mas vivia pedindo desconto.

— Certo. Mas você estava falando do rapaz…

— Que não era tão novo assim. Ele devia ter entre quarenta e cinco e cinquenta anos. Não sei a cor do cabelo, que estava sempre escondido embaixo de um capuz, e nem dos olhos, devido aos óculos escuros que usava.

— Quantas vezes você o viu?

— Essa que a minha mãe me mostrou foi a primeira. Depois… — ele jogou o olhar para cima e ficou pensando e contando com os dedos — ...três. Não, duas. Três com a primeira.

— E todas as vezes ele estava acompanhado da outra mulher?

— A madame bonitona? Sim.

— Só Deus sabe as safadezas que deviam fazer ali dentro — sussurrou a senhora, fazendo o sinal da cruz.

— Era só isso? — perguntou Carlos Alfredo, levantando-se da cadeira.

— Só mais uma coisa: ninguém pode entrar naquela casa sem a nossa permissão ou um mandado — explicou Hugo.

— E mesmo com um mandado, pedimos que entrem em contato conosco — completou o delegado.

Após mãe e filho saírem, Dr. Raposo deu uma missão para os seus dois detetives:

— Contatem essa Geisa. Vão atrás dela e tragam-na aqui. Ela tem muito o que nos dizer.

— Inclusive sobre seu capanga — comentou Cristóvão.

— Ou amante — emendou Hugo.

Não demorou mais de duas horas para os parceiros retornarem à sala do delegado.

— Dr. Raposo, ela viajou para a Holanda.

— E a droga do país não tem contrato de extradição com o Brasil. — Socou a mesa enquanto falava. — Precisamos descobrir quem é o cara com ela.

— Talvez a fofoqueira saiba mais do que falou. E se a chamássemos novamente?

— Boa ideia, Jac. Mas deixe para amanhã. A mulher não vai voltar agora mesmo. De qualquer modo, deem um jeito de saber tudo sobre essa Geisa, onde morava, se era casada. TUDO!

— Estamos indo. — Jacomelli puxou o parceiro pelo braço.

Já no corredor, Hugo retomou a palavra:

— O delegado fala como se qualquer país tivesse acordo de extradição com o Brasil, exceto a Holanda. Só quero ver como descobriremos o endereço dessa mulher.

— Hugo, ontem, quando estivemos na casa da Lia, encontrei uma caderneta de telefones faltando algumas letras. Com a confusão causada pelo encontro do corpo, acabei guardando o negócio no meu paletó e o esqueci lá. Sou um idiota, eu sei, mas posso ir lá em casa e pegá-la.

— Vai, que eu seguro as pontas por aqui. Melhor: vamos juntos. Ninguém precisa saber para onde estamos indo. A gente ganha tempo com isso e o chefe não fica no meu pé. Bora, parceiro.

Entre ir ao apartamento de Cristóvão, esperá-lo subir, descer e voltar ao carro, não levou mais do que trinta minutos. Enquanto o parceiro dirigia para a delegacia, Hugo foi abrindo o pequeno caderno. Algumas folhas faltavam, e a letra G era uma delas. Ele abriu a folha H e viu seu nome escrito. Quando foi virar novamente, notou que a força da escrita havia marcado a folha de trás.

Foi virando as páginas e constatando a mesma coisa. Assim que desceram do carro, ele correu na frente e alcançou um lápis em sua mesa. Lembrando-se de uma técnica antiga e torcendo para que desse certo, rabiscou a página e, lentamente, virou a folha.

Enquanto lia o endereço de Geisa, ele soltava o ar e, aos poucos, voltava a respirar.

Encontrando Cristóvão no corredor, puxou-o para a sala do delegado.

— Doutor, temos o endereço dela — disse o policial com um sorriso no rosto, empunhando o papel como se fosse um troféu. — Agora precisamos de um mandado. — Finalmente, a respiração voltou ao normal.



Dois dias depois, munidos de um mandado, os parceiros foram ao endereço encontrado na caderneta. Não muito diferente do que imaginaram, devido à figura de Geisa, a luxuosidade da casa saltava aos olhos. A fim de evitar qualquer desentendimento, primeiro tocaram a campainha, e uma moça veio até o portão.

— Pois não? — perguntou, protegida pelas grades.

— A Geisa?

— A dona Geisa viajou.

— E quando ela volta?

— Não tenho essa informação.

— Podemos entrar?

— Sinto muito, mas não tenho permissão de deixar ninguém entrar na ausência dela.

— Qual o seu nome? — perguntou Hugo, mostrando sua insígnia.

— Eu me chamo Janine — respondeu, deixando a arrogância de lado.

— Caso ela reclame por desobedecê-la, diga que precisou nos deixar entrar ou iria presa. E ainda entraríamos na casa.

Bastaram aquelas palavras para a moça deixar a pose de lado.

— Por favor, esperem um pouco enquanto pego a chave.

— O que é essa mulher? Ela mais parece uma atriz de novela, com aquela roupa engomada e o batom vermelho! — falou Cristóvão.

— Isso se não fosse aquele cabelo desgrenhado.

Quando ela voltou, os policiais puderam notar um homem saindo pela lateral da casa.

— Quem é seu amigo? — perguntou Hugo, apontando para a direção em que acabara de ver o rapaz.

— É Josué, meu namorado. Por favor, não façam nada contra ele.

— E por que faríamos? Ele tem algo a esconder? Por que saiu assim, de repente?

— Eu trouxe ele sem a patroa saber. Se ela ficar sabendo disso e que eu estou usando as roupas dela… Ela demite nós dois.

— Vocês dois? Tudo bem, Janine. Ninguém ficará sabendo, mas precisaremos que responda a umas perguntas. Pode ser?

— Claro, senhor. — Enquanto dizia isso, abriu o portão.

— Por fora a casa parece ser muito maior! — Cristóvão externou o pensamento e só não continuou a falar devido ao cutucão recebido de Hugo.

— Quem é sua patroa? — indagou Jacomelli.

— É a dona Geisa, ué.

— Eu quero saber quem ela é, com o que trabalha…

— Eu não sei, policial. Eu trabalho aqui há pouco tempo, desde que a outra moça morreu.

Aquela informação chocou os policiais. Quem seria a outra moça? Lia?

— Você conhecia a outra moça que trabalhava aqui?

— Não. Mas fiquei sabendo que a dona Geisa gostava muito dela.

— Você sabe o nome dela?

— Eu sou péssima para nomes.

— Lia? — precipitou-se Cristóvão.

— Pode ser. Mas o Josué deve saber melhor do que eu. Ele é motorista da patroa.

— Chame ele, por favor.

O rapaz chegou e apertou a mão dos policiais.

— Belo aperto, Josué. Há quanto tempo trabalha para a Geisa? — perguntou Hugo.

— Há uns dez anos.

— Então teve tempo suficiente para conhecê-la.

— O suficiente para quem não passa da porta da cozinha.

— Mas geralmente o motorista ouve mais do que os outros empregados. Tem sempre mais alguém no carro, um telefonema…

— A dona Geisa geralmente ia sozinha no banco de trás. A única vez que isso não aconteceu foi quando eu levei a madame e a Lia na delegacia. Tinha

também um doutor que saía com elas, mas sempre que isso acontecia, eu era dispensado. Ele devia gostar de dirigir.

— Muito obrigado pela informação de vocês. Agora precisaremos dar uma olhada pela casa. Lembrem-se de que nós temos autorização para isso, ok?

Janine apenas assentiu com a cabeça.

— Aceitam um café?

— Não. Peço que me acompanhem.

— É necessário mesmo?

Os policiais se entreolharam e tiveram vontade de dizer que não, mas, se alguém ficasse sabendo, acabaria sendo um grande problema para eles.

— Sim, é preciso.

Com a afirmação dos policiais, Janine levantou-se da cadeira e seguiu-os de longe, observando-os subir para o segundo andar, onde havia apenas duas suítes. Ela ficou escorada na parede entre os dois cômodos enquanto cada um entrou em um. Viu quando ambos saíram de mãos vazias.

Em seguida, eles desceram, vasculharam todo o primeiro andar e, mais uma vez, não encontraram nada.

— Janine, estou vendo que você é uma moça esperta. Fique com o meu cartão. Quando a sua patroa voltar, pode me avisar? — pediu Hugo.

— Eu não quero encrenca para o meu lado.

— Fique tranquila. Ninguém saberá que está nos ajudando.

— Eu serei como aquelas testemunhas que têm o nome mudado?

— Isso mesmo — Hugo resolveu dar corda a ela.

— Então eu posso me chamar Valentina? Sempre gostei desse nome.

— Pode sim. Quando me ligar, diga que é a Valentina — respondeu Hugo, animando-a.

— Podemos confiar nela? — perguntou Cristóvão, enquanto dava partida no carro.

— Totalmente. Você não viu? No quarto dela havia diversos livros da Agatha Christie. A garota será nossa aliada.

Voltando para a delegacia, foram fazer o que tinham adiado desde a batida na casa de Lia: assistir às quatro fitas. Pelo conteúdo da gaveta, elas deviam ter um material pesado.

As duas primeiras tinham o mesmo conteúdo, que foi dividido em três atos: o primeiro era Geisa se masturbando; o segundo era usando os brinquedos sexuais encontrados na gaveta; e o terceiro, fazendo sexo com um homem totalmente coberto por uma malha preta, que deixava à mostra apenas o pênis e os testículos.

A terceira fita, protagonizada por Lia, era dividida em quatro atos: a masturbação com a mão, a penetração com os brinquedos eróticos e o sexo com o homem coberto com a malha. Porém, antes de ele entrar em cena, Geisa aparecia para fazer sexo com Lia. Ela usava as mãos e a língua para garantir que a parceira tivesse diversos orgasmos. Só quando Lia estava no auge do êxtase que o homem entrava em cena e fazia sexo vaginal e anal com ela.

— Quer fazer uma aposta?

— Lá vem você querer pegar meu dinheiro.

— Que nada, Cris! E para mostrar que não sou um cara tão mau assim, vamos apostar apenas um almoço na Churrascaria Boi Feliz.

— Logo nessa careira! Assim eu vou à falência. O que você quer apostar?

— O conteúdo desta fita aqui. — Levantou o VHS. — Para mim, é outra fita com a Lia.

— Pronto, perdi. Mas para mostrar que não sou um péssimo perdedor, digo que é algo no mesmo estilo, mas com outra pessoa, ou melhor, são elas fazendo todas as sacanagens com o homem e ele mostrando a cara.

— Espero que não seja. Será difícil de assistir.

— Faz parte do nosso trabalho, amigo.

— Ok, meu querido. Vamos à minha glória. Amanhã virei em jejum.

Jacomelli pôs os pés sobre a mesa e acomodou-se. Cristóvão ligou o aparelho. Quando os primeiros sons foram ouvidos, Hugo deu um sorrisinho, mas logo o desfez.

— Delegado, o senhor precisa ver esta fita. Aquela Geisa é uma criminosa.

Dr. Raposo sentou-se no local indicado e ficou esperando.

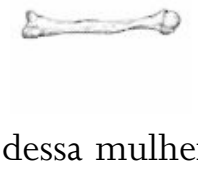


Geisa apareceu nua na frente da câmera e Lia apareceu em seguida. As duas beijaram-se e saíram de cena.

A câmera focou a cama e o lençol foi retirado, revelando Luana, que não devia ter mais do que dezessete anos. Ela estava amordaçada e amarrada à cama. Os olhos estavam descobertos. Ela veria tudo o que lhe acontecesse.

Geisa e Lia introduziam todo tipo de objeto (cabo de panela e de escova de cabelo, frasco de desodorante e garrafa de cerveja, cujo conteúdo depois era consumido pelas duas) na garota, que tentava gritar, mas era impedida pela mordaça.

Depois de toda aquela tortura, o mesmo homem encapuzado a estuprava. Primeiro pela frente e, depois, por trás. Aquela tortura durou sete longos dias, conforme podia ser observado pela luz do sol que iluminava o local durante o dia e a luz artificial que iluminava à noite.



— Peçam a prisão preventiva dessa mulher. Não me importa se ela está na Nicarágua, na Alemanha ou na puta que pariu! Conversem com o raio que o parta, mas deem um jeito de trazer essa mulher para cá. Ela deve ter algo a ver com esse Tatuador. E, se não tiver, acabamos com essa pornografia descabida. Mexam-se!



— E aí, cara? Como estão as coisas? — perguntou Caio, quando o primo sentou-se à mesa.

— Indo. É estranho saber que a Luana morreu. Eu ainda não me acostumei com essa ideia.

— Eu não sei como está se sentindo, mas me solidarizo. É melhor mudarmos de assunto. A Isabel acabou de chegar.

Benjamin olhou para trás e viu a ex-namorada chegando e passando direto por eles.

— Nem um bom-dia? — provocou Benjamin.

— Bom dia, Caio.

Depois de cumprimentar apenas um deles, virou-se de costas, prendeu os longos cabelos em um coque, deixando à mostra a marca de nascença em forma de meia-lua que tinha no ombro esquerdo, e adentrou o escritório bem provocativa.

— É, primo… Essa você perdeu.

— Acho que nunca a tive. Isabel e eu sempre fomos bons amigos que dávamos uns pegas. Não existiu nenhum outro sentimento. Nós é que confundimos tudo.

— Você está apaixonado.

— Acabei de dizer que nunca houve paixão…

— Não pela Isabel. Quem é a garota?

— Deixa *pra* lá. Ela nem sabe que eu existo.

— E como está a relação com o seu… com o Hugo?

— Estou me esforçando, mas ainda não consigo vê-lo como… como nada além do que namorado da minha mãe. E acho que está bom assim, ou as coisas poderão ficar estranhas…

— Bom dia, Jac. Alguma novidade sobre o caso?

— Não. A única certeza que temos é de que a Geisa desembarcou na Holanda.

— Não pare até encontrá-la.

— E quanto ao Tatuador?

— Está quieto demais para o meu gosto…

Fim do expediente. Benjamin ficou o dia inteiro ressabiado devido às flores recebidas por Isabel: um lindo arranjo de orquídeas.

Viu quando ela se dirigiu ao elevador e apertou o passo para pegá-lo também.

— Vai sozinha hoje?

— Vou sair com um amigo.

— Eu conheço?

— Não. Nós vamos nos encontrar pela segunda vez hoje. Nós nos conhecemos na Buffalo Bill.

— Não sabia que frequentava danceterias.

— Você não sabe muita coisa sobre mim.

Em vez de descer até a garagem, Benjamin saiu do elevador na portaria, junto com Isabel.

— Virou meu guarda-costas?

— Este mundo está perigoso demais com esse *serial killer* à solta.

— Fica tranquilo. Eu sou perfeita.

— Qualquer coisa, liga.

— E por acaso o gene supremo corre pelas suas veias?

— Não seria nada ruim ter superpoderes.

— Deixa eu ir. Minha carona já está à minha espera.

Logo que o automóvel deu a partida, Ben foi para a garagem pegar seu carro.



— Olá, Diana! Está me evitando? — Augusto colocou o braço na frente dela, obstruindo a passagem.

— Oi. Não sabia que estava por aqui hoje.

— Vim cobrir o outro cirurgião. Mas você não respondeu à minha pergunta.

— Acho que somos grandinhos o suficiente para sabermos que isso não está dando certo.

— Você está me dando o fora?

— Acho que foi você quem me deu o fora no momento em que saiu com aquela enfermeira.

— Mas eu apenas dei carona para ela.

— Não foi o que eu ouvi outro dia no vestiário. Ela estava se gabando do jeito com que a chupou e das fotografias que você tirou. Bom proveito, *mon chéri*. *Pra* mim, chega.

— Ninguém me dá o fora — disse ele, apertando o braço dela.

— Se você não me soltar agora, farei um escândalo e só vou parar de gritar quando chegarmos à delegacia.

Aos poucos ele foi afrouxando a mão.

— Augusto Pacheco, nunca mais encoste um dedo em mim. Ou melhor, nunca mais me dirija a palavra. Não sou mulher de malandro.

— Alô? — Benjamin atendeu o telefone sem ao menos ver quem era.

— Benjamin, a Isabel está com você?

— Quem está falando?

— É a Lúcia. Não estou ligando como advogada ou dona do escritório em que você trabalha, mas como uma mãe desesperada.

— Ela está sumida? Desde quando?

— Desde sexta, depois do expediente.

— Na sexta? Ela me falou que ia sair com um amigo.

— Ela disse o mesmo para mim, mas hoje já é domingo e ela ainda não voltou. O celular dela está fora de área — disse Lúcia, com a voz embargada.

— Calma, doutora. Vou conversar com o namorado da minha mãe, que é policial. Acho que ele pode ajudar.

— Obrigada. Qualquer notícia, não deixe de me avisar.

Assim que desligou, mesmo sem se importar que o sol ainda não havia nascido, Ben telefonou para Hugo.

— Benjamin? Está tudo bem?

— Comigo, sim. — Depois de explicar tudo o que Lúcia disse, pediu ajuda.

— Vou ver o que posso fazer.

— Hugo, o negócio pode ser sério. A Isabel tem uma pinta em forma de meia-lua em um dos ombros.

— Você acha que…

— É uma possibilidade.



— Hugo, o Eliseu está marcando uma reunião na casa dele. É sobre o desaparecimento da Isabel. Já faz uma semana e nenhuma notícia dela. Ele acha indispensável que você e o Cristóvão estejam lá — comentou Luísa.

— Iremos, Lu. Posso levar a Diana? Desde que terminou o namoro que está cabisbaixa.

— Não precisa nem perguntar. Ela sempre será bem-vinda.



Como um bom orador, Eliseu começou a falar depois que todos ocuparam seus lugares.

— O momento não é de comemoração, por isso resolvi não fazer um churrasco. Precisamos nos solidarizar com a Lúcia, que é amiga da família há muitos anos. Assim, se alguém souber algo a respeito do paradeiro de Isabel, se a viu saindo com alguém…

— Ei! É isso! Eu vi! — falou Benjamin tão baixo, que apenas Diana, que estava ao seu lado, ouviu.

— Viu o quê? — perguntou ela.

— A Isabel saindo com um cara. Eu conversei com a mãe dela mais cedo e nem me lembrei. Na sexta, após o expediente, ela saiu com um homem que foi pegá-la no trabalho. Ele dirigia um SUV prata. Não consegui ver seu rosto, mas quando ela abriu a porta para entrar, pude notar que ele era loiro e usava uma polo manga longa cinza.

— Você precisa contar isso! Vamos falar para o meu pai.

— Que tipo de SUV era? Você lembra a placa? — perguntou Hugo, depois que Benjamin relatou tudo a ele.

— Agora que você falou… A placa não era daqui, acho que era de Belo Horizonte.

— Das duas uma: ou o cara é de Minas, ou o carro é alugado. Vou apostar no segundo caso. Esses carros são os menos alugados, por serem mais caros. Amanhã mesmo vou verificar nas locadoras de veículos.



Era madrugada de segunda-feira, dia seguinte ao encontro na casa do tenente-coronel, quando Hugo foi acordado pelo toque do celular.

— Inspetor, quatro jovens encontraram um corpo na praia do Recreio.

O acontecimento de anos antes veio à mente do policial. Ele levantou-se da cama e, após pegar o parceiro na casa deste, foram para o local indicado. No meio do caminho, o telefone tocou novamente.

— Bom dia, Dr. Raposo. Eu e o Cristóvão estamos a caminho do local. — Quando viu que era o delegado telefonando, Hugo nem o esperou falar. Estava com dois medos iminentes: primeiro, de que ainda não tinham a menor ideia de quem seria o Tatuador, e, segundo, de a vítima ser Isabel.

Desses receios vinham muitos outros: de ser realocado, de perder seu posto, de ser exonerado… Eram tantas falhas! Nunca um assassino fizera a polícia de boba como o Tatuador.

— Olá, Igor! Dê-me uma boa notícia — pediu Jacomelli assim que viu o perito.

Igor enxugou a testa com as costas da mão depois de olhar para a foto que Hugo havia lhe entregado.

— E aí?

— É ela.

— Puta merda! — Hugo gritou e socou o ar, sentindo seu rosto ficar vermelho. Benjamin não precisava passar por mais essa provação.

De qualquer forma, Jacomelli quis vê-la. Sim, Isabel estava com uma tatuagem em forma de meia-lua no outro ombro. Claro que somente aquilo não a mataria, mas o roxo em volta de seu pescoço, sim.

— Ele a estrangulou?

— Pois é. Esse cara é imprevisível — comentou o perito.

— Nenhuma digital?

— Nem mesmo um pelo ou pedaço de pele. Nada. Veja essa contusão na nuca. — Igor levantou o pescoço da vítima para que o inspetor pudesse ver. — é bem provável que ela estivesse desmaiada quando foi esganada.

Com receio de que Ben soubesse através dos telejornais, pegou o celular e apertou a tecla de discagem rápida. O rapaz atendeu no segundo toque.

— É ela? — perguntou sem ao menos cumprimentar Hugo.

Com a resposta positiva, Benjamin socou a mesa e jogou o celular longe. Das poucas pessoas que estavam no escritório, apenas Caio e Carla acompanharam a cena e correram para segurá-lo quando se aproximou demais da janela.

— Senta! — ordenou a tia. — O que houve?

— É ela — disse o rapaz, olhando para o primo.

Os olhares de Caio e Carla se encontraram e ela entendeu o recado. Como contar para a amiga e sócia? Seria melhor ela contar ou deixar para a polícia?

— Deixe para a polícia — falou Caio, adivinhando os pensamentos da mãe.

— Vamos sair daqui. Ben, acho melhor você não ficar sozinho esta noite. Quer ir lá *pra* casa? — sugeriu Caio.

— Não. A Cecília está grávida e não acho que meu estado seja bom para ela. Vou para o *apê* da minha mãe.

— Vamos. Eu levo você. Mãe, sugiro que fique aqui. A polícia poderá vir a qualquer momento e a Lúcia precisará de ajuda.

Capítulo 25

Hugo e Cristóvão aguardavam o término da necropsia quando o telefone de Jacomelli tocou.

— Novidades? — perguntou ele a Jair Marcondes, o detetive contratado para encontrar Geisa.

— Está hospedada em um hotel na Alemanha. Dali ela controla tanto a Laatste Realiteit quanto a Rood Licht.

— Então ela é a chefona.

— Com certeza. Consegui interceptar uma ligação com um homem no Brasil. Ela não disse nomes, apenas o chamou de B.

— Consegue a extradição dela?

— Estou conversando com a polícia local, que está me ajudando muito. Conversei também com o nosso consulado, tanto na Alemanha quanto na Holanda, e ambos vão me ajudar no caso.

— Ótimo. Aguardo novas informações. Nosso tempo está se esgotando e a minha cabeça está a prêmio.

— Agora estamos perto do fim. Não vou me precipitar para não assustar nossa amiga.

— Certo, Marcondes. Confio em você.

— Vou mantendo contato. Estamos chegando ao fim disso tudo, meu amigo.

Mal ele desligou, ouviu a voz do delegado:

— JACOMELLI! ALMEIDA! NA MINHA SALA, AGORA!

Os dois foram o mais rápido que puderam para a sala do Dr. Raposo, que estava vermelho e bufava.

— O prefeito quer comer meu rabo! E vocês sabem que será o de vocês que eu colocarei na reta, não sabem? — Conforme gritava, ele gesticulava e balançava a cabeça, fazendo com que seus óculos saíssem do prumo.

— Já temos uma pista da Geisa. Agora é questão de dias para tê-la em nossas mãos.



— Hugo, meu irmão pediu para irmos à casa dele, que tem algo importante para falar.

— Ele não adiantou nada?

— Não. Disse que precisava ser pessoalmente. Você pode ir hoje?

— É por uma boa causa. Depois eu me explico. Às oito da noite encontro vocês na casa dele. Pode ser?

— Se preferir, eu pego você na delegacia. É caminho para mim.

— Depois você me deixa aqui?

— Vai passar a noite aí? É imprescindível?

— Preciso encontrar uma solução para esse caso. Nunca levamos tanta lambada de um criminoso.

— Você não respondeu à minha pergunta.

— Amanhã de manhã você me deixa aqui?

— É claro! Vou dar um trato em você que até os seus pensamentos ficarão mais claros.

— Ainda que eu precisasse passar a noite aqui, você acabou de me convencer a não fazê-lo.



Depois que se cumprimentaram, Jacomelli, Eliseu, Luísa e Carla sentaram-se para conversar.

— Hugo, pedi para vir aqui porque, desde que a Diana disse que aquela casa onde passei as férias era a mesma que o Augusto queria comprar, aquilo não saiu da minha cabeça. Eu precisava ver a casa, tirar a prova para saber se era ou não a mesma.

— O meu marido é louco, gente — disse Carla rindo, enquanto entregava uma taça de vinho ao concunhado.

— Como eu disse, precisei tirar a dúvida e entrei em contato com as imobiliárias, mas a casa não estava anunciada em nenhuma delas.

Após tomar um gole de vinho, ele continuou:

— Eu não ia me dar por vencido. Peguei o endereço que a Diana tinha me passado e fui até lá. É claro que não entrei, mas só de vê-la através das grades, uma sensação de nostalgia tomou conta de mim. E eu me vi ainda garoto, brincando de pirata.

— A CASA É A MESMA? — gritou Luísa, com lágrimas nos olhos de emoção.

— Eu tenho tanta certeza de quanto um mais um são dois. É claro que está diferente: não há mais um jardim, mas cimento circundando a casa, porém, a construção está igual. Preocupado em dar um alarme falso, assim que cheguei em casa, comparei as fotos do passado com essas, que tirei com o meu celular e mandei revelar em papel fotográfico.

Eliseu espalhou as fotografias pela mesa. Em duas delas via-se Eliseu e Luísa pequenos ao lado de um cão da raça Dachshund. Nas outras dez, o imóvel como estava agora.

— Parece ser a mesma casa, mas por que é tão importante isso? — perguntou Hugo.

— Está vendo este cordão? — Luísa mostrou o adorno em seu pescoço. — Nós o encontramos nessa casa.

— E ele pertenceu a alguém que foi enterrado ali, pois encontramos um osso. E, segundo a mamãe, devia pertencer a um adolescente ou a uma mulher — continuou Eliseu.

— O cordão estava quebrado, mas o pingente estava inteiro e Eliseu me deu de presente quando me formei. Papai e mamãe não estavam mais vivos e, mesmo que estivessem, provavelmente não se lembrariam do incidente.

— Mas isso não é tudo. Lembram que eu havia comentado que o Augusto não me era estranho? Pois bem, eu me lembrei de onde o conheço.

Fazendo certo mistério, o tenente-coronel tirou da pasta outra foto, na qual se via ele criança, ao lado de um garotinho loiro de olhos azuis.

— Esse olhar… o menino… é o Augusto? — perguntaram os outros três, em uníssono.

— Incrível coincidência, não? Mas isso não é tudo. Ele chegou a me perguntar uma coisa. Vou contar a vocês o diálogo que tivemos.

Eliseu posicionou-se como se estivesse em um palco e passou a encenar:

— Vocês chamaram a polícia? — perguntou o jovem Augusto.

— Meus pais fizeram questão. Tudo isso só porque o Hulk encontrou uns ossinhos no jardim.

— E um colar? Você encontrou?

— Colar? — eu me fiz de desentendido.

— É. Meu tio prometeu dar o colar *pra* mim. Mas ele nunca cumpre o que promete. Eu já devia saber. Mas não conta isso *pra* ninguém. Se ele souber que eu contei *pra* alguém, ele me mata. Você promete?

— Prometo. Vamos jogar bola?

Eliseu parou a interpretação e voltou-se para a plateia.

— E foi isso o que aconteceu.

— E o colar? Não o entregaram à polícia?

— Esse foi o único delito que cometi na vida — comentou Eliseu. — Eu o escondi no meio das minhas coisas e, na confusão, devido à descoberta dos ossos enterrados, ninguém se lembrou dele.

— E quanto a esse diálogo? Você nunca contou a ninguém?

— Não. Acho que deve ter ficado em um esconderijo do cérebro, que só foi aberto por conta da casa. A nossa memória é muito louca.

— Se é. Uma pena que não podemos usar isso, mas podemos tentar descobrir se Augusto tem algo a ver com o Tatuador ou ao menos sabe de algo.

— A pena é que não podem, simplesmente, chamar o cara para depor — comentou Luísa.

— Mas podemos investigar o passado dele. Quem sabe não descobrimos algum podre? Eliseu, obrigado por essas informações. Querida — falou, dirigindo-se a Luísa —, não vou poder ficar. Preciso ver se tiro algo dessa informação.



— Você por aqui a uma hora dessa, Jac? — estranhou o delegado de plantão naquela noite.

— Fazendo umas pesquisas, Dr. Lopes. Surgiu uma nova pista do caso do Tatuador e não posso esperar até amanhã para ver se vale a pena segui-la.

Assim que ligou o computador, seu celular apitou, mostrando que recebera uma mensagem de WhatsApp. Era Diana dando-lhe a informação que pedira.

Hugo digitou o nome "Augusto Britto Monteiro Palhares". Nos arquivos da polícia não havia nada. Nome limpo.

Lembrou-se de Diana comentando que ele tinha um irmão. Digitou, então, somente o sobrenome. Também nada. Nada que desabonasse aquela família, nem mesmo uma multa de trânsito.

Porém, uma coisa não saía de sua cabeça e ele precisava tirar aquilo a limpo. Infelizmente, o adiantado da hora não lhe permitiria.

Viviane acabara de chegar à prefeitura quando o telefone em sua mesa tocou. Já de mau humor àquela hora da manhã, ela atendeu sem vontade. O som de linha veio direto ao seu ouvido e só então percebeu que se tratava da campainha.

— A recepcionista nunca chega na hora e eu sou obrigada a atender a porta! — resmungou.

Os dois policiais que ali estavam encontravam-se com os distintivos em mãos e um mandado. Viviane leu o papel e conduziu os dois ao arquivo de imóveis.

— O arquivista ainda não chegou. Nem eu sei por que cheguei. Bem, já que estão com um mandado, acho que não será um problema, porém, não tenho acesso ao arquivo. Tentarei ajudá-los por aqui.

Viviane digitou alguns dados em seu computador e, quando este retornou a pesquisa, ela voltou a falar:

— Está aqui. Consegui o nome do atual e do antigo proprietário da casa. Quanto à planta, os senhores precisarão esperar o Samuel chegar.

Foi com um sorriso no rosto que Hugo leu os nomes impressos no papel.

— Isso não pode ser mera coincidência. Assim que a Geisa tiver desembarcado, quero ter uma conversa com ela.

— Por que está aqui?

— Para ver se está se comportando.

— Eu prefiro quando me deixa em paz.

— Não posso ficar tanto tempo longe.

— Deveria me deixar para sempre. Eu sou muito mais feliz quando não está por perto.

— Fica mais cruel, isso sim. Além de nada confiável.

— Isso também! E a gostosa? Ah, que corpo… Tão perfeita… Tão cheirosa… Bem que ela poderia ter um defeitinho, nem que fosse um bem pequeno. Mas além de gostosa, é simétrica.

— Sei escolher.

— E deixar escapar também. Bem que eu poderia fazer uma visitinha…

— Não ouse!

— E quem vai me impedir? Eu vou comer e você não poderá fazer nada.

— Deixe-a em paz!

— O que pode fazer contra mim? Você será sempre meu prisioneiro. Agora preciso resolver alguns probleminhas. Mas não se preocupe. Sempre voltarei.

Capítulo 26

— Oi, Diana!

— Ben! Que surpresa encontrá-lo aqui no cinema! Vai assistir a qual filme?

— Nem sei. Na verdade, só não queria ficar sozinho. Toda vez que fecho os olhos, imagens vêm à minha cabeça. E não são nada agradáveis.

— Imagino… Quer ir a outro lugar?

— Você não ia ao cinema?

— Só para não ficar em casa.

— E o Augusto?

— Terminamos.

— Quer dar uma volta na praia?

Como ambos estavam de carro, decidiram deixá-los na garagem do prédio de Benjamin e caminhar duas quadras até a praia.

— Deve estar sendo duro para você, né?! — Diana puxou papo quando chegaram ao calçadão.

— Eu nem posso dizer que seja porque eu amava a Isabel. Eu gostava dela, claro, assim como sei que ela gostava de mim, mas nunca foi amor, sabe? Acho que acabamos namorando por insistência da mãe dela e da minha tia. Mas eu nunca a vi como minha namorada. É horrível falar isso, eu sei, mas… eu precisava pôr para fora.

— Entendo você. Comigo foi assim também. Eu aceitei o convite do Augusto porque uma amiga ficou colocando pilha. Mas eu nunca me senti totalmente na dele. Ele é um cara lindo. Nossa! Aqueles olhos azuis hipnotizantes, o cabelo loiro, o corpo malhado de academia. Mas faltava alguma coisa. Quando saíamos, nunca dávamos as mãos, não havia contato físico em público. Era ele lá e eu cá. Faltava aquele olho no olho, aquela vontade de estar juntos, a saudade quando estávamos separados. Quando estávamos a sós, a gente transava… Era até gostoso, mas eu queria mais do que uma boa transa, sabe como é?

— Sei. Aquele tipo de relacionamento sem cobranças. Os dois estão juntos porque querem, não por insistência de alguém.

— É isso mesmo! Você leu meus pensamentos!

— É bom estar aqui com você. Acho que nunca me senti tão à vontade com uma garota.

— Eu também estou adorando passar a tarde com você.

O vento soprou mais forte e uma chuva tropical começou a cair. Benjamin e Diana deram as mãos e começaram a correr, procurando abrigo. Iam parar sob um quiosque quando a chuva cessou e o sol voltou, leve e faceiro, como se nunca tivesse se escondido atrás da nuvem.

— Se não tivesse acontecido comigo, eu nunca acreditaria! — falou Diana, em meio a risos.

— Você fica ainda mais linda quando sorri.

Benjamin, pegando a moça desprevenida, beijou-a. Ela não se intimidou e correspondeu. Foi um beijo quente, sôfrego. Ambos estavam atrás daquilo e nenhum deles sabia que estava tão perto.

— Eu quis beijar você no primeiro dia que a vi.

— E por que não beijou? — perguntou ela, emaranhando os dedos no cabelo dele e beijando-o mais uma vez.

— Vamos para o meu apartamento? Precisamos tirar essas roupas molhadas ou acabaremos pegando um resfriado.

Abraçados, foram caminhando como namorados.

Logo que Benjamin abriu a porta, eles se abraçaram e tiraram as roupas um do outro, com desejo.

— Você é linda! — disse Ben, beijando-a na boca e conduzindo-a para o quarto.

Ele a deitou na cama e passou a beijar o corpo dela todo. Os lábios alcançaram os seios, depois desceram para a barriga, até chegarem ao pequeno triângulo de pelos. Depois de senti-la estremecer de tesão em sua boca, ele colocou a camisinha e deslizou para dentro dela.

O amor foi gostoso e com total entrega, algo particularmente diferente para os dois, que nunca tinham sentido aquilo tudo antes.

Depois de um banho, uma pizza e de fazerem amor mais duas vezes, Ben a chamou para assistir a um filme na televisão.

— Não posso. Preciso ir embora. Vou estar de plantão amanhã. Mas poderemos nos ver na terça. O que acha? — perguntou ela, vestindo a roupa, que já havia secado.

— Eu ligo para você ou você me liga? — perguntou Ben, terminando de salvar o número dela no celular.

— Quem sentir saudade primeiro, liga.

O telefone de Diana anunciou que havia uma mensagem no WhatsApp. Com receio de ser sobre algum paciente, terminou de fechar a calça e foi até a bolsa. Voltou com um sorriso ao ler a mensagem de Benjamin:

"Estou com saudade."



Benjamin acordou cedo na terça-feira e enviou uma mensagem para Diana, já imaginando que ela não responderia na hora, afinal, havia passado vinte e quatro horas no hospital. Depois, seguiu direto para o aeroporto.

— Boa viagem, mãe — disse Ben, dando um beijo no rosto e um abraço em Luísa.

— Avise-nos quando chegar, querida — falou Hugo, abraçando a namorada e dando-lhe um selinho.

Benjamin e Hugo foram acompanhar Luísa em mais uma de suas viagens a Londres para reuniões periódicas com os acionistas.

— Uma semana?

— Isso mesmo. Dentro de sete ou oito dias estarei de volta. Meu voo chegará lá às cinco horas da manhã, nove horas aqui no Brasil.



Dez horas da manhã do dia seguinte. Benjamin estava impaciente olhando o celular de dois em dois minutos.

— O que houve? Depois da morte da Isabel, você ficou paranoico.

— E não é para ficar? Parece que estão arrancando de mim as mulheres que entram na minha vida.

— Calma, cara! Também não é assim.

— Toda vez que vai a Londres, mal o avião aterrissa, já recebo um WhatsApp ou SMS da minha mãe. Já liguei diversas vezes, mas cai direto na caixa postal.

— Então para de pensar tolices e entra em contato com a companhia aérea. De repente houve um problema e o voo atrasou.

Benjamin nem agradeceu. Procurou o telefone da Air London e ligou.

Uma telefonista com voz mecânica atendeu:

— Air London, em que posso ajudar?

— Gostaria de saber se a senhora Luísa Pessoa, que viajou com vocês ontem, no voo das nove horas da noite, já desembarcou.

— Desculpe, senhor, não podemos dar informações sobre nenhum passageiro por telefone. Mas o voo aterrissou há cerca de duas horas.

Benjamin congelou ao ouvir aquelas palavras.

— Senhor? Está tudo bem? Se desejar, vá ao aeroporto ou a uma de nossas agências munido de documento que comprove o parentesco.

Após socar a mesa, ele se levantou.

— Vou ao aeroporto. Não ficarei tranquilo até saber se minha mãe está bem.

— Mas não deram nem informações sobre o voo?

— Não o bastante. Até mais. Eu mando notícias.



Apesar da hora, o trânsito estava infernal e Benjamin demorou quase o dobro do tempo habitual para chegar ao Aeroporto Internacional. Ao entrar, foi direto ao guichê de informações da Air London.

— Boa tarde. Minha mãe viajou no voo AL 1975 e teria chegado a Londres hoje pela manhã, mas até agora não tive notícias dela. Estou preocupado.

— Calma, senhor. Esse voo sofreu um atraso de duas horas e aterrissou há pouco tempo. Preciso somente dos seus documentos.

— Como assim sofreu um atraso? Falei há uma hora com uma atendente da companhia aérea que disse que o avião havia pousado há duas horas! Três — retificou, ao olhar o relógio.

— Calma, senhor. Talvez tenha sido uma falha de comunicação. Poderia me emprestar um documento que comprove o parentesco?

Benjamin entregou a identidade da OAB, que continha o nome de sua mãe, e ficou aguardando.

— Senhor, acabei de confirmar. Esse voo passou por uma zona de turbulência mesmo e aterrissou há meia hora.

Sem mesmo agradecer ao rapaz, Ben acionou a tecla de discagem rápida para a mãe, mas o telefone continuava caindo direto na caixa postal.

— Poderia me fazer mais um favor?

— Claro, senhor.

— Tem como entrar em contato com a Air London em Londres e pedir que um funcionário entre em contato com a minha mãe e diga se ela está bem? Se o avião aterrissou há meia hora, pode ser que ela ainda esteja por lá.

Com toda a calma que lhe era inerente, o atendente fez o solicitado.

— Senhor. Sua mãe está ao telefone — disse o rapaz, esticando o braço para que Benjamin pudesse pegar o fone.

— Mãe?!

— Eu estou bem, filho, apenas não encontro meu celular. Estou indo para o hotel e de lá eu ligo para você.

— Obrigado — disse Benjamin ao entregar o telefone ao atendente. — E desculpe o meu comportamento.

— Não há o que desculpar.

Apenas quando deixou o guichê da Air London que Benjamin notou que estava com o coração acelerado e com as mãos suando. Precisaria se acalmar para pegar o carro.

Ben sentou-se em uma lanchonete e pediu um café. A bebida amarga e fumegante ajudava-o a se acalmar. Quando estava levando a xícara aos lábios, sentiu o celular vibrar. Depositou a xícara no pires e foi consultar o *smartphone*.

Ao ler o conteúdo, ele foi perdendo a cor, o suor começou a escorrer pelas têmporas e a visão ficou embaçada.

"Isso não vai acabar nunca?", pensou.



Não muito longe dali, Hugo estava enviando uma mensagem para Marcondes, que traria Geisa para o Brasil, quando seu celular tocou.

— Hugo Jacomelli?

— Quem é?

— Meu nome é Jorge e estou falando do Hospital Miguel Arcanjo. Estamos entrando em contato porque a doutora Diana deixou seu contato em caso de emergência.

— Ela está bem? Aconteceu alguma coisa?

— Na verdade, senhor, estou ligando justamente para saber isso. Este é o segundo dia que ela falta e…

— A Diana faltando ao trabalho? Qual foi a última vez que ela foi ao hospital?

— Só um segundo, senhor. Não tenho essa informação.

Hugo esperou, pacientemente, cinco minutos, que pareceram cinco horas.

— Senhor, falando com a minha supervisora, a doutora Diana trabalhou aqui na segunda-feira.

— Obrigado. Caso ela apareça, peça para entrar em contato comigo. Preciso desligar agora. Tenho outra ligação. Não se esqueça. Se ela aparecer, me avise.

Sem esperar resposta, Hugo passou direto para a outra ligação, na qual aparecia a foto de Benjamin.

— Hugo?

— Olá, Ben… jamin. — Por mais que tivesse tido autorização de chamá-lo pelo apelido, ainda se lembrava do primeiro sermão e não se sentia à vontade para fazê-lo.

— Você pode me encontrar agora?

— Onde você está?

— No aeroporto.

— Vai viajar?

— Não. Você pode ou não me encontrar agora?

— Posso. Estou na delegacia. Quer que eu vá até aí?

— Eu ia dizer que seria melhor eu ir até aí, mas minhas pernas estão tremendo. Não sei se conseguirei dirigir. Eu sei que não deveria demonstrar fraqueza…

— Bobagem. Vou pedir para me deixarem aí.

Enquanto aguardava, Benjamin decorava a mensagem. Aquilo estava parecendo um *déjà vu*.

Ele estava terminando a quarta xícara de café quando Hugo chegou.

— O que você tem para me mostrar?

— Aqui não. Eu gostaria de ter ido à delegacia, mas ainda estou com a perna tremendo.

— Você se importa de irmos ao meu apartamento? Preciso verificar uma coisa lá.



O percurso foi feito todo em silêncio. De vez em quando Hugo observava Ben, que ia olhando ora para o celular, ora para a rua. Assim que abriu a porta do apartamento, Hugo soltou:

— Desembucha. O que aconteceu?

— Olha. — Benjamin esticou o braço e entregou o celular para o policial, que leu em voz alta:

"Ben, não sei mais a quem recorrer. Preciso de ajuda. Preciso da SUA ajuda. Estou apavorada. Não sei o que fazer. Acho que tem alguém atrás de mim. Estou com medo. Me ajuda! PS.: Não quero preocupar o meu pai. Diana."

— Essas palavras… Não parecem ser da Diana. Dá a impressão de terem sido escritas por outra pessoa. Sabe, ela é uma menina determinada e destemida. Sempre foi. Desde pequena correu atrás do que queria sem esperar por ninguém. É claro que houve tropeços, mas a minha garotinha não escreveria isso. E por que para você?

— Você acha que isso pode ser uma armadilha?

— Com certeza. Mas também uma boa forma de descobrir quem está por trás disso. Posso estar enganado, mas quem fez isso não acredita que você me procuraria. Ouso dizer que ele segue seus passos. Resta saber por quê.

— Hugo, tem uma coisa que acho que você precisa saber.

Capítulo 27

Diana começou a despertar. Abriu os olhos e não reconheceu o local onde estava. Tentou se mexer, mas pés e mãos encontravam-se atados à cama, além de estar totalmente nua. Sentiu vontade de gritar, mas a mordaça a impediu.

Por mais que tentasse, não conseguia lembrar-se de como chegara ali, nem quando. A última coisa de que se lembrava era de uma discussão com Augusto.

"Você está me dando o fora, Diana?"

"Augusto, pensamos de modo diferente, queremos coisas diferentes. Nunca vai dar certo."

"Eu… eu nunca levei um fora na vida… Isso é tão… estranho."

"Desculpa. Eu gostaria que tivesse dado certo…"

"Quem é ele?"

"Ele quem?"

"Por quem você está me trocando?"

"Não tem ninguém, só não está dando certo. Jamais seríamos felizes juntos."

"Então um chope. Um último chope."

"Certo, mas eu vou no meu carro."

"Vamos no meu. Depois deixo você aqui."

"Não. Cada um no seu carro."

"Mulher minha não anda solta."

"É por isso que nunca daria certo. Além disso, não sou sua mulher."

Ele fechou a cara, entrou em seu carro e bateu a porta com força. Mandou que ela seguisse na frente. Quando pararam em um sinal de trânsito, ele fechou o carro dela e pediu que estacionasse. Antes que ela pudesse ligar o GPS, ele abriu a porta do carro dela, impossibilitando-a de fazer qualquer coisa além de deixar o automóvel.

Eles pararam em um bar no Recreio que Diana não conhecia e que estava estranhamente vazio àquela hora da noite.

"Duas cervejas", pediu Augusto.

"Não vou beber muito. Não gosto de beber e dirigir."

"Você é certinha demais. Tem que se soltar às vezes. Vem cá e me dá um beijo."

"Para com isso! Se eu soubesse que você ia forçar algo, nem teria vindo. Na verdade, já estou arrependida."

A lembrança terminava ali. E ela acordara naquele lugar, nua, amarrada e amordaçada. A cabeça doía. Não havia janelas. Impossível saber se era dia ou noite.

A sensação de estar sem roupa, com as pernas abertas e em um local estranho a deixava ainda mais desconfortável. Tentou se mexer novamente, porém, quanto mais forçava os pulsos, mais as algemas plásticas os cortavam. Sentiu uma dor no braço e só então notou o soro.

"Há quanto tempo estou aqui?", pensou.

Tornou a tentar gritar, mas a voz ficou presa no pano que tapava sua boca. Aquela tensão toda começou a reduzir o ar que entrava em seus pulmões. Imaginando ter sido deixada ali para morrer, começou a chorar.

O barulho da porta sendo destrancada a deixou mais nervosa.

— Ora, ora! A minha potranquinha acordou! Hummmm, a visão daqui é tão espetacular! Vou tirar uma foto para você ver.

Aquelas palavras a deixaram ainda mais desconfortável e envergonhada.

Depois do clique, ele olhou para o celular.

— Veja e me diga se não é maravilhosa? — disse ele, mostrando a imagem para ela. — Se eu tirar a mordaça, você promete não gritar?

Ela mexeu a cabeça positivamente.

Ele deitou-se sobre ela, tirou a mordaça e enfiou a língua na boca de Diana.

— Precisamos dar um jeito de escovar seus dentinhos. Prefiro você com gosto de hortelã.

— Por que você está fazendo isso comigo, Augusto?

— Dá para parar de me chamar assim?

— Ok. Chamo de quê? Louco? Sequestrador?

— Shiiii — chiou ele, pondo o indicador nos lábios, pedindo silêncio. — Se continuar com isso, vou colocar a mordaça novamente.

Diana ficou quieta por dois segundos.

— Por que eu estou aqui? Por que me deixar assim? Eu não tenho como fugir. Deixe, pelo menos, eu vestir alguma coisa.

— Vou pegar alguma coisa para você comer. Não saia daí — disse ele, ignorando o pedido dela e sorrindo enquanto fechava a porta.

Pelo celular, que transmitia as imagens da câmera, via todas as expressões dela, que contorcia o rosto, fazendo careta de dor.

Não se passaram nem dez minutos e ele voltou.

— Trouxe um mingau e um pouco de água. Você está bastante debilitada depois de duas noites aqui.

— Duas noites? Que dia é hoje?

— Quinta. Mas ainda é de tarde. Você demorou a acordar.

— Agora que despertei pode retirar esse acesso do meu braço.

— Esqueci que você é médica e entende dessas coisas. Se for uma menina obediente, talvez eu a desamarre. Por enquanto, deixarei seus braços livres para que possa se sentar.

Depois de retirar o acesso venoso, ele cortou as duas algemas e imediatamente ela pôs as mãos nos pulsos para aliviar a pressão e sentir o sangue voltar a correr normalmente.

— Sente-se — ordenou.

Diana obedeceu e aproveitou para deslizar na cama, dobrando os joelhos.

— Preciso ir ao banheiro. Estou apertada.

— Pode fazer aqui. — Ele tirou, de sob a cama, uma comadre. — Levante um pouco essa bundinha e faça o que tiver vontade.

— Vai ficar olhando para mim?

Ele riu de forma irônica e virou-se de costas, sempre olhando a câmera através do celular.

Após retirar a comadre e deixá-la no chão, ele voltou a prender os pulsos dela, dessa vez, um no outro.

— Como vou comer assim?

— Eu darei na sua boca. E olha como sou bonzinho!

Ele pegou uma almofada triangular, usada para encosto, e colocou-a atrás de Diana, na qual ela se escorou, e deu-lhe de comer.

— Pronto, agora que acabou de comer, é a minha vez.

Ele a deitou na posição inicial, tirou a própria roupa e a violentou. Assim como fizera nas noites em que a médica estivera sob o efeito de sedativos, que

lhe causaram amnésia, ele transou com ela, tendo sempre o cuidado de pôr preservativo.

Depois que gozou, ele abriu a vagina dela e ficou estimulando o clitóris com a língua e penetrando-a com os dedos. Sua intenção era clara: fazê-la gozar. Diana apenas chorava, querendo que aquela tortura terminasse o quanto antes.

— Por quê, Augusto?

— EU JÁ FALEI PARA VOCÊ PARAR DE ME CHAMAR ASSIM!

Diana soluçava, com medo dele e também com receio do que poderia acontecer a ela.

— Porra, mulher! — disse ele, totalmente irritado. — Eu trato você da melhor forma, dou comida na boca, dou prazer e você se comporta dessa maneira? Quanta ingratidão! Eu até cheguei a cogitar a hipótese de emprestar um lençol para você, mas diante de tanta frigidez, você não está merecendo. Mais tarde eu volto para ver se você está mais calminha e pronta para gemer para mim.

Antes de sair, deu um beijo na boca de Diana.

— E, da próxima vez, não vou me esquecer de trazer a pasta de dentes.



Benjamin, ainda sonolento, apesar da ducha fria, tomava seu café da manhã quando Márcio Brito, âncora do Jornal da Manhã, fez com que o jovem advogado despertasse totalmente:

"Pedro Santos, alguma novidade sobre a vítima?"

Ele repousou a xícara no pires, porque a mão tremia tanto que o mínimo que aconteceria seria a toalha manchar, e ficou prestando atenção ao repórter.

"Bom dia, Márcio. Infelizmente, mais uma vítima do Tatuador foi encontrada. Dessa vez, no Caminho do Bem-te-vi, um local muito utilizado para caminhadas, localizado na Praia Vermelha. As autoridades suspeitam que houve a tentativa de atirar o corpo no mar, mas ele parou nas pedras. Voltaremos mais tarde com outras informações. É com você, Márcio."

A imagem do repórter sumiu e Márcio Brito falou para Lúcio Pontes, o outro âncora:

"Até quando esse monstro ficará à solta? A população está apavorada."

"Precisamos de uma solução urgente para o caso.", comentou Lúcio.

"Mas você viu que vai chover hoje?"

Assim que Márcio puxou o gancho para a meteorologia, Benjamin desligou a TV e telefonou imediatamente para Diana, cujo telefone só caía na caixa postal desde domingo, quando se falaram assim que ela chegou em casa.

Depois disso, engoliu o orgulho e ligou para Hugo. A preocupação era que a garota ali fosse Diana.



— Jac, o juiz acabou de expedir o mandado de busca e apreensão que você pediu — falou Almeida.

— Então vamos lá agora!

— Não dá. O Marcondes ligou neste minuto dizendo que já desembarcou e está vindo para cá com a Geisa.

— Puta merda. Vamos nos dividir? Você vai até a casa e eu fico interrogando ela?

— Pode ser. Vou chamar o Soares para ir comigo.

— Ninguém vai a lugar algum — falou o delegado, chegando de supetão. — Eu quero os dois aqui interrogando essa mulher. Mandem qualquer garoto vasculhar a casa. Se ele encontrar algo interessante, nos avisará, ok?

— O senhor é quem manda — respondeu Hugo.

— Podem ajeitar a sala de interrogatório. E sugiro pedir quentinha para o almoço. O Marcondes disse que ela não abriu a boca durante todo o voo. A mulher é dura na queda. Vocês terão bastante trabalho.



— Alô, Hugo?

— Olá, Benjamin! Tudo certo?

— Acabei de ouvir no noticiário sobre uma mulher encontrada na Praia Vermelha…

— A perícia já foi *pra* lá. Eu não poderei sair daqui, pelo menos não agora.

— Quando tiver qualquer notícia, me avisa?

— Pode deixar. Peço o mesmo a você.

— Sem problema. Vamos nos falando. Até mais.

— Um abraço.



Geisa entrou na delegacia com ar de superioridade. Usava um *tailleur* grafite, nos pés, um par de *scarpins* Louboutin, uma bolsa Channel e óculos de sol Ray-Ban.

Não havia nada contra ela (ainda), pelo menos no que dizia respeito às diversas mortes, porém Marcondes só conseguiu trazê-la para o Brasil por ter descoberto um esquema relacionado à prostituição que incluía suspeita de pedofilia. Com isso, o consulado achou melhor que ela viesse para o Brasil, pois, caso a suspeita se confirmasse, ela poderia ter uma pena mais branda se não estivesse no país europeu.

— Senhora Geisa, precisamos saber qual a sua real relação com Lia Amorim e Luana Amorim.

Ela se manteve calada, o olhar reto para a parede.

— O que a senhora sabe sobre a morte de Lia? E sobre o corpo encontrado na casa dela?

Silêncio.

— Você tem algo a ver com essas mortes? A MINHA FILHA ESTÁ DESAPARECIDA! EU… FALE ALGUMA COISA!

— Calma, Jac. Vá beber uma água — aconselhou Cristóvão.

Quando Hugo ia pôr a mão na maçaneta para sair, Geisa falou.

— A sua filha é perfeita?

— O quê? — Virou-se para ela.

— A sua filha é simétrica? É perfeita? Tem algo nela que não seja totalmente proporcional? Há alguma coisa que tire a harmonia no rosto ou no corpo?

— Do que você está falando?

— Vocês que são da polícia não sabem? Todos os jornais falam que as moças tiveram um retalho para ficarem proporcionais.

— O que você sabe sobre isso? — Essa característica do assassino não havia sido revelada pelas autoridades. Justamente por isso aquela informação chamou a atenção de Hugo. — Você sabe quem faz isso? Quem é o homem dos vídeos?

— Eu quero a minha advogada! Onde ela está? — dirigiu a pergunta a Marcondes.

— Ela disse que estava a caminho.

— Não falo mais nada antes dela chegar.

Nesse instante, ouviram uma batida na porta.

— Jac, a advogada acabou de chegar.

— Pode pedir para ela entrar.

— Bom dia, senhores. Meu nome é Janaína Cruz.

— Quem é você? — perguntou Geisa. — Onde está a Lúcia Muniz?

— A senhora me desculpe, mas a Dra. Lúcia não está advogando no momento, devido ao luto.

— Ora, faça-me o favor. Como se ela fosse a única pessoa do mundo a perder alguém.

Hugo e Cristóvão se entreolharam, não acreditando em tamanha frieza.

— Você conhece algo de direito ou é uma estagiariazinha?

— Sim, tenho conhecimento, mas, se a senhora preferir, pode ficar à vontade para escolher outro advogado ou mesmo recorrer à defensoria pública. — Janaína falava aquilo tudo de maneira tranquila e num tom de voz bastante baixo, apesar de firme.

— Não, tudo bem. Pode ficar. Melhor você do que esse governo que de nada serve. É que já estou acostumada com o trabalho da Lúcia.

Mais uma vez os policiais se entreolharam. Em que outros casos Lúcia já havia trabalhado para Geisa? E há quanto tempo se conheciam?

— Dra. Janaína, a senhora está a par da situação? — perguntou Hugo.

— Estou, detetive. Por mais que eu não estivesse à frente dos casos da dona Geisa, eu ficava nos bastidores para a Dra. Lúcia, ajudando-a com os processos.

— Agora que a sua advogada está aqui, vou perguntar novamente; vamos começar pelos vídeos. Quem é o homem de malha que violentou Luana?

Geisa manteve-se muda.

— Detetives, os senhores sabem que ela não é obrigada a falar. Portanto, posso ter um minuto a sós com a minha cliente? Quem sabe não consigo ajudá-los?

— Claro, doutora.

Hugo, Cristóvão e Marcondes saíram da sala para que elas pudessem conversar.

Quando se viu sozinha com a cliente, Janaína pôs-se a conversar com ela:

— Dona Geisa, a senhora não é obrigada a dizer nada, porém, quanto mais falar, menos ficarão no seu pé. É claro que a senhora sabe o motivo de a Dra. Lúcia não estar sentada nesta cadeira.

— Não, não sei. Mas se você quiser passar de advogada de defesa para acusação, pode se retirar.

— Eu estou aqui para defendê-la, mas preciso que seja totalmente franca comigo. Se eu descobrir algo no meio do processo, entregarei à promotoria e deixarei o caso. Aqui está o contrato. Leia e assine, ou não. No segundo caso, sairei daqui e a senhora poderá procurar outro advogado ou utilizar a defensoria pública. A escolha é sua.

— Não entendo por que está falando de modo tão acusatório comigo.

— Estou falando de modo profissional. Não faço caridade. Isso é meu emprego, meu ganha-pão.

— Vou ler.

O contrato era normal, como tantos outros que Geisa já havia assinado. E tinha a cláusula que a advogada comentara. Depois de ler três vezes, assinou.

— Você pretende falar agora ou apenas em juízo?

— O que eu ganho se falar agora?

— Podemos tentar uma redução de pena por confissão e por ajudar a justiça.

— Ok. Mande-os entrar.



— Que merda você foi fazer? — perguntava ele olhando para seu reflexo no espelho. — Diana é perfeita, totalmente simétrica. Seus olhos azuis

contrastando com os cabelos escuros e cacheados. Cachos também simétricos. Não tem uma pinta fora do lugar. Os peitos... Ah, os peitos! São perfeitos. A boceta molhada e gostosa. A bunda. PORRA!

A raiva foi tanta que socou o espelho, quebrando-o e cortando a mão. O sangue escorria, formando uma poça vermelha no chão. Analisou o corte e verificou que era profundo. Precisaria de cuidados médicos ou ir a um hospital.

Enrolou a mão com uma camiseta limpa, pegou a maleta e foi para o porão, onde Diana era mantida prisioneira.

— Preciso da sua ajuda — falou, erguendo a mão e mostrando a camiseta ensanguentada.

Ele soltou os braços dela, mas manteve os pés presos à cama.

— É sério que você me manterá assim? Não sou cirurgiã. O que sei de sutura aprendi na faculdade. Se me mantiver assim, posso pegar algum nervo e comprometer a sua vida como médico. Se é que ainda terá alguma. — A última frase ela falou tão baixo que ele não escutou (ou fingiu não ter escutado).

Como que obedecendo, ele desamarrou os pés dela.

Agora dê-me uma roupa. Pode até ser a sua camiseta.

Diana sentia que, pelo menos naquele momento, estava no controle da situação. Ela tinha que tirar proveito daquilo.

Após se vestir e lavar as mãos no pequeno lavatório, foi olhar melhor o corte.

— Como se cortou? Vai precisar de anestesia.

— Não precisa de anestésico. Eu aguento algumas agulhadas.

— Não são algumas agulhadas. O corte está profundo. Você acabará… Ah, você quem sabe. — Preferiu não completar o pensamento. Se ele desmaiasse, seria a sua chance de fugir.

— CUIDADO, VADIA! — reclamou e deu um tapa no rosto dela.

— Eu falei que ia doer. E se me bater de novo, não vou costurar droga de mão nenhuma e você terá que procurar um hospital.

Estranhamente, ele se encolheu.

— Deixa eu dar uma anestesia — insistiu ela.

— Este. — Ele entregou um pequeno frasco de anestésico. Ele não sentiria dor enquanto estivesse ali, mas também não ficaria debilitado. Seria praticamente impossível fugir. Ela precisava dar um jeito.

A sutura foi feita de forma calma e precisa.

— Bom trabalho! Você é mesmo boa médica. Por ter sido uma boa menina, eu a deixarei com a camiseta. Agora deite-se.

— Deixe-me ir ao banheiro. Há dias que não evacuo. Vou acabar tendo um fecaloma[5].

— Vá. Mas não demore.

— Agora você vai controlar também o tempo que vou ao banheiro?

Diana dirigiu-se ao lavabo sem olhar para trás. Assim que fechou a porta do pequeno sanitário, abriu a mão, onde havia escondido a lâmina do bisturi que pegara na maleta. Restava dar um jeito de conseguir usá-la.

Para não levantar suspeitas, ela fez uma pequena abertura na barra da camiseta, mas grande o suficiente para esconder e camuflar a lâmina.

Assim que saiu do lavabo, aproximou-se do ex-namorado.

— Augusto, me deixa tomar um banho. Por favor. Estou imunda.

— Você foi muito boazinha. Vou dar esse prêmio a você.

Diana vibrou. Essa seria a sua chance. Ali no porão não havia chuveiro. Ele teria de levá-la para cima.

Ela entrou no banheiro e abriu o chuveiro. Olhou para todos os cantos à procura de câmeras. Aparentemente, aquele cômodo não era monitorado.

"Será que terei tempo de tomar um banho?", pensou. "Preciso de um. Nem que seja rápido, pois me ajudará a recobrar as energias".

De dentro do chuveiro, ficou observando os objetos do banheiro. O vaso de metal com violetas de plástico serviria. Teria de servir.

Saiu do chuveiro sem fechar a água. Pegou uma toalha de rosto que tinha ali, enxugou-se de qualquer jeito, vestiu a camiseta e pegou o vaso. Rezando para seu plano dar certo, fechou o chuveiro e gritou lá de dentro:

— Augusto, pode me trazer uma toalha?

Quando ele abriu a porta, Diana bateu o vaso na testa dele. Desprevenido, escorregou no piso molhado e caiu. Aproveitando que ele estava atordoado, pulou por cima dele e ganhou o corredor.

Não chegou a dar três passos quando sentiu uma mão segurando seu tornozelo.

— Aonde pensa que vai?

---

[5] Fezes solidificadas que formam um bolo duro que acaba por obstruir o reto ou o intestino grosso, cuja função é a absorção de líquidos do bolo fecal. Quando o trânsito do cólon está muito lento, o bolo permanece bastante tempo ali, desidratando-se e aglutinando-se na forma de fecaloma.

Capítulo 28

Devido ao puxão, Diana caiu. Por reflexo, aparou a queda com as mãos e sentiu imediatamente o estalo no pulso. A adrenalina corria solta em seu corpo e a vontade de sair dali e se livrar daquele louco era tanta, que não pensou direito, apenas agiu.

Com o pé livre, deu um chute na mão dele que, recém-costurada, latejou de dor e ele foi obrigado a abrir os dedos quando uma pequena poça de sangue começou a se formar no assoalho.

A médica levantou-se e foi até a sala. Havia ido àquela casa uma única vez, mas tinha memória fotográfica e lembrava-se do lugar onde Augusto guardava as chaves. Precisava agir rápido. Logo ele estaria em seu encalço.

Vestida com apenas uma camiseta, Diana saiu da casa e olhou para a rua totalmente deserta. Não tinha ideia de que horas eram. A lua e as estrelas enfeitavam o céu escuro. A rua era pouco iluminada e, para piorar, três postes estavam com as lâmpadas queimadas.

Escolheu uma direção a esmo e desatou a correr. De vez em quando olhava para trás a fim de saber se via Augusto.

Estava se sentindo em uma cidade fantasma. As poucas casas da rua estavam com as luzes apagadas, deixando-a na penumbra e sendo obrigada a fugir às cegas. Nem mesmo um latido de cachorro para se orientar. Apenas os grilos, com seu cricrilar irritante, acompanhavam-na.

Quando achou que tinha se afastado o suficiente, parou um pouco para recuperar o fôlego. Foi quando percebeu que suas pernas tremiam.

Ao longe, viu os faróis de um carro e sorriu. Estava salva.

O farol alto não a deixava enxergar. O medo voltou a consumir seu corpo quando reconheceu a SUV de Augusto. Apavorada, passou por baixo da cerca que a separava de uma das casas da rua e foi atrás de ajuda.

Correu e bateu na porta. Atrás de si, ouvia o ronco do motor. Se ele tentasse atravessar a cerca, ela não resistiria.



— Não adianta, cara! Ela não vai abrir a boca. Estamos aqui há horas e ela mal abriu a boca para beber água.

— E se a deixássemos em uma cela por algum tempo? — sugeriu Milton, um novato que fora transferido para a Homicídios há duas semanas.

— Está louco? Qual a alegação? Se não tivermos um bom motivo, isso nos renderá um belo de um processo — comentou Hugo.

— Achei que pudesse ajudá-la a falar.

— Talvez em filmes, aqui, nós que iremos presos. Mas podemos deixá-la um tempo aí dentro pensando.

Como se os estivesse escutado, Clóvis chamou os detetives.

— Milton, fique de olho. Talvez a senhora Geisa precise pensar mais.

Jacomelli e Almeida saíram e foram à sala do médico.

— Jac, preciso que vejam esses laudos das autópsias de Luana e Lia Muniz.

Os policiais começaram a ler o laudo.

— Terminaram?

Com a confirmação, o médico entregou-lhes outros laudos, inclusive o de Elisabeth Bicalho e de Isabel Amorim.

Quando os dois demonstraram ter acabado, Clóvis perguntou:

— O que acharam?

— Não somos nós que precisamos responder a essa pergunta, e sim, você. Quando percebeu isso?

— Na verdade, eu não havia me atentado para esse detalhe. Hoje, relendo os laudos, que percebi e vim aqui falar com vocês. O que acham?

— Com certeza Lia e Luana foram queima de arquivo. Elas provavelmente sabiam muito sobre ele.

— Sobre o que estão falando? — perguntou Marcondes, que acabava de se juntar a eles.

— Sobre a necrofilia das vítimas do Tatuador.

— O monstro ainda estupra os cadáveres! — indignou-se Hugo.

— Ele geralmente não enterra as vítimas. Só naquele caso da Floresta da Tijuca, mas nada liga a ele — comentou Cristóvão.

— Não, mas usa os corpos depois da "festa". O cara é sádico — disse Hugo.

— E ainda não temos nada? — perguntou Clóvis. — Ao menos ela confirmou algum envolvimento com o caso?

— Ela não abre a boca. Estou vendo que vamos ter que… Como sou burro! A empregada e o motorista dela! Precisamos tirar algo deles. Um nome, qualquer coisa. Assim teremos como colocá-la contra a parede. Cris, qual é mesmo o nome deles?

Cristóvão tirou um pequeno bloco do bolso e falou:

— Janine e Josué. Não vamos colocá-los diante dessa mulher, né?!

— De jeito nenhum. Se o fizermos, eles não falarão nada e ela sairá triunfante.

— Beto. Esse é o nome do amante da Geisa, segundo a Janine — comentou Cristóvão, desligando o telefone.

— Será o mesmo das fitas? A gente tem que fazer essa mulher falar. Acabou o recreio. Vamos voltar.



Após passar por baixo da cerca e correr o mais rápido que podia, Diana primeiro bateu na porta com o nó dos dedos. Quando eles começaram a doer, passou a esmurrar a madeira com a palma das mãos, sem nem se tocar de que havia uma campainha a poucos centímetros de seu rosto.

Ela sentia que estava há horas ali e resolveu apelar:

— SOCORRO! — gritou, apesar da sua voz ter sido encoberta pelo barulho do motor.

Um rapaz com cara de sono e olhos assustados abriu a porta e a médica se jogou em seus braços.

— Eu estou sendo perseguida! — Ela conseguiu proferir apenas essas palavras antes de suas pernas perderem completamente a força e ele precisar escorá-la.

O rapaz a puxou para dentro e a sentou no sofá. Quando estava se ajeitando, Diana viu uma senhora bastante idosa com uma espingarda na mão, apontando para a porta.

— O carro. Ele está me perseguindo. Fui sequestrada! — As palavras saíram entre soluços e lágrimas.

Ao ouvir aquilo, a idosa foi até a porta, atirou e eles puderam ouvir um estrondo e, depois, um som de derrapagem.

O barulho da porta de um carro sendo fechada fez com que o corpo de Diana se retesasse. A idosa armou novamente a espingarda e deu outro tiro.

Silêncio.

A pequena senhora entrou e falou:

— Acho que ele não nos incomodará mais. Leo, ligue para a polícia.

— Meu pai é da polícia — Diana conseguiu dizer, após receber o copo d'água que o rapaz lhe entregara. — Hugo Jacomelli.

— Fique calma, criança. Vou pegar uma roupa para você — disse a mulher, subindo a escada enquanto o rapaz ia ao outro cômodo fazer a ligação.

Diana se viu sozinha na sala e só notou que não ouvia mais o carro quando escutou passos se aproximando.

— Eu me chamo Elvira — disse a idosa, entregando um conjunto de moletom para Diana. — Está com fome?

— Moça! — chamou Leo. — Qual o número da delegacia do seu pai?

— Número? Não sei. É a Divisão de Homicídios.

Leo repetiu o que Diana havia dito.

— A atendente disse que passará a informação, mas não pode transferir para lá — disse Leo, tampando o bocal com a mão.

— Senhor, posso ajudá-lo em mais alguma coisa? — perguntou a atendente.

Leo explicou o que estava acontecendo e deu os números de telefone e celular para onde poderiam ligar.

Depois de desligar, ele virou-se para Diana.

— Pode me passar o número do celular dele?

— Alô? — atendeu Benjamin.

— Você é o pai da Diana? — perguntou Leo, estranhando a voz jovem.

— Diana? Não. Não sou o pai. Sou o… Quem é você?

Leo não falou mais nada, apenas esticou o fio para que o fone chegasse até Diana.

— Pai?

— Diana? É o Ben. Você está legal? Onde você está?

— Ben? Mas… Nossa… Eu dei o seu telefone em vez do número do meu pai?

— Onde você está? Já avisou a polícia? Me passa o endereço. Eu vou até aí, ou aviso a polícia, ou sei lá, os dois.

Chorando, Diana devolveu o telefone para que o rapaz pudesse dar o endereço.

Vinte minutos depois, Benjamin chegou ao endereço informado por Leo.

A luz acesa acusava a presença de pessoas.

Ben bateu na porta ao mesmo tempo em que recebeu uma mensagem pelo WhatsApp. Antes mesmo de ler, algo bateu em sua nuca e ele caiu desmaiado.

O homem pegou o celular e leu a mensagem de Eliseu:

"Ben, esse é o endereço da casa onde sua mãe e eu passamos as férias. Não vá. Precisamos chamar a polícia."

Pensou em destruir o aparelho, mas mudou de ideia. Em vez disso, resolveu responder à mensagem:

"Já estou aqui. Está tudo limpo. Pode vim."



— Inspetor, ligação para o senhor — comentou o soldado, apenas colocando a cabeça dentro da sala de interrogatório. — O telefonema é na sala do Dr. Raposo — informou quando Hugo saiu.

Estranhando, Jacomelli foi rapidamente para lá. O delegado nunca chamava para atender a uma ligação na sala dele. A não ser que fosse algo muito grave.

Ao entrar na sala, o delegado já o esperava com o fone na mão.

— Jacomelli — atendeu.

Conforme ia ouvindo o que a outra pessoa falava, ia ficando pálido e suando frio.

— Pode me dar meia hora? É fundamental. Já retorno para você.

Assim que desligou, dirigiu-se a Raposo:

— Chefe, vou dar um jeito de tirar tudo daquela mulher.

— O que o tenente-coronel queria?

— Ele falou que meus filhos correm perigo. Os dois. De uma só vez.

— Para onde devo enviar as patrulhas até você poder ir ao local?



— Dona Geisa, cansei — disse Hugo ao voltar para a sala de interrogatório. — Quem é o homem que, junto com a senhora, violentou Luana?

Silêncio.

— O juiz já autorizou a sua prisão, caso não nos ajude com este caso. — Ele jogou um verde. Quem sabe se ela acreditasse? — A senhora tem cinco minutos para falar. — Olhou para o relógio. — O tempo está passando.

Hugo apoiou as mãos na mesa e ficou olhando diretamente para os olhos da mulher. Geisa tentava desviar o olhar, mexia as mãos, ajeitava a saia, e o detetive nem piscava.

A advogada falou algo no ouvido dela.

— Está bem — disse, por fim. — Eu vou contar tudo, mas quero aguardar o julgamento em liberdade.

— Acho que poderemos tentar um acordo. Tudo vai depender do que nos contar.

Capítulo 29

"Ai, minha cabeça", pensou Benjamin ao despertar.

Ao abrir os olhos definitivamente, depois de tê-los piscado por quase um minuto, ficou observando aquele pequeno cômodo, mobiliado com uma cama com armação de ferro. Tentou se mexer, mas estava amarrado a uma cadeira. Tentou forçar, mas as cordas estavam muito apertadas e os pulsos e os tornozelos estavam presos com algemas plásticas.

A vontade era de gritar, mas não queria alarmar o sequestrador. Havia entrado de gaiato naquele lugar, agora precisava sair sozinho. A voz da mãe não parava de martelar na sua cabeça: "Menino! Não vá se meter em confusão!"

Luísa estar em Londres era algo que o tranquilizava. Se ela soubesse que ele estava correndo risco de morte, talvez tivesse um colapso nervoso.

"E o Hugo?", pensou. "Eu devia ter falado com ele. Porra. O cara queria se aproximar e eu, feito um mané, fiz jogo duro. Não posso perder a chance de ter o meu pai ao meu lado. O MEU pai! Eu cresci com substitutos e quando tive a oportunidade de tê-lo ao meu ao lado, joguei fora. Não. Eu vou sair daqui. Por mim. Por ele. Por nós."

Benjamin se mexeu para tentar ficar um pouco mais confortável, mas somente conseguiu o contrário.

"E a Diana? Vim aqui atrás dela. Onde será que ela está? Será que o cara me deu o endereço errado? Será que está mancomunado com o sequestrador? E quem me sequestrou? Será o Tatuador? Ele não mata homens. Se for assim, ainda tenho alguma chance. Preciso sair daqui."

— Por que ele está demorando tanto? Leo, pode tentar ligar para o Ben de novo? — pediu Diana.

— Já liguei duas vezes. Cai direto na caixa postal.

— Desculpe perguntar novamente, mas você deu o endereço certo?

— Sim! Estrada das Lágrimas, 353.

— Calma, criança. Ele já vai chegar. Você não quer mesmo comer alguma coisa? — perguntou Elvira.



— Eliseu? É o Hugo — falou quando o cunhado atendeu a ligação.

— Salve. Estou na frente do endereço.

— Estrada das lágrimas 535?

— Isso mesmo. Estou chegando com mais cinco homens.

— Ótimo, cara.

— Algum sinal deles?

— A casa está totalmente escura e sem sinal de movimento. Parece que não tem ninguém lá dentro.



Quando Jacomelli chegou com sua equipe, Eliseu comentou que já tinha dado uma volta na casa, mas não tinha visto nada, inclusive, estava estranhando o demasiado silêncio.

— Estou com raiva de mim. Eu devia ter alertado o Ben logo, mas não tinha notado o endereço. Só depois que me dei conta.

— E como sabe que não foi ele que respondeu?

— Pelo erro gramatical. Benjamin é muito chato com isso, vive consertando todo mundo, chega a ser irritante. Jamais trocaria um "vir" por "vim".

— Então nosso garoto corre perigo?

— Provavelmente, sim.

— E a Diana? Será que também está aqui dentro?

— Esqueci de falar para você. Nós a encontramos. Ela está a salvo na casa 353 desta mesma rua. O Cristóvão e mais dois policiais foram até lá.

— Então Ben confundiu os números?

— E que coincidência infernal!

— Agora vamos parar de papear. Precisamos salvar o meu sobrinho, o seu filho. Vamos cercar a casa. Se o cara estiver aí dentro, nós o pegaremos.

— Mas precisamos ter cuidado. Não podemos pôr a vida do Benjamin em risco.

A casa foi cercada. Cada homem posicionou-se conforme as ordens do Inspetor. Eliseu ficou de olho para comunicar qualquer aproximação estranha.



Benjamin tentava afrouxar as cordas, mas as algemas o impediam. Sentia a boca ressequida e tentou umedecê-la com a língua que, de tão seca, grudou nos lábios.

A porta foi aberta de supetão. Benjamin arregalou os olhos ao reconhecer seu algoz. Sentiu um frio na barriga de nervoso. Jamais imaginou que Augusto seria um assassino. Um misto de raiva e de medo passou a consumi-lo ao se dar conta de que aquele homem que se encontrava na sua frente, com um bisturi, havia matado duas, e talvez três, mulheres importantes na sua vida.

Benjamin olhou para seu bíceps descoberto e viu a balança da justiça tatuada. Começou a suar frio. O cara era louco e não hesitaria em machucá-lo ou matá-lo, independentemente de ser homem ou mulher.

— Não precisa se assustar. Sou um bom cirurgião, apesar dessas lesões. — Só então notou que ele tinha a mão direita e o braço esquerdo enfaixados. — Apenas não garanto que a balança ficará tão perfeita no seu braço esquerdo. Ah, e pode ficar tranquilo. Não vou macular seu cadáver. Detesto bunda peluda.

O suor começou a escorrer pela testa de Benjamin. O fluido corporal salgado atingiu seus olhos, fazendo com que ardessem e ficassem vermelhos. Era seu fim. Seria seu fim. Queria lutar, mas como? O covarde não lhe daria a chance de uma batalha limpa. Ele o mataria.

Augusto deu três passos, segurou o braço do rapaz e começou a retalhar o bíceps esquerdo dele.

— Fique quieto, seu merda!

Ben retesou-se com a bronca. Não teria mais jeito. Ele só desejava que o tio tivesse recebido a mensagem.

UM TIRO. Silêncio. De repente, OUTRO TIRO. Depois OUTRO TIRO. TIRO. TIRO.

Seu coração passou a bater descompassadamente, dessa vez, de alívio. Ele sairia vivo dali. Ou não?

Benjamin olhou para seu ventre, de onde o sangue escorria rapidamente. A dor lancinante não o estava deixando ficar acordado.

Sua vida começou a passar como um filme em sua mente. Depois, as pessoas que lhe eram importantes: a mãe, o tio, Caio, Cecília, o seu futuro afilhado, que nem sequer conheceria, Hugo… não... seu pai, e, por fim, Diana. Gostaria de ter vivido algo com ela. Um namoro, talvez. Os pais teriam aprovado.

Os tiros cessaram. Sentiu um alívio. De repente, viu a maçaneta na porta sendo forçada. Estava trancada. Sentiu a cadeira sendo girada e ficando de frente para a porta. Sentiu a lâmina fria do bisturi encostar na garganta. Um barulho. Mais tiros. Fechou os olhos. Precisava se manter acordado. Não. Não queria morrer. Um último tiro. Seu fim. Era seu fim.

Capítulo 30

— Benjamin! Benjamin! Você está bem?

Abriu os olhos. Os olhos verdes do pai, tão parecido com os seus. A mesma cor, o mesmo formato.

— Onde estou?

— Na ambulância. Vamos ao hospital. Você precisa passar por exames e, provavelmente, por cirurgia. Fique bem, por favor, fique bem.

— A Diana!

— Está bem. Agora é você que precisa de cuidados. Depois falaremos sobre o que aconteceu.

— A minha mãe!

— Já avisamos a ela e está pegando o próximo voo para o Brasil.



Aos poucos a vida foi voltando à rotina.

Caio e Cecília deram à luz uma linda menina, a quem chamaram de Isabela. Para comemorar o nascimento da neta, e a pedido de Hugo, que se sentia obrigado a dar explicações aos envolvidos no caso do Tatuador, Eliseu convidou família e amigos para um churrasco em sua casa.

— Estamos todos curiosos — comentou Benjamin, abraçado a Diana e com Luísa ao seu lado, quando Hugo levantou-se para falar. Ele ainda estava se recuperando da cirurgia, mas o susto maior já havia passado.

— O que aconteceu a Augusto? — perguntou Diana. — Só de pensar nele eu sinto ânsia.

— Ok. Chega de mistério. O nosso emocional já foi bastante castigado.

— E põe castigado nisso! — acrescentou Ben.

— Desembucha logo! — brincou Cristóvão.

— Peço calma. Vamos por partes. Quando tinham cerca de nove anos, os gêmeos viram o tio matar Iolanda Palhares.

— Palhares? — estranhou Diana. — É o mesmo sobrenome...

— Sim. Ela era casada com o outro tio deles. Depois de matá-la, ainda violentou o cadáver. Tudo isso diante dos meninos. Augusto ficou em choque e desmaiou. Quando acordou, aparentemente não se lembrava de nada. Alberto, por sua vez, copiou os atos do tio.

Hugo parou para tomar um gole de cerveja e verificar se tinha a atenção de todos.

— Com o passar do tempo, Augusto passou a ser um menino bastante retraído. Isso até o dia do acidente de carro. Os pais e os gêmeos estavam voltando de um final de semana na serra quando o pai perdeu o controle do carro e apenas os gêmeos, que na época tinham quinze anos, sobreviveram. Um dos meninos chegou em coma ao hospital e o outro não sofreu nada, exceto pequenas escoriações e uma cicatriz na batata da perna, que escondeu com uma tatuagem e, para que não chamasse a atenção, fez outra na panturrilha oposta. Simetria era a chave de tudo.

— E qual dos gêmeos saiu ileso? — perguntou Luísa.

— Calma, tudo a seu tempo. O gêmeo que chegou em coma acabou não resistindo.

— Mas por que havia dados dos dois gêmeos, como se ambos tivessem sobrevivido ao acidente e crescido normalmente? — inquiriu Benjamin.

— Essa foi uma jogada de mestre do tio. Ele era médico no hospital em que os meninos foram internados. Alberto chegou ao hospital com vida. A ideia de perder o pupilo não entrava na sua cabeça. E ele, em vez de anunciar a morte do sobrinho, deu alta a ele.

— E o corpo? — perguntou Diana.

— Ele o embalsamou e deixou na casa. Durante boa parte da sua adolescência, Augusto se viu trancado em um cômodo com um cadáver, com quem deveria conversar e interagir, sob pena de ser torturado pelo tio, que só o libertou quando constatou que Augusto havia absorvido a índole e a personalidade do irmão. A partir daquele dia, o garoto passou a ser assombrado pelo próprio cérebro e, com o passar dos anos, assimilou mais

uma identidade. Quando estava bem, era o calmo, inteligente e meigo Augusto. Nos outros momentos, era o cruel, assassino e simétrico Alberto.

— E o que foi feito com o corpo? Ainda está na casa?

— Sim e não. Foi enterrado no jardim da casa e, para não levantar suspeitas, cimentaram o terreno.

— Isso faz muito tempo?

— Sim. Cerca de vinte anos. Foi logo depois que ele terminou a residência.

— Mas me explica uma coisa — pediu Diana. — O Augusto me disse certa vez, uma das poucas em que falou sobre o "irmão" — disse ela, fazendo o sinal de aspas com as mãos ao falar a palavra irmão —, que ele era médico legista. Como isso era possível?

— Porque era verdade, ou quase isso. Usando a identidade de Alberto Palhares, ele fez a residência em medicina legal.

— Quer dizer que Augusto era cirurgião plástico e legista? — continuou Diana.

— Sim e não, novamente. O diplomado em medicina legal era Alberto.

— Como ele conseguiu isso? — questionou Diana.

— Ainda estamos averiguando, mas tudo indica ser um diploma comprado, ou melhor, diplomas, tanto de medicina quanto de residência.

— E pensar que deve haver outros casos como esse no Brasil...

— Que loucura! — alguém exclamou.

— E a Geisa? — quis saber Carla.

— Agora está presa por ser cúmplice dos crimes. Ela era uma marionete na mão dele. Era uma mulher bonita e, digamos, simétrica, sustentada e manipulada por ele, que a dominava. O mesmo acontecia com Lia, porém, quando esta tentou se rebelar, acabou sendo assassinada.

— Geisa e ela eram mesmo amantes ou era mais uma farsa? — perguntou Luísa.

— Segundo Geisa, elas se amavam. Era real. Ah, e uma informação que pode deixar todos de queixo caído: Geisa era casada com Alberto, enquanto Lia era casada com Augusto.

— Então elas sabiam? — indagou Caio.

— Sim. Afinal, os irmãos jamais apareciam juntos, apesar de Geisa ter dito até o fim que desconhecia essa dupla personalidade do marido. — E a Luana? — perguntou Benjamin.

— Nunca saberemos se é verdade ou não, mas Geisa disse que ela pediu para participar da orgia. A princípio Lia foi contra, mas acabou cedendo.

— E por que Luana fugiu?

— Porque chega uma hora que a brincadeira deixa de ser legal, mas o dono do bordel não poderia deixar a sua mais cobiçada moça de fora.

— Do que você está falando?

— Da "Rood Licht" e da "Laatste realiteit". Para quem não sabe, são, respectivamente, uma empresa de garotas de programa e uma de sequestro. Se alguém quiser mais detalhes sobre elas, depois eu falo. Caio, Isabel e Benjamin, vocês se lembram do nome Albertjan Pabst?

— Claro que sim! — falou Ben. — Era o dono da "Laatste realiteit"!

— Não só. Era proprietário também da "Rood Licht". Alberto, Augusto e ele eram a mesma pessoa — pronunciou-se Cristóvão.

— Luana foi para a Holanda ser uma das garotas de programa mais cobiçadas e bem pagas da empresa. Depois, eles juntaram isso à empresa de sequestro. Ela era uma das "sequestradoras" — Hugo fez o sinal de aspas com as mãos.

— E só sequestravam homens? — perguntou Cecília, até então quieta.

— Não. As pessoas que contratavam a "Laatste realiteit" preenchiam um formulário explicando o tipo de sequestro que queriam e as características dos sequestradores. Não só homens, mas também muitas mulheres pediam mulheres dominadoras para sequestrarem-nas. O sequestro era apenas um up a mais, porque o principal motivo de contratarem a empresa era para participar de uma orgia em que seriam o centro das atenções.

— E eu que pensava já ter visto de tudo! — comentou Clóvis, até então quieto no canto do jardim, com sua tulipa de chope. — E as vítimas dele? Havia alguma de que não tivéssemos conhecimento?

— Ele tinha mais de trinta álbuns de fotos. Tentamos encontrar todas, mas algumas ainda estamos tentando descobrir a identidade.

— Mudando de assunto... Alguém tem notícia do Milton? — perguntou Cristóvão.

— Eu ia deixar para falar depois, mas já que perguntou… Recebi há pouco a informação de que ele passa bem e logo poderá deixar o CTI.

— Esse menino será um grande policial! Ele encarou o safado e, apesar de ter levado um talho na barriga, passa bem — manifestou-se Eliseu.

— Sim. Augusto foi bem traiçoeiro ao tentar matar Milton. Ele sabia que não era nenhum de nós, mas tinha a noção de que esse ato poderia nos desestabilizar — comentou Hugo.

— E em que momento Augusto pegou a pistola? — perguntou Benjamin.

— Ele desarmou Milton e tentou atirar na gente. Augusto não utilizava arma de fogo em suas vítimas, mas viu no revólver a chance de sair ileso do confronto — explicou Hugo.

— E quem matou o cretino? — indagou Diana.

— Seu pai — respondeu Eliseu. Ele deu um tiro certeiro quando Augusto estava mirando o seu grande troféu daquele dia: Benjamin.

— Agora podemos erguer um brinde aos nossos bravos heróis! — falou Cristóvão.

— E por que a comemoração precisa terminar hoje? — perguntou Eliseu. — Todos virão amanhã para o enterro dos ossos, certo?

FIM

Agradecimentos

Eu adoraria poder escrever o nome de todas as pessoas que me ajudaram na realização deste sonho, mas tenho receio de deixar alguém de fora, não por desconsideração ou algo do gênero, mas por total falta de espaço. Por isso, serei breve.

Agradeço, primeiro, a Deus, que me deu a vida e pôs no meu caminho pessoas tão especiais.

Eu não poderia deixar de citar a minha família, meu alicerce: Sophia (minha filha, minha eterna princesinha), Flávio (meu marido, meu companheiro, meu amor), meus pais: Marisa e Virgilio, e meu irmão Ricardo, sem vocês e sua vibração a cada degrau avançado, nada disso seria possível.

Roberta Costa, minha beta e leitora crítica querida, que leu antes de todo mundo e fez com que este livro ficasse completo, não há palavras para agradecer.

Preciso agradecer aos meus amigos de vida e de caminhada, pessoas que me apoiam e que estão ao meu lado. Não há a necessidade de citar nomes, mas quero que saibam que moram em meu coração. Para vocês, meu muito obrigada.

Lilian Vaccaro, editora chefe, e toda família Coerência, obrigada por terem me recebido de braços abertos. Sem vocês, esta realização não estaria completa.

Obrigada à querida revisora Talita Caroline Paes, que deixou o texto mais limpo e coeso.

Por fim, deixei o agradecimento mais importante: ele é dedicado a você, que acabou de ler este livro. Quero, assim, finalizar agradecendo a você, leitor, amigo real ou virtual, companheiro de escrita ou apenas amante da leitura. Sem você, este sonho não teria sentido. Muito obrigada!

Renata Maggessi

INFORMAÇÕES SOBRE A COERÊNCIA

Para saber mais sobre os títulos e autores da
EDITORA COERÊNCIA,
visite o site **www.editoracoerencia.com.br**
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de sorteios, promoções e eventos.

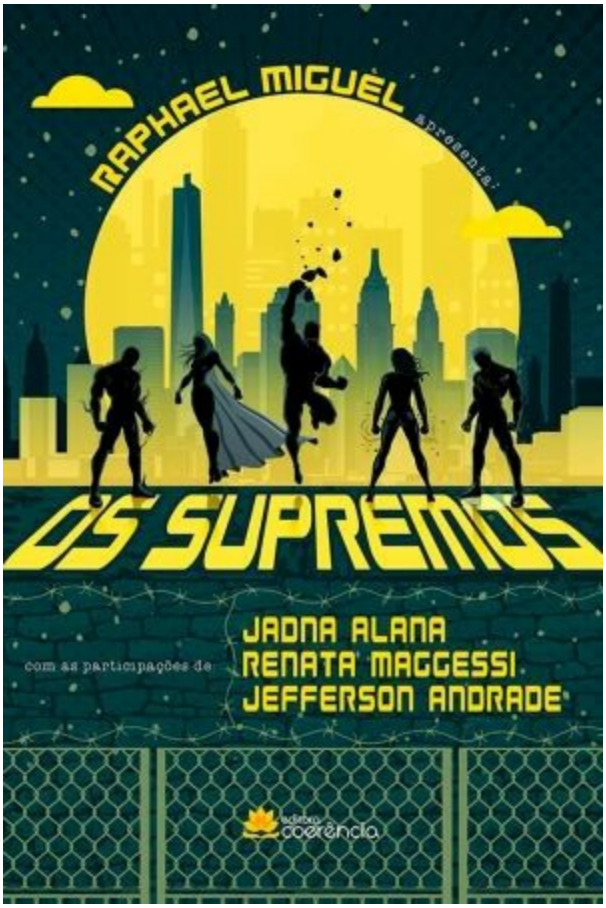
www.editoracoerencia.com.br

facebook.com/editoracoerencia

@editoracoerencia

Editora Coerência
Rua Pinhancó, 12A
Parque São Rafael — SP — Cep . 08320-350
E-mail: lilian@editoracoerencia.com.br
Tel.: (11) 2011-3113

Não perca a oportunidade de realizar o sonho de se tornar um escritor(a). Envie seu original para o nosso e-mail e publique conosco.


RAPHAEL MIGUEL apresenta:
OS SUPREMOS
com as participações de
JADNA ALANA
RENATA MAGGESSI
JEFFERSON ANDRADE
editora coerência

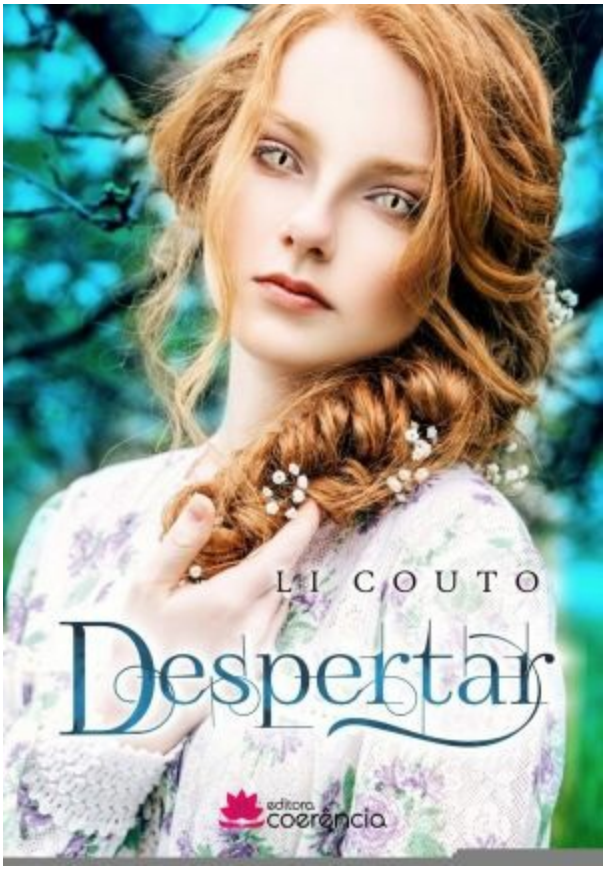
Os Supremos

Miguel, Raphael
9788553270347
330 páginas

Compre agora e leia

"... preciso deixar este documento registrado para a posteridade. Hoje sou um pesquisador de fama internacional e reconhecido por ter descoberto o gene 'supremo', sobre o qual elaborei uma série de estudos e dediquei boa parte de minha carreira. Graças aos esforços da repórter Marisa Gimenez, todos sabem da existência destes seres poderosos, portadores destas características, que pisam sobre a terra, mas meu estudo está longe de ser completo. Agora, faço parte do projeto 'Incógnito', subsidiado pelo governo, o mesmo governo que tentou me calar anos atrás. Ainda não sei o que querem com a minha pesquisa, qual o verdadeiro propósito disto, ou os motivos de supervisionarmos estas pessoas tão extraordinárias. Seja como for, o projeto voltou seus olhos a quatro incidentes separados que envolvem cinco supremos. Estaremos colhendo informações importantes sobre esses pretensos heróis, esses deuses entre nós, aqueles a quem chamamos de [texto ilegível]. Tenho certeza que esta experiência será de grande valia para compreendermos."

Compre agora e leia


LI COUTO
Despertar
editora coerência

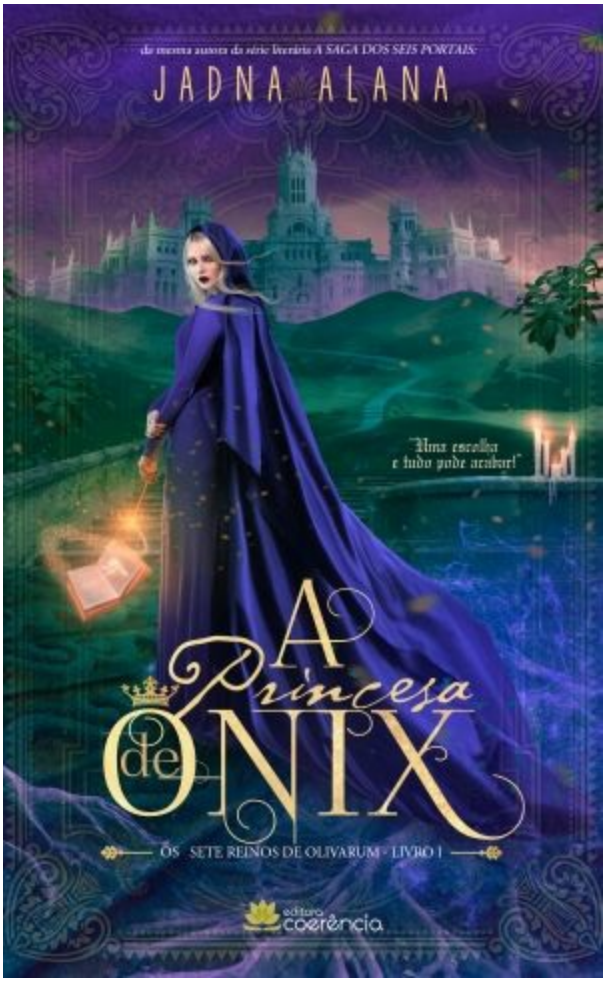
Despertar

Couto, Li
9788553270040
250 páginas

Compre agora e leia

Paola sofre de uma maldição que altera sua aparência transformando seus olhos como de um tigre. Aumentando sua insegurança ainda mais aflorada pela adolescência, a tornando uma jovem reclusa e solitária numa pequena cidade do interior. Durante uma crise de transformação, que ocorre toda vez que seus sentimentos vem à tona, ela conhece Arthur um jovem rapaz, que a ajudará a encontrar uma maneira de eliminar este mal de sua vida. E durante esta jornada eles se apaixonam. Sem saber o que está por vir a seguir. Colocando-a num dilema de acabar como o restante das mulheres de sua família ou se confiará num poder desconhecido colocando Arthur em perigo. Despertar é uma história de poder, amor, aventura e descobertas.

Compre agora e leia


de mesma autora da série literária A SAGA DOS SEIS PORTAIS:
JADNA ALANA
"Uma escolha
e tudo pode acabar!"
A Princesa de ONIX
OS SETE REINOS DE OLIVARUM - LIVRO I
editora coerência

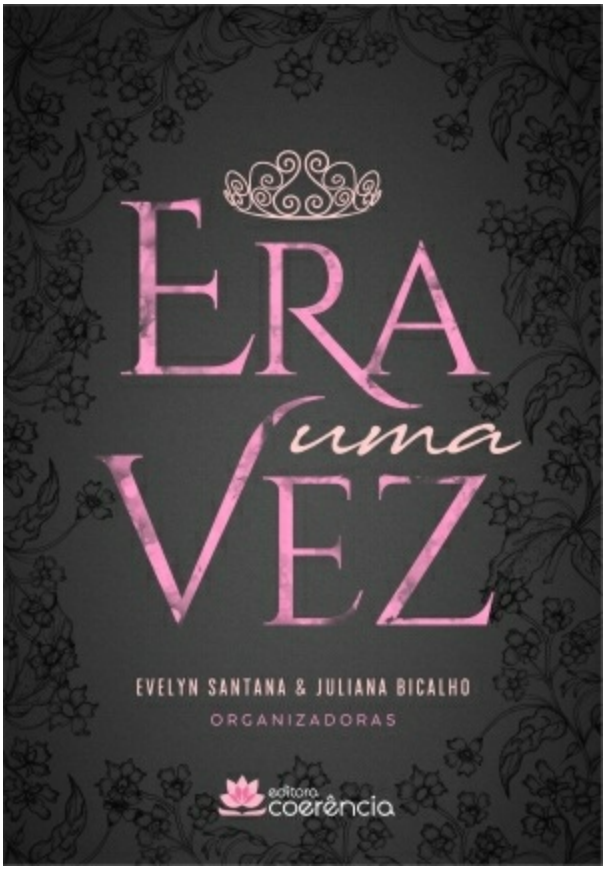
A princesa de ônix

Alana, Jadna
9788592572723
400 páginas

Compre agora e leia

Em um mundo onde a magia é possível, Sete Reinos foram criados pela Trindade Iniciadora. Eles foram representados por espécies mágicas diferentes e a lei e o poder foi a única verdade absoluta para ser vivida durante os últimos séculos. No Reino de Ônix, a princesa bruxa Amie Bell, acaba de completar dezoito anos de idade. Uma data que deveria ser comemorada com muita alegria, mas que acaba se tornando o pior dia da vida dela. Encurralada por um feitiço que deu errado, a jovem embarca em uma aventura onde descobrirá o que existe além dos muros do palácio onde viveu a sua vida inteira. Terá que despertar suas habilidades para sobreviver sem todos os caprichos que tinha como princesa e terá que lutar por sua sobrevivência com a ajuda de um Clã que vive contra as leis de Olivarum. Você está pronto para encarar essa aventura? Lembre-se: Se fizer a escolha errada, tudo pode acabar.

Compre agora e leia


ERA
uma
VEZ
EVELYN SANTANA & JULIANA BICALHO
ORGANIZADORAS
editora coerência

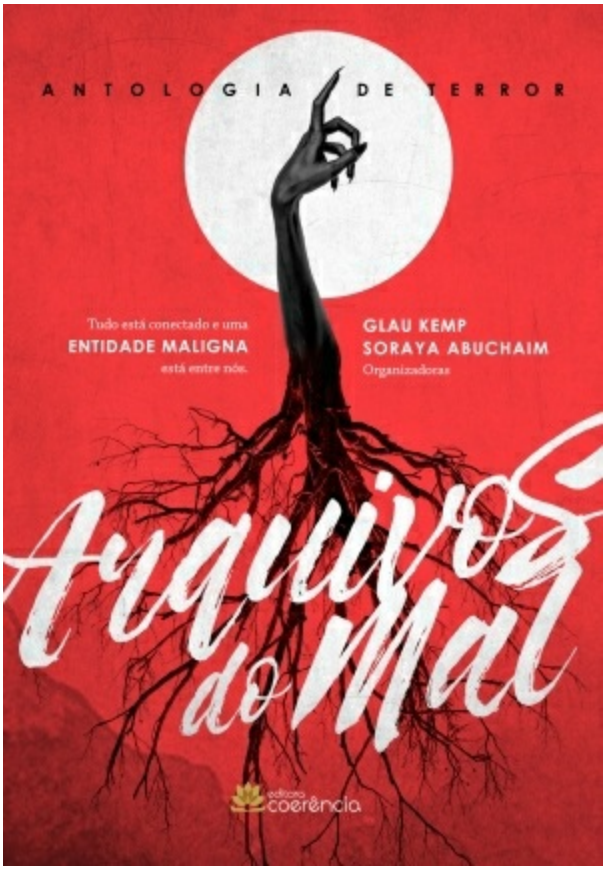
Era uma vez

Santana, Evelyn
9788592572747
350 páginas

Compre agora e leia

Era uma vez… um livro sobre princesas… Tudo começou com os contos de fadas, com o modelo de princesas a ser seguido. Sempre bem-educadas, com pele alva, um castelo e um príncipe em um cavalo branco. Mas e se a história real, aquela que as pessoas escondem, não for bem assim? Embrenhadas em florestas, envoltas por livros espessos de encantamentos, vivendo entre nós e também em mundos paralelos, nossas princesas trazem segredos que prometem revolucionar os contos de fadas em que eram submetidas. Bem-vindo à verdadeira realeza.

Compre agora e leia


ANTOLOGIA DE TERROR
Tudo está conectado e uma
ENTIDADE MALIGNA
está entre nós.
GLAU KEMP
SORAYA ABUCHAIM
Organizadoras
Arquivos do Mal
editora coerência

Arquivos do mal

Kemp, Glau
9788592572730
420 páginas

Compre agora e leia

Pelas ruas escuras de uma cidade que nunca dorme, algo caminha invisível. Nos locais históricos que compõem uma metrópole, algo se esconde inquieto. Por trás das janelas sem luz de construções conhecidas, algo – ou alguém – observa. Entre contos e casos, os espíritos e demônios transitam pelas avenidas de São Paulo, junto dos passantes, misturando-se aos viventes. Suas histórias, terríveis, perduram e viajam no sopro da noite e forçam a cidade a nunca se esquecer de quem foram, ou talvez de quem ainda são: apenas almas perdidas, torturadas pelo inferno, tendo o mapa turístico de uma selva de pedra como único registro de onde, um dia, costumavam passar. Quando o terror e a loucura se misturam com a realidade, somente os arquivos das tenebrosas histórias poderão revelar ao mundo os fatos como ocorreram, e não como foram imaginados. Uma investigação que busca respostas, mas que no fim chegará a apenas uma assombrosa conclusão: seja em um velho teatro, em um antigo cemitério ou em uma praça que um dia fora palco de execuções, o mal existe, e está à espreita de qualquer um que ouse desafiá-lo.

Compre agora e leia